

média, Pegolotti nos diz (1340), que em Constantinopola a *pimenta redonda* se vendia por pesos de 100 libras, e a *pimenta longa* por peso de 1 libra, como outras substancias e mercadorias das mais preciosas. E dous seculos depois, as duas *pimentas* pesavam-se em Hormuz tambem por modos diversos, vindo a *pimenta* ordinaria as mais das vezes em alcofas, e entrando a tara no peso, o que não succedia com a *pimenta longa*, pesada como o *benjoin*. Em todo o caso, o que importa notar, é que a *pimenta longa* — como tambem a *branca* — figurava por uma parte relativamente insignificante no grande commercio portuguez, que teve principalmente por base a *pimenta preta* usual, e d'esta, principalmente a do Malabar.

A partir logo dos primeiros annos, que se seguiram ao descobrimento do novo caminho para a India, o commercio das especiarias, e muito especialmente o da mais importante de todas, a *pimenta*, foi vedado aos particulares, ou foi-lhes consentido apenas sob certas condições e apertadas restricções. Já em um longo, minucioso e interessantissimo regimento, dado a Fernão Soares, no anno de 1507¹, se estabelece: «..... que toda a especiaria, que se ouver de comprar na Jndia, se compre por nossos ffeitores, e officiaes, que la estam, e nam por outra maneira; e pera asy o fazerem, lhe á de ser entregue nosso dinheiro e asy o das ditas partes, pera a pimenta, que ham d aver». As *partes*, isto é, os capitães e gente das guarnições dos navios, com outras pessoas que obtinham esta mercê especial, não podiam, pois, comprar livre e directamente a *pimenta*, mas entravam n'uma especie de parceria com o rei, partilhando com elle os ganhos, assim como as perdas e quebras do negocio. Mais tarde as restricções tornaram-se ainda mais severas, e no anno de 1518, D. Manuel, dirigindo-se a Fernão d'Alcaçova, veador da fazenda na India, prohibiu toda a transacção em *pimenta*: «..... defendemos e mandamos por este presente que nhũ christão Portugues não compre por modo algum nhũa pimenta», sob pena de perder toda a sua fazenda. Isto não foi bastante, e algumas pessoas, levadas pelo interesse, continuavam a comprar, tornando assim a mercadoria mais cara e mais escassa, de modo que os feitores d'elrei se viam obrigados a tomar *pimenta* «verde, e suja, e mascavada». Então D. Manuel, em um alvará escripto em Evora a 7 de Fevereiro de 1520, confirmou todas as prohibições: «..... nhũas pessoas, asi christãos como mouros, gentios, judeos, e quoaesquer outros de qualquer condição que sejam, nom tratem com a dita pimenta.....» A penalidade imposta era severa; perder toda a sua fazenda, e ficar alem d'isso sujeito á «pena crime que vos bem parecer» — isto é, en-

¹ Ultimamente publicado em *Alguns doc. do Arch. nac. da Torre do Tombo*, etc. Lisboa, 1892.

tregue ao pleno arbitrio do governador. A *pimenta* ficou assim sendo, o que na India chamavam uma *droga defeza*; e todo o seu commercio se concentrou nas mãos de el-rei ou do estado. Exceptuavam-se apenas certas porções de *pimenta*, dadas na India em pagamento de soldos, ou concedidas aos capitães e guarnições das naus por um sistema complicado, datando logo da viagem de Cabral, conhecido depois pelos nomes de *quintaladas* e *partidos do meio*, e que seria impossivel explicar nos estreitos limites d'esta nota.

Igualmente nos é impossivel discutir aqui os preços da *pimenta* e as suas variações, tanto na India como em Portugal; e só darei a tal respeito indicações muito rapidas. Segundo o nosso Orta, o quintal de *pimenta preta* usual valia em Cochym dous cruzados e meio. Isto é muito proximamente confirmado por Antonio Nunes, o qual dá o quintal como valendo 17100, e uma fracção de real, sendo computado o cruzado de oiro em 426 réis¹. Não conheço os preços de Lisboa nos meados do seculo, mas nos ultimos annos, a partir do de 1587, oscillavam de 26 cruzados, preço minimo, a mais de 50, podendo talvez tomar-se uma media de 30 a 40 cruzados por quintal. Seguramente, de $2\frac{1}{2}$ a 40 cruzados ía uma larga margem de lucros; mas a despeza de viagem era grande, excedendo 12 cruzados por quintal, e havia quebras e outras perdas. Bastava um sinistro para annullar os ganhos. No anno de 1594, em que ardeu a nau *Chagas*, o negocio da *pimenta* deu perda, não obstante vender-se a das naus que chegaram a salvamento pelos preços altos de 45 e 52 cruzados o quintal. Em outros annos, porém, os ganhos eram avultados; e o trato da *pimenta* constituiu um dos grandes rendimentos do estado. Em um orçamento, feito por Figueiredo Falcão, para um dos annos do principio do xvi seculo, calculando-se os rendimentos geraes de Portugal em 1:672 contos de réis proximamente², computava-se o producto de 20:000 quintaes de *pimenta* em 240 contos, o dos direitos de cinco naus em 150 contos, e os rendimento proprios da India em 355 contos proximamente, ou sejam 745 contos, quasi metade do rendimento geral, derivados directa ou indirectamente da India. Mas se examinassemos parallelamente os orçamentos de despeza, e tomassemos em consideração os enormes gastos de administração na India, de construcções navaes e outros, nós chegaríamos de certo á conclusão do sr. Oliveira Martins em um

¹ Estes 17100 réis, ou antes *reaes*, tinham um valor intrinseco superior a 52500 réis, e equivaliam talvez a 225000 réis de hoje; mas sobre estas equivalencias tenho graves duvidas, quando se trata da India e mesmo de Portugal; vejam-se as notas ao *Coloquio do Cravo*.

² Dou os proprios numeros de Falcão, que têm naturalmente de soffrer as correções á conhecidas.

dos seus estudos, isto é. «que a *pimenta* foi um mau negocio para o thesouro de S. A.»

A *pimenta*, com outras drogas e mercadorias, vinha para a Casa da India, e d'ali saía para o consumo do paiz, e principalmente para o consumo geral da Europa, ou por vendas feitas em Lisboa, ou pelas remessas directas. Diz-se, que no dia 21 de janeiro do anno de 1522 um navio portuguez levou pela primeira vez directamente a *pimenta* e especiarias da India á cidade de Antuerpia. Parece-me esta data um pouco tardia, posto que não tenha noticia de remessa anterior. Mais tarde, estabeleceu-se a Feitoria de Flandres, pela qual corriam as vendas. Esta Feitoria serviu principalmente para base de operações financeiras desastrosas; faziam-se vendas antecipadas; sacava-se a descoberto sobre a *pimenta* futura; e no anno de 1544 deviam-se ali e em Castella, proximamente 4:000 contos de réis, somma enorme para o tempo; e isto a juros tão altos, que «se dobra o dinheiro em quatro annos». Como dizia o Conde da Castanheyra em um interessante documento, que hoje chamariamos um *relatorio* sobre o estado da fazenda publica: o grande mal «foy começar-se a tomar dinheiro a cambio. E des que se começou a tomar ategora nunca se outra cousa fez: e quasi se não sostem dal as despezas de Vossa Alteza». Tristemente actual toda esta phase.

Ficaremos por aqui, notando unicamente, que a historia, sobremaneira interessante, da Casa da India e da Feitoria de Flandres, não está feita, e não seria possivel fazel-a pelos documentos até hoje publicados. Não obstante as notas curiosas, dispersas por todos os nossos chronicistas, o valiosissimo auxilio dos *Subsidios*, publicados por Felner, o livro capital de Figueiredo Falcão, alguns documentos importantes, reunidos por fr. Luiz de Sousa para os seus *Annaes de D. João III*, e publicados por Herculano, os do *Archivo Portuguez-oriental* de Rivara e varios outros, não obstante o que de tudo isto se póde deduzir, ainda restam muitas lacunas e muitos pontos obscuros, que só uma revisão minuciosa e intelligente dos nossos archivos poderia preencher e esclarecer.

NOTA (2)

Os *pecegos*, como muitos outros fructos das regiões temperadas, iam da Persia para a India por Hormuz, e eram muito apreciados dos portuguezes, que tinham algumas saudades da fructa da sua terra. A idéa de que primitivamente foram venenosos era uma velha lenda classica, contada já por Columella, e á qual allude tambem Camões:

O pomo que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

COLOQUIO QUADRAGESIMO SETIMO

DA RAIZ DA CHINA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Queria levar a Portugal alguma *raiz* ou *páo da China*, pois nam he droga defesa; e pera isto queria que me dixeseis a feiçam della, e vosso parecer, e pera que enfermidades aproveita; e me diguaes todos seus sinaes, e a maneira da administraçam nas enfermidades* que se dá; e se usaram em Portugal desta raiz, por ser a terra mais fria e a mézinha ir de qua mais fraca; e como se conservará millhor esta raiz, pera ir mais fresca; e qual he millhor, se esta, se o *guaiacam* das nossas chamadas Indias; e nam vos cegue** afeiçam porque esta mézinha está mais perto, e será de vos mais usada.

ORTA

Este *páo* ou *raiz* nace na China, terra muito grande, e que se presume confinar com Moscovia, e se Laguna lhe chama Indias mais orientaes, não acerta nisso muyto, senão se escusa com dizer que todas as terras não sabidas se chamavam Indias; e nam vos direi aqui as rezões, por onde se presume confinar com Moscovia, por ser cousa de pouquo proveito, e nam conforme á vossa entençam***. E porque nestas terras todas, e na China e em Japam, ha este *morbo napolitano*, quiz o misericordioso Deos darlhes por remedio esta raiz, da qual sabem lá bem curar os bons fisicos; porque os máos em todo cabo erram. E como elles curam lá

* Parece faltar a palavra «em».

** Deve tambem faltar aqui o artigo «a».

*** Veja-se a nota, vol. 1, pagina 271.

com esta mézinha, acertaram acaso de trazer della esta raiz os Chins pera se curar cá no anno de 1535.

RUANO

E como soubestes o uso deste *páo*, pois as náos da China não vinham mais que até Malaqua, e os Portuguezes que iam á China nam conversavam em terra com os Chins?

ORTA

Eu vim de Portugal hum anno antes, e trouxe pouca fazenda (como se acontece a muytos), entre a qual trouxe cinco quintaes do páo chamado *guaiacam*, o qual ao tempo de agasalhar, não foy bem alojado, e tomaramme delle o que quizeram as pessoas que o queriam tomar; e, chegando a esta terra, achei que pereciam muytas pessoas de *talparias*, e de outras chaguas de *sarna castelhana*, e a muytas dellas não aproveitava o remedio das unturas. E chegando a esta terra, eu fuy mui festejado por trazer este *páo*, porque já cá se aviam curado com elle algumas pessoas, ás quaes avia socedido bêm, e asi esperavam por elle de Portugal, e eu vendi o que trouxe por mil crusados; e quiz Deos isto, porque trazia pouca mercadoria, e afóra isto dei algum de graça, e, como dixee, muyto me furtaram ao embarcar e desembarcar, e quiz Deos, que a todos que o tomaram succedesse muito bem. E como loguo se acabou o meu *páo*, compravam o *páo*, já cozido, a cinco crusados o arratel; e, porque custava tanto, queria Deos que aproveitasse. E nesse tempo vivia a gente esperando as náos, que aviam de vir do reino, pera ver se traziam *páo*, e veo muito pouco ou nenhum. E neste tempo foy curado hum homem muyto honrado e riquo, o qual, estando em Dio, contou a meu amo Martin Afonso de Sousa, que lá estava tomando posse da fortaleza que lhe ahi deu o soldam Bhadur, rei de Cambaia*, como avia sido curado com o *páo da China*, com que se

* Póde ver-se *Garcia da Orta e o seu tempo*, pagina 95 e seguintes.

achára muyto bem, e tivera inteira saude, e que não requeria dieta alguma, somente lhe vedavam que nam comesse carne de vaca, nem de porquo, nem peixe, nem frutas verdes; e ainda na China lhe concedem o peixe; porque sam os Chins muito comedores. E, como isto foy bem divulgado, desejava a gente em grande maneira aver este *páo*; porque todos os homens sam inclinados a comer e beber, e muyto mais os desta terra por sua ociosidade, e mais porque entonces tomavam o *guaiacam* com muyta dieta; porque tambem asi se tomava em Espanha. Asi que vindo as náos de Malaqua, valeo algum pouquo desta raiz, que nellas veo, a dez crusados a *ganta* (que he peso de vinte quatro onças)*, e depois os outros annos valeo tam barato, que val ás vezes a trinta reis a *ganta*. Desse tempo pera cá, foy degradado o *páo* das Indias de Castella, como castelhano que vinha a matar de fome a gente que cá abita; em tanta maneira que as náos que corresponderam ás em que eu vim, troxeram grande soma de *páo* de Portugal, com a fama que levaram da minha boa venda, e não foy dado por dinheiro algum, e pouquo a pouco se guastou nesta terra, queimandose. Ora olhai senhor, se tenho eu rezam de estar milhor com este *guaiacam*, que com o *páo da China*, e certo que destoutro, dandose pella maneira que se dá, scilicet, dado, considerando primeiro a calidade e compreisam do enfermo e a natura da enfermidade, e o tempo e regiam, se he fria, se quente, e o sexo, e a idade de quem o toma**. E não vos maravilheis louvalo eu tanto, pois que ninguem ouve que o louvase; escrevendo tantos escritores cada dia louvando o *guaiacam*; porque en-

* No *Livro dos pesos*, «*ganta*» é uma medida de capacidade, equivalente a 5 quartilhos; e no mesmo sentido é tomada no *Tombo*, onde, nas despezas da igreja de Malaca se descrevem:

«E oyto quantas d'azeite de coquo cada mês pera as alampadas.»

Yule e Burnell, no *Glossary*, dizem, porém, que *gantón*, segundo alguns viajantes antigos, era uma medida ou *peso*, usado no Archipelago Malayo.

** Orta esqueceu-se evidentemente de terminar a sua phrase.

tre elles hum fidalgo alemam escreve hum livro de seus louvores, em muyto copioso estilo e mui puro latim, e pudera ser escrito em huma folha de papel (1); e destoutra *raiz da China* dizem Vesalio e Laguna muytos males, dizendo que he podre, e sem vertude esta *raiz da China*, e que custa muito dinheiro, e eu nam tenho que ver com que custe muyto, nem pouco, nem que seja cara, nem barata, antes me parece bem o que diz Mateolo Senense, que abasta pera esta raiz ser boa mézinha tomala o emperador Carlos quinto, e aproveitarlhe. E certo que dado com as condições acima ditas, muyto aproveita a todos.

RUANO

Quanta cantidade deste *páo* ou *raiz* cozem pera huma pessoa?

ORTA

Se o mal he muyto grande, cozem huma onça desta *raiz* em quatro canadas de agoa, e gasta a metade da agua; e a outra guardamna em vidro ou barro vidrado; e tiramlhe a escuma ao cozer, porque he boa pera deitar em algumas chaguas; e ás vezes a deitamos sobre as chaguas ou inchaços, e o baffo, quando está cozendo, he muyto bom pera a dor; e outras vezes fazemos fomentaçam com esta agoa quente nos inchaços: e outras vezes pomos panos molhados em chagas, e he muyto bom mondificativo. Os Chins costumam dar mais cantidade de *páo*, em suas terras; e algumas pessoas desta terra quiseram imitar os Chins, cozendo duas onças de *páo* ou onça e mea, e acharamse mal com isto, porque os esquentou muito; e eu mesmo tomei este *páo* com suadoiros pera huma ciatica que tinha, sem suspeita de *morbo galico*; e porque tomei suadoiros, e bebia aguo a quente, como se costumava em principio, quando este *páo* veo, encheoseme o corpo de eresipula e leicenças, pollo grande esquentamento que me fez no figado; e foime necesario sangrarme, e beber aguo a de cevada, e açucare rosado, e pôrme ao vento, e asi fui restituído á saude. E de mim tomáram exemplo muytas pessoas depois, e não qui-

seram tomar mais aguoá quente, nem deitar tanta quantidade de *páo*, como deitam na China; porque a terra he lá fria em extremo, e esta muyto quente. Somente a tomam cá, quando ha a neseçidade dos suadoiros, pella manhan quente pera suar, e quando ha necessidade dos suadoiros e as enfermidades sam maiores, tomam suadoiro polla manhan e á noite; e tambem nos tempos muyto quentes, não damos o *páo* a ninguem, quanto mais suadoiros. Esta he a maior quantidade, que costumamos a dar cá, scilicet, huma onça cozida em quatro canadas de aguoá, e coza até que gaste a metade; e a outros dam mais pequena quantidade de *páo*, ou que tenha menos cozimento.

RUANO

E não a retificaes com algumas mézinhas?

ORTA

Senhor, si; porque a mandam retificar, e quando o mal he mais pequeno, ou a compreisam mais quente, damos huma onça de *páo* cozido em quatro canadas de aguoá, e que fique em duas e mea, e ás vezes em tres; e daqui passamos poucas vezes; e tambem trabalhamos que o *páo* seja bom e pesado, e que não tenha caruncho; e se, com estas condições, fôr branco he melhor que o vermelho. E quanto he á retificaçam, costumam os Chins deitar raiz de aipo no cozimento; e dali, e mais da rezam em que se fundavam os Chins, acustumei eu nam dar *páo* sem retificaçam: scilicet, quando padece mais a cabeça ou os nervos, deito rosmaninho, ou rosas, ou aipo se o figado está opilado, ou raizes de endivia se está quente, com alguma opilaçam; outras vezes o dou pera ulceras dos rins e bixigua, e lhe deito alcaçuz; e aqui ouve hum tísico*, aquem o eu dei, mesturado com outro tanto de cevada como era o *páo*, e com pouquo cozimento, e oje em dia está sam.

* Na edição de Goa «físico»; mas da *errata*, apesar de errada, e do sentido, julgo deduzir que deve ser tísico.

RUANO

Que vos moveo a dar o *páo*, em enfermidade tam quente em membros esperituaes?

ORTA

Moveome ver o paciente cheo de inchaços na cabeça, e em outros cabos, e escarrar materia, e não lhe aproveitarem os outros remedios, e irse consumindo, e como quer que foy, socedeo muyto bem, e o homem ficou sam; e depois o fizeram outros muytos, e acharamse bem com isto. E já aguora ninguem toma o *páo*, que o não tome retificado com alguma mézinha; porém eu me quero gabar que fui o primeiro que isto usei, e por meu exemplo o fizeram os outros.

RUANO

Dizeime, se he bem purgar primeiro ao enfermo que tome este *páo*, e se tem alguns accidentes nelle os que o tomam, porque he bem sabelos, pera o remediar quando vierem; e quando aproveita mais este *páo*, se no principio das enfermidades ou no estado dellas; e se aproveita mais nas enfermidades grandes, ou nas pequenas.

ORTA

Regra geral he xaroparemse e purgaremse os homens antes que o tomem; e se o mal he muyto grande, fazemos os xaropes solutivos. E porque polla maior parte he este negocio freima, acrecentamoslhe *turbit* ou *agarico*; e mando agoar os xaropes ás vezes com aguo do *páo*; e depois de purgado, com boa regra, lhe começamos a dar o *páo*, e aos quinze dias, se he necesario, lhe damos hum minorativo, e ás vezes outro, ao cabo dos trinta dias; e se neste tempo não faz camara, cada dia o cristelizamos com a aguo do *páo* e mel rosado, e olio violado; e canafistola, e isto segundo o que a nescidade requer; e estes minorativos, que lhe damos ás vezes, não sam de mais que de manná e canafistola, e ruibarbo desatado em aguo do *páo* ou de endivia, ou de cozimento de ameixas ou de alcaçuz, ou aguo de cevada: e se o enfermo se esquento muyto, damoslhe a

agua do *páo* em menos cozedura, ou mesturamoslhe agua de envidia ou de fumus terræ, se a ha, ou de lingua de vaca, se se acha; e se muyto se esquento o paciente, leixa o *páo*, e toma outra vez mais oportuna e conveniente pera isso. Algumas vezes aproveita este *páo* aos 20 dias, e ás vezes mais tarde, e ás vezes mais cedo: mas o que comumente he crecerem as dores até os 15 dias, e dahi por diante vam em declinaçam. E porém eu vi hum mancebo, que lhe creceram as dores em grande maneira 25 dias, e aos 30 dias estava sam de todo ponto: por onde diguo que nam desespere ninguem. Outros vi que o tomaram muytas vezes, e a derradeira lhe aproveitou, e as outras nam: parece ser que eram os humores mais frios. E de meu conselho avia vossa merce de dar lá em Portugal o *páo da China*, levandovos Deos lá a salvamento, acrescentando a cantidade que cá damos, porque a terra he mais fria; e fazer como cá fazemos, quando a nesecidade he muyta comer galinha cozida com a agoa do *páo*, e ás vezes pam amasado com a mesma agoa, segundo que a nesecidade ouver.

RUANO

Bebemno quente ou frio, e comemno temperado com sal ou não?

ORTA

Poucas vezes o mando dar quente, como se dava no principio, senão nos suadoiros. Polla manhan doulhes a comer galinhas, frangãos, e carneiro temperado com sal e açafram e coentro seco, e ás vezes lho dou asado, segundo o que a enfermidade requer; sempre lhe tolho o vinho, senam quando dou o *páo* pera fraquezas do estomagu de muytas freimas, e de nam degerir; porque pera isto aproveita muito o *páo* com vinho, comvem a saber, aguado com agua do *páo*, porque tira o fastio, e procura boa digestam.

RUANO

Pera o *guaiacam* de todo ponto lhe tolhemos o sal, porque he imigo dos humores adustos e das freimas salgadas;

e muitos homens, que de cá foram, me dixeram, que nesta terra tambem o tiravam: pera este *páo* não sei como vós quereis usar do sal.

ORTA

Uso do sal temperadamente, porque nam he neseçario ser muito escrupuloso na fisica, senam deixar tudo ao bom juizo do fisico: e por isto me parece que o comer temperado com pouco sal não pode fazer mal nem a humor adusto, nem ás freimas salgadas, e eu com isto me achei bem sempre, e espero em Deos de me achar sempre bem. E tambem os Chins usam nesta cura de comer pam com mel.

RUANO

Vistes alguma pessoa que o tomase muytas vezes, ou em muyta quantidade?

ORTA

Conheci hum meu amigo, que tomou unturas e fumos, e o *páo guaiacam*, e esta raiz tambem, e cada vez se achava pior. E foy a Malaqua, e achouse muyto enfermo lá, e curou hum Chin, e davalhe a comer esta *raiz da China* na galinha cozida, e ficou este homem muyto sam, e nunca mais adoceco, porque este *páo* he melhor pera as doenças velhas, que pera as novas, e pera onde ha inchaços grandes, e chagas muyto roins. E por tanto nam vos maravilheis, se aproveitou mais ao cabo, porque pera as ultimas enfermidades as ultimas curas sam poderosas*; e ainda que este aforismo se emtenda na dieta, tambem se pode aleguar na cura, e comtudo olhe bem quem o dá o que faz, porque já ouve muytos que pereceram, e se consumiram de muyta quentura.

RUANO

Está isso bem dito; e porém queria saber se ha outra maneira de tomar este *páo* ou *raiz*.

* Anph. 1, anphorismo 6 (nota do auctor); um dos mais conhecidos aphorismos de Hippocrates.

ORTA

Algumas pessoas vi no Balagate, que tomavam o *páo* como acima dixe, e mais mesturavam na aguoá quente, que polla manhan e á noite tomavam, cada vez, huma dracma e mea de *páo* moido; e com isto diziam que se achavam bem, e dizem que o faziam por conselho de bons fisicos; e outros tomam polla manhan huma boa talhada de conserva, feita do pó do *páo* em mel (ou açucare se a quentura fôr muyta) e sobre ella bebem aguoá do *páo*, e esta conserva leva o pó do *páo*, segundo o arbitro do bom fisico: e esta conserva tambem pode ser retificada, segundo a nesecidade do paciente, o qual fareis melhor que eu, como vos nisso exercitardes. E loguo se pode ver quanto *páo* he nesecario nesta conserva, pois que commumente se guasta em huma cura, pera aguoá dos trinta dias, trinta onças: eu curei com isto a duas pessoas que tinham os companhões* muyto inchados de muito tempo, e hum sarou totalmente, e o outro lhe ficou muyto pouco pera se resolver; e ficou pera sarar com os remedios locaes somente. E por tanto vos aconselho que varieis os remedios, e mais vos diria, se vos não enfadáse.

RUANO

Daqui a mil annos folgarei de vos ouvir, portanto dizei.

ORTA

Na China comem este *páo* cozido com a carne, como nós os nabos; porque elle he muyto tenro, quando he novo, e a mim me parece que seria muito boa cousa tomar aguoá estilada deste *páo*; e nam sei se mo quereram lá estilar, e trazermo; porque aguora a eide mandar trazer, e pera isso mando lá alanbique.

RUANO

Fundado em rezam está, que será muyto boa mézinha esta aguoá estilada: e porém dizei pera que enfermidades o acharei proveitoso?

* Os testiculos; o hespanhol *compañon*.

ORTA

Pera qualquer enfermidade onde ha *morbo napolitano*, e pera humor enfecionado delle, e por a parte lesa ser já tocada delle, e ainda que não seja tocada desta enfermidade, he bom pera paraliticos, e que tem tremor (do qual eu curei ao Nizamoxa em pouquo tempo) pera artetica, ciragra, podagra, ciatica, alporcas, e pera inchaços reduzidos a melancolia ou freima como geso*, pera indigestões do estomago, pera xaqueca velha, pera pedra e ulceras da bexiga ás vezes, porque com este *páo* deitam a pedra, que antes não pudiam deitar. E, pera que mais vos maravilheis, sabei que hum fisico bom letrado, e pratico asaz experto pera curar os outros, adoeceo 60 legoas desta cidade, onde elle reseidia, e curava hum honrado espirital em huma cidade de elrey nosso senhor. Enfermou elle de huma latica, da qual foy doente quatro mezes; e elle, porque vio que se não tirava a febre, e por ser mais amigo seu que de outrem, tirouselhe o bom conhecimento, e tevese por etico, e bebia leite de asnas, e trazia apos de si huma asna, a qual o seguia já, e o consentia mamar; não se achava milhor, senão empeorava com ter inflaçõs no estomago; veiose aqui curar comigo, e pousou em minha casa; eu o vi, e lhe senti alguma opilaçam no figado, e lhe senti excrecencias e principios na febre manifestos; e vendolhe as orinas o convenci que aquilo era latica, com alguma mestura de melancolia por adustam; o qual elle, lendo por os livros, me confessou, e me dixे que certamente se fôra curando outra pessoa não me** enganara, mas porque os homens, asi como se queriam mais, asi tinham as suas enfermidades por maiores. Eu curei este homem alguns dias, e ficou sem febre com huma inflaçam e dor no estomago, e com humas ventosidades grossas nelle, pera o qual lhe dava conserva de gengivre,

* Ignoro completamente o sentido d'esta expressão.

** A palavra *me* não faz sentido, pois aquelle medico falla de si, e deve dizer, *não se enganara*.

com que se achava melhor; e nunca pôde este fisico sarar, até que lhe dei o *páo da China*, retificando a aguoá com huma pouca de aguoá estilada de canela, e así foy perfeitamente sam.

RUANO

Certamente que me contastes muitas cousas de boa pratica de medecina, e não quisera que acabareis tam asinha. Por tanto dizei o nome e a feiçam do *páo* ou *raiz da China*.

ORTA

Diguo que he huma mata, do tamanho de tres ou quatro palmos de altura sobre a terra, e terá de raiz hum palmo, pouquo mais ou menos: he huma raiz grossa, e outra delgada, como cá vedes estas raizes, que he o que qua vem, tudo raizes; e quando se colhe esta raiz he muyto tenra, e comese a bocados, crua e cozida; e quando a comem, lança de si huma humidade, como cana de açucare mal doce; e saem desta raiz á frol da terra humas asteas pequenas como pena de escrever, e segundo a raiz he, así lança as asteas, e do pé destas vergontees até o alto saem humas folhas ralas da feiçam da laranjeira nova. Este *páo* ou mata se chama na China *lampatam*: e isto he o que pude saber desta mata e raiz, e já vi huma mata pequena nesta Goa, e secouse antes que crescesse. E porém antes que acabemos a estoria do *páo*, vos direi o que me aconteceu nos tempos passados. Antes que este *páo* viesse á India, avia hum mercador de pedras, a que cá chamamos *lapidarios*, e tambem lhe pudiamos chamar *pedreiros*, senão chamamoslhe o nome latino pera os mais honrar: este teve huma parlesia universal em todo o corpo e braços, e pernas e mãos e pés, em tanta maneira que nam podia bulir hum anel pera o ver: avia já seis mezes que era doente sem nenhuma melhoria, pediu-me que o aconselhase, se seria bom tomar o *guaiacam*, e lhe dixee que ao menos nam lhe faria mal. A este homem curei xaropando e purgando primeiro, e no meo menorandoo, ao fim tambem; e ficou muyto sam. E avendome elle pagado muyto bem, por fim me deu hum anel com hum

diamam, pello qual me deram 50 crusados, e asi me deu hum relógio, com hum mostrador muyto bom, e me dixe que lhe perdoase, que bem sabia que me não paguava, senam que me dava aquilo por lembrança; e porém que me daria hum conselho, e era que nam mandáse a nenhum dos que curase, que não dormisse com molher, senão que nam a vise; por que elle, comendo por dia seis onças de pam e passas, sendo vinte cinco dias do *páo*, tivera aceso com huma sua moça tres vezes: vede quanto póde o estímulo da carne! E mais me dixe que, quando o achava muyto triste e elle dizia que avia de morrer, que nam era senão com o pensamento de aver pecado contra Deos e contra sua saude. E dahi ávante sempre védo o coito aos que tomam esta *raiz* ou *páo*; porque, se com a dieta muyto grande se acontece isto, que fôra com a larga da *raiz da China*? E mais todos dizem que este *páo* ou *raiz* incita muyto isto; e por tanto vos requeiro que os que curardes, que não vejam molheres, porque as não toquem (2). E o *páo* que ouverdes de levar pera Portugal, seja metido em *jarras martavans* de colo alto; porque sam vidradas por dentro, e sostem muyto o *páo* sem se danar (3).

 NOTA (1)

O nome de «guaiacam», do americano *guaiacan*, usado, segundo parece, pelos indigenas das Antilhas, dava-se ás madeiras de duas arvores do mesmo genero, e da familia das *Zygophylleæ*: **Guaiacum officinale**, Linn., uma arvore mediana das Antilhas, Cuba, Jamaica, Trinidad e outras, e tambem da terra firme da America: **Guaiacum sanctum**, Linn., uma arvore muito similhante á precedente, da qual se distingue por caracteres puramente botanicos, e habitando nas mesmas regiões, Cuba e outras ilhas, e parte meridional da Florida.

Esta madeira foi conhecida, ao que parece, logo depois das primeiras viagens de Colombo, e começou a ser considerada um remedio poderoso nas doencas syphiliticas, que se haviam desenvolvido pela Europa de uma maneira pavorosa por aquelles fins do xv seculo e principios do seguinte. Julgava-se a doença de importação americana, como vimos já (II, p. 115), e isto contribuia para dar importancia ao

remedio, americano tambem. A madeira foi por isso conhecida pelos nomes de *guaiacum sanctum*, *lignum sanctum*, *lignum vitæ*, derivados da sua verdadeira ou supposta efficacia; e deu logar a uma abundante litteratura. Logo no anno de 1517, um Nicoláo Poll, depois medico do imperador Carlos V, escreveu um opusculo curto, *De cura Morbi Gallici per Lignum Guayacanum*, onde nota, que aquelle remedio, *quod sanctum cognominant*, parecia vir providencialmente da terra, donde viera a terrivel doença. No anno seguinte (1518), Leonardo Schmauss conta no seu *De Morbo Gallico tractatus*, como mandara pedir informações a respeito do novo remedio, e obtivera de Portugal e Hespanha dezenove cartas e noticias, sobre as quaes redigira o que dizia *de arbore guaiacana*. As *dezenove* cartas levaram de certo tempo a reunir, por onde se vê, que se devia ter começado a fallar do remedio logo no começo do seculo, como já antes notámos. Tambem no anno seguinte (1519) Ulrich von Hutten, o conhecido partidario da Reforma, e tido na conta de um excellente latinista, escreveu um opusculo encomiastico, onde celebrava a sua propria cura: *Ulrichi de Hutten equitis de Guaiaci medicina et morbo gallico liber unus*. Este era o «fidalgo alemam» do nosso Orta, que, reconhecendo-lhe as qualidades de escriptor «em muyto copioso estilo e mui puro latim», lhe nota, no emtanto, que tudo aquillo podia ser escripto em «huma folha de papel». Oviedo, no seu conhecido livro sobre as Indias occidentaes (1526), e muito mais tarde Monardes, no não menos conhecido tratado das *Drogas de las Indias* (1569), deram igualmente varias noticias interessantes sobre o *guaiacan*; noticias que não vem ao nosso caso, e não será necessario resumir.

Aquella droga vinha, pois, das novas possessões americanas hespanholas a Sevilha e outros mercados de Hespanha, d'onde, como vemos pelo nosso Orta, passava a Portugal, sendo exportada d'aqui para a India oriental.

(Cf. *Pharmac.*, 92; Poll, Schmauss, e Hutten, em Aloysio Luisino, *Aphrodisiacus, sive de lue venerea*, p. 241, 383, 275; Oviedo, em Ramusio, III, 54 e 124; Monardes, nos *Exoticorum*, 312.)

NOTA (2)

A *raiz da China* pertencia a uma planta trepadeira e espinhosa da familia das *Smilacæ*, **Smilax China**, Linn. (*S. ferox*, Wallich), espontanea na China e Japão, assim como em algumas provincias orientaes da India; mas Orta não conhecia esta ultima procedencia.

Todo o *Coloquio*, com as suas longas e um tanto fastidiosas esplanções sobre as regras a seguir na applicação da *raiz da China*, e regimen dietetico a observar, é estremamente interessante para a historia

da medicina, pois é a primeira noticia scientifica, sobre a introdução na India de um novo remedio, que d'ali passou para a Europa. Não exige, porém, nem comporta uma longa nota, pois não tem muitos pontos obscuros a elucidar.

A nova droga, começada a applicar com proveito na India, no anno de 1535, depois da noticia dada em Diu a Martim Affonso de Sousa, foi trazida desde logo para a Europa, creando-lhe sobretudo reputação o facto de ser tomada com favoravel resultado pelo imperador Carlos V, que soffria de gotta. E o celebre medico e cirurgião, André Vesalio, escreveu e publicou em o anno de 1546 uma carta sobre este assumpto especial: *Epistola rationem, modumque propinandi radicis Chinæ decocti, quo nuper invictissimus Carolus V imperator usus est*. Orta conhecia esta carta, onde vem algumas criticas e reparos ao novo remedio¹; assim como conhecia o que haviam dito em seu desfavor, e em seu louvor, o erudito Andre Laguna, e o eruditissimo Matthioli. A *raiz da China*, preconisada no tratamento das doenças syphiliticas, que atrahiam então todas as atenções, foi effectivamente muito discutida, louvada e preferida ao *guaiaco* por uns, e n'esse numero entrava o nosso Orta, tida em conta inferior por outros e creio que pelo maior numero. Por outro lado, as *sarsaparilhas*, provenientes de diversas especies americanas do mesmo genero *Smilax*, começaram quasi pelo mesmo tempo a ser conhecidas na Europa, e a sua crescente reputação contribuiu para diminuir a voga da *raiz da China*. Na Europa caiu em quasi completo abandono; mas no Oriente, na China e na India, onde é geralmente conhecida pelo nome persa *chub-chini* (páo da China), consomem-se ainda hoje enormes quantidades d'aquella droga, sendo geralmente considerada anti-rheumatica, anti-syphilitica e aphrodisiaca.

A noticia de Orta, de que «na China comem este páo cozido com a carne, como nós os nabos», vem confirmada modernamente por Polak, citado na *Pharmacographia*, o qual affirma que serve de alimento aos Turcomanos e aos Mongoes. É possivel, no emtanto, que a noticia de Orta, como a de Polak, resulte de alguma confusão da *raiz da China*, chamada n'aquelle payz *tu-fuh-ling*, com um singular cogumello, o *Pachyma Cocos*, chamado *fuh-ling*, e que effectivamente serve de alimento.

Orta toca n'este *Coloquio*, como já tinha feito no *trigesimo quarto*, em uma questão complicada, a antiga existencia da *syphilis* no Oriente, questão em que reconheço a minha absoluta incompetencia. Não se percebe muito bem, se Orta admite a importação da doença na Europa nos fins do xv seculo, o que era então a doutrina corrente, e unicamente

¹ O nosso Orta tem razão, e Vesalio faz effectivamente varias criticas ao novo remedio, devendo eu emendar n'este ponto o que disse em *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 294.

diz, que ella existira de todo o tempo n'aquellas «terras todas e na China e em Japam», como existia na America; ou se francamente rejeita a doutrina da importação, suppondo aquella doença antiga em todo o mundo. Este ultimo modo de ver, foi sustentado em tempos relativamente antigos, assim como nos modernos, admittindo-se, por exemplo, que o chamado *fogo persa*, muito espalhado pelo Oriente, seria a *syphilis*; e encontrando-se tambem na Biblia algumas passagens, significativas da existencia da doença entre os hebreus, desde o tempo de Moysés. No caso de Orta, como em muitos outros, a questão complica-se pelo facto de elle não distinguir claramente as doenças *syphiliticas* das simplesmente *venereas*; e eu — repito — deixarei a discussão a pessoa mais competente.

Notarei unicamente dous factos, que parecem contrariar a opinião de Orta, e indicar uma importação no Oriente pelos europeus, principalmente pelos portuguezes: o primeiro, apontado pelo proprio Orta no *Coloquio trigésimo quarto*, é o nome *fringui* dado ás boubas na India, e que é a simples corrupção de *frangue*, e indica uma origem europêa do mal, trazido pelos frangues ou francos: o segundo é uma phrase de Antonio Pigafetta, o companheiro de viagem de Magalhães na primeira circumnavegação do globo, o qual diz, que em Timor e outras ilhas (1522) chamavam á *syphilis* mal de Portugal: *in tutte queste isole regna una malatthia che quei popoli la chiamano il mal di Portogallo, e noi altri in Italia il mal francese.*

(Cf. *Pharmac.*, 648; a carta de André Vesalio em A. Luisino, *Aphrodisiacus*, 586; Dymock, *Mat. med.*, 838; sobre o *Pachyma Cocos* e outras producções analogas, Hanbury, *Science papers*, 200 e seguintes; Harmonic, *Les maladies vénériennes chez les Hebreux à l'Époque Biblique*, nos *Ann. de Dermatologie et de Syphiligraphie* (1886 e 1887); Pigafetta em Ramusio, 1, 368 verso.)

NOTA (3)

As *jarras martavans* eram fabricadas na região da Indo-China, que lhes dava o nome, e muito apreciadas em todo o Oriente. Deviam ser de barro vidrado, posto que Duarte Barbosa diga serem de porcellana. Eis a passagem de Duarte Barbosa: « . . . tambem se fazem n'este lugar (Martabam) muytas e grandes jarras de porcellana, muy grosas, rijas, e fermosas; ha hy dellas que levaom hũa pipa dagoa; saom vidradas por dentro de preto e muyto estimadas entre os Mouros».

Linschoten (1598) ainda lhes attribue maiores dimensões, dizendo que algumas podiam levar duas pipas; e Pyrard de Laval (1610) tambem as louva muito: . . . *des jarres les plus belles, les mieux vernies et les mieux façonnées que j'aye vu ailleurs* (cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 361; Yule e Burnell, *Gloss.*, v. *Martaban*).

The first part of the history of the...
 The second part of the history of the...
 The third part of the history of the...
 The fourth part of the history of the...
 The fifth part of the history of the...
 The sixth part of the history of the...
 The seventh part of the history of the...
 The eighth part of the history of the...
 The ninth part of the history of the...
 The tenth part of the history of the...

APPENDIX

The first part of the appendix...
 The second part of the appendix...
 The third part of the appendix...
 The fourth part of the appendix...
 The fifth part of the appendix...
 The sixth part of the appendix...
 The seventh part of the appendix...
 The eighth part of the appendix...
 The ninth part of the appendix...
 The tenth part of the appendix...

COLOQUIO QUADRAGESIMO OITAVO

DO RUIBARBO, O QUAL SE DIZ EM POUCAS PALAVRAS

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Do *ruibarbo* queria saber a feiçam do arvore, e folhas e fruta que tem; e se esta raiz que a nós vem, se vem verdadeira ou falcificada; que certamente que por ver hum arvore destes daria muyto agora.

ORTA

Muytos annos ha que vi no tesouro de Cochim hum caxam da China cheo de *ruibarbo*, o qual estava muito podre, e todo se fazia em pó. E dixeramme em Cochim, que os Chins coziam aquellas raizes ou as estilavam, e que se purgavam com aquella agoa; e posto que isto me dixeram muytas pessoas, nunca descansei, porque nenhuma era testemunha de vista, e porque nós temos por certo que todo o *ruibarbo* que vem de Ormuz ter á India, vem ter a Ormuz primeiro da China, pella provincia de Uzbeque, que he parte da Tartaria; e he fama que da China vem ahi ter per terra, e alguns dizem que o ha na mesma terra de Uzbeque em huma cidade chamada Çamarcandar; porém este he muito ruim, e de pouco peso, e purgam com elle os cavalos na Persia, e eu tambem os vi purgar no Balagate, e a meu parecer este deve ser o *ruibarbo*, que nós chamamos em Europa *ravam turquino*, e não porque elle seja da Turquia nem perto della.

RUANO

E dos que vam á China não averá algum que diga a verdade, perguntandolhe vós?

ORTA

Em extremo desejei saber isto, e dizemme os mercadores que lá vam, que o nam ha no porto de Cantam, senão pella

terra dentro; e trazemno ahi a Cantam a vender, e dahi vem á China*, e algum a esta India; donde vem ter tam danado pollo mar, que o não queremos cá gastar, por ser melhor o que vem pella via de Ormuz.

RUANO

Por tam certo tendes que não ha *ruibarbo* senão na China?

ORTA

Si, porque o que vem de Ormuz elles mesmos confesam que vem ter á Tartaria da China, e da Tartaria ou Uzbeque vem a Ormuz e a toda essa Persia, e por isso lhe chamam *ravam chini*, e os Mouros muytos nesta terra lhe chamam somente *ravam*, mas todos confessam não aver outro, senão o da China; que he asi, que nam ha *ruibarbo* trazido de Berberia nem *ravam indico*; senão o que se traz á India, ou Berberia, ade vir primeiro da China á India, ou á Berberia.

RUANO

Falando comvosco a verdade, melhor *ruibarbo* me parece o que vendem em Castella, scilicet, em Medina ou em Sevilha, que o que se vende em Portugal na caza da India; e asi val mais caro muyto.

ORTA

O *ruibarbo* que vem á Persia ou Uzbeque, vai dahi ter a Veneza, donde vai a Espanha, e este vai a Veneza pella via de Alexandria; e muyto outro vai ter, pella via de Alepo, a Tripol de Suria, donde vai á mesma Veneza; e porque todos estes caminhos sam pouquos por mar, e muitos por terra, nam danam tanto o *ruibarbo*; porque tenho por averiguado, que gasta mais e apodrece hum mez de mar que hum anno da terra. E já o *ruibarbo* que vem á India por maio, com estar nella até setembro, não he para se guastar

* Não se percebe bem o que quer dizer, e a phrase deve estar alterada na impressão.

já, e entonces vem outro de Ormuz melhor e mais novo; e o compram pera a India, e pera o levarem a Portugal; e o que invernou na India, deitamno na praia, e isto nam se entende no que inverna nas terras do sertam; porque nam he terra sogeita a potrefaçam; e quem nesta terra o quizer bem guardar, mandeo a Bisnaguer ou a Balagate. E peçovos muito por merce que me perdoeis por vos não falar no *ruibarbo*, senam pouco ou nada; porque o não pude saber. E espero em Deos, que se saiba tudo mais bem sabido ainda, pois a China se conversa tanto já com os Portuguezes (1).

NOTA (1)

O *ruibarbo* do commercio, a raiz do **Rheum officinale**, Baillon, da familia das *Polygonaceæ*, e porventura tambem a de outras especies proximas, vinha de regiões distantes, que no tempo de Orta — e ainda até certo ponto hoje — eram mal conhecidas, e das quaes elle tinha naturalmente escassas noticias.

Os antigos conheceram uma droga, chamada ῥῆ, ῥῆον, *rhacoma*, e depois *rha-ponticum*, *rheum barbarum*, *reu barbarum*, que seguramente deveria ser a raiz de uma ou mais especies do genero *Rheum*, entre as quaes figurava de certo a que depois forneceu a maior parte da droga. A palavra *ponticum* vinha da sua procedencia, ou antes simplesmente passagem, pelas regiões proximas ao Ponto Euxino; emquanto a designação de *barbarum* se quiz derivar da sua exportação pelo antigo porto de Barbarike na costa da India, mas deve antes resultar de ser trazida de regiões desconhecidas e barbaras¹. De *reu-barbarum* se derivou facilmente a palavra portugueza e hespanhola *ruibarbo*, que já encontrâmos n'esta fórma em um documento de Barcelona de 1271, citado por Capmany.

Orta não conhecia, nem a feição da planta, nem exactamente a sua habitação, o que de modo algum nos póde surprehender. Apenas, alguns seculos antes, um unico viajante europeu, o famoso Marco Polo, havia passado pela região e cidade de Sukchur (Su-chau, na provincia

¹ Tambem a primeira parte do nome, se attribuiu, na sua fórma *Rha*, ao antigo nome do Volga, por onde se dizia vir; e na fórma *reu*, *raved*, *ravam* (como diz Orta) simplesmente a ser uma raiz.

de Kan-su), dando noticia de que ali havia pelos campos muito *rhuibarbo*, em que na cidade se fazia um activo commercio, concorrendo a ella mercadores de todas as partes do mundo. Esta noticia isolada podia facilmente escapar, como escapou, ao nosso escriptor. Tambem este não podia conhecer uma noticia interessante e mais minuciosa, pouco anterior ao seu livro. Ahi pelo anno de 1550, pouco mais ou menos, Ramusio deu um almoço em Murano, fóra de Veneza, ao qual assistiam os seus amigos, o architecto messer Michele San Michele, o celebre editor e impressor messer Thomazo Giunti, o interprete em lingua turca da *Illustrissima Signoria* de Veneza messer Michele Mambré, e um mercador mussulmano Chaggi Memet (Hadj Mohammed), recentemente chegado com uma carregação de *rhuibarbo*. Á sobre-mesa, a conversação versou particularmente sobre aquella droga, e o mercador contou como havia penetrado até á cidade de Succuir (Suchau, o Sukchur de Polo), dando informações sobre o commercio do *rhuibarbo*, e uma descripção da planta, acompanhada por um desenho. Esta descripção e desenho foram fielmente inseridos pelo Ramusio no seu livro; e aproveitados depois pelo erudito Matthioli nas suas annotações á obra de Dioscorides. O desenho não era muito exacto; e, um seculo depois, o padre Kircher reproduziu-o na sua *China illustrata*, confrontando-o com um desenho mais correcto, obtido pela intervenção dos jesuitas, que já então começavam a penetrar na China septentrional. Modernamente varios viajantes — como Prjevalsky, Piasetsky, que esteve em Lan-tchu, junto ao rio Amarello e á Grande Muralha, um dos mercados conhecidos d'aquella droga, o capitão William Gill, mais recentemente Bonvalot e Henrique de Orleans — têm passado pelas terras onde se cria o *rhuibarbo*, ou nas suas proximidades; mas são principalmente os missionarios, estabelecidos nas fronteiras do Thibet, como o vigario apostolico Chauveau e outros, que têm fornecido informações valiosas. Por seu intermedio se obtiveram as plantas, que se cultivaram e floriram no jardim botanico de Montpellier, e pelas quaes o sr. Baillon fez a sua diagnose da especie.

A area habitada pelo *Rheum* é bastante vasta, comprehendendo as provincias de Shan-si, Shen-si, Ho-nan, Kan-su e parte da de Sz-chuen na China, assim como todo o Thibet oriental, terras de Zaidam, Minjak e outras. O *Rheum* cresce ali espontaneamente nas pastagens e encostas relvadas das montanhas. Se em toda a região, o *rhuibarbo* do commercio procede da unica especie *Rheum officinale*, ou se outras especies o produzem tambem, é questão que não está ainda resolvida.

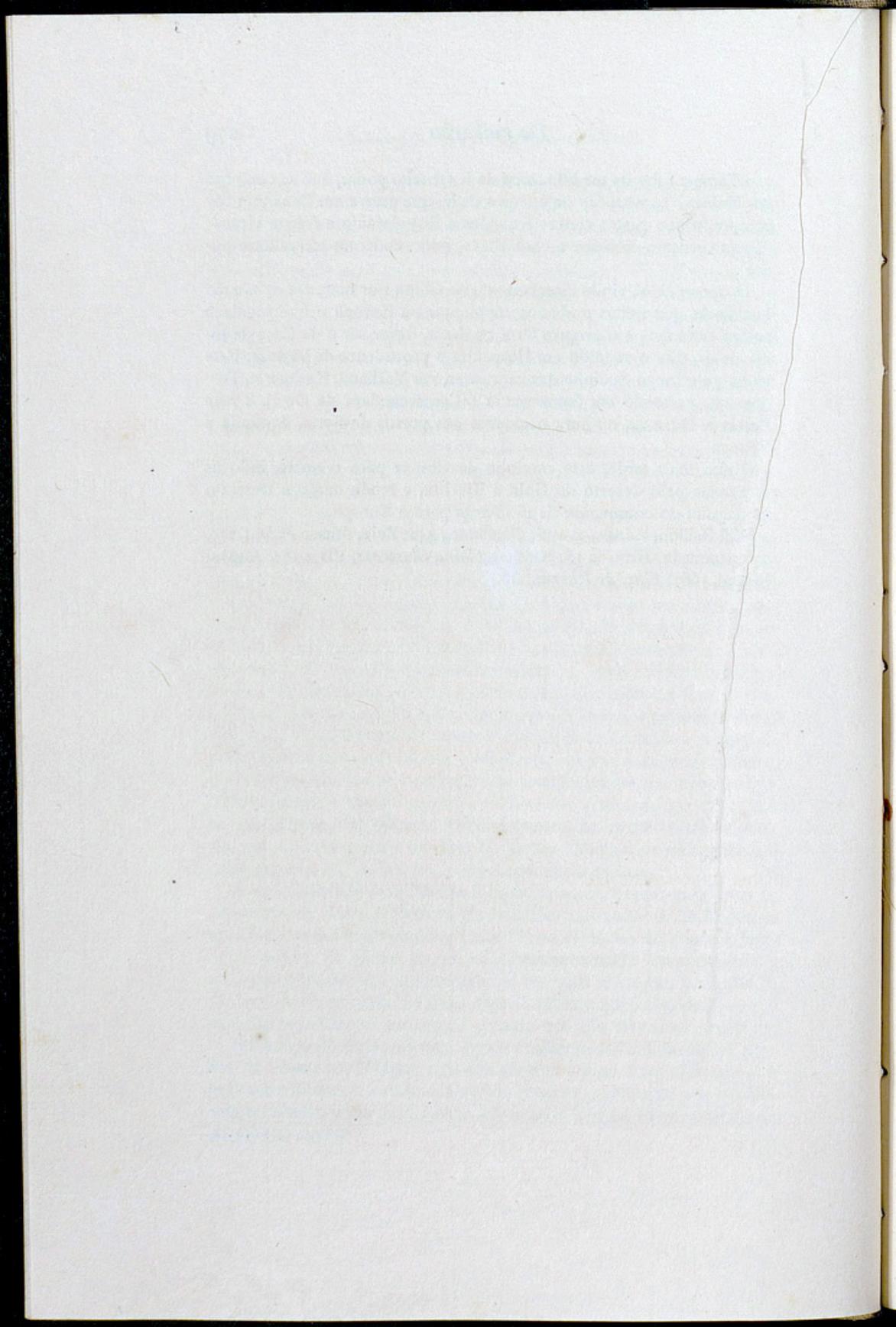
No tempo de Orta, e antes, algum *rhuibarbo* vinha á India dos portos da China por Malaca; mas nas viagens longas d'aquelle tempo, e mal acondicionado nas embarcações, chegava geralmente em pessimo estado á India, e em muito peor a Portugal. Thomé Pires queixava-se da mesma cousa:

«Tambem foy lla ter hũa soma de Ruybarbo podre, que se comprou em Malaca: eu nom fuy na compra delle, que estava em Cananor: foy comprado por quatro centos cruzados a Ruy daraujo e Joham viegas: devem tornar o dinheiro a vosa alteza, pois venderam mercadoria podre»

O *ravam chini*, vindo directamente da China por mar, era de tão má qualidade, que nunca podémos supplantar na Europa o que seguia o antigo caminho; e o proprio Orta confessa, dever ser o da Casa da India peor, que o vendido em Hespanha e procedente de Veneza. Este vinha pelo longo caminho das caravanas, por Yarkand, Kashgaria, Turquestan, passando em Samarcanda («Çamarcandar» de Orta), e pela Persia a Hormuz, ou para occidente aos portos da Syria, donde ía a Veneza.

Muito mais tarde, este caminho desviou-se para o norte, indo as caravanas pelo deserto de Gobi a Kiachta, e tendo então a Russia o monopolio do commercio de *rhuibarbo* para a Europa.

(Cf. Baillon, *Adans.*, x, 246; *Pharmac.*, 442; Yule, *Marco Polo*, 1, 219, 220; Ramusio, *Nav.*, II, 15; Kircher, *China illustrata*, 183 e 184, Amstelodami, 1667; *Gaz. de Pharm.*, 38.)



COLOQUIO QUADRAGESIMO NONO

DE TRES MANEIRAS DE SANDALO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

He o *sandalo* muyto neseçario, por ser muyto cordial, e com ser frio cheira bem (cousa que em poucas mézinhas se acontece); e por isto parece mal a Mateolo Senense o que dizem os Arabios da compleisam do *sandalo*. E o *sandalo vermelho* dizemme nesta terra que he avido por mais frio, e a causa disto he porque não tem cheiro, e por entender melhor isto, folgaria de saber o nome delle acerqua das linguoas da terra onde o ha, e da Arabia; e saber em que terras nasce, e saber se he em uso de medecina acerqua da gente desta terra.

ORTA

O *sandalo* nasce acerqua de Timor, onde ha a maior cantidade; e he chamado *chandam*: com este nome se chama por todas as terras visinhas a Malaqua; e os Arabios, como pessoas que cheiravam o comercio destas terras, corrompendo o vocabulo, lhe chamaram *sandal*. Todo o Mouro de qualquer naçam que seja o chama asi; e os Canarins e Decanins e Guzarates o chamam *cercandá*. Nacem e crecem os arvores do *sandalo* em Timor, donde he a maior cantidade; e sam matas que não se acabam de gastar, asi de huma banda da ilha como da outra.

RUANO

E todo o *sandalo* nasce nestas ilhas somente?

ORTA

Em outras partes nasce, como vos direi; e porém em Timor não nasce este *sandalo vermelho*, senão em Tanasarim

e na costa de Charamandel*, scilicet, em alguns cabos della. E a feiçam deste arvore do *sandalo vermelho*, até ao presente, não o pude saber; mas sei certo que vem dali todo o *sandalo vermelho*, o qual se guasta muyto pouquo nesta terra, porque não o gasta a gente mais que pera febres, e algum se leva para Portugal e pera as bandas do ponente. E tambem se gasta cá o *vermelho* em pagodes ou idolos, e amde ser os páos muyto grandes; e por isso quanto o páo he maior, que entram mais pouquos páos em hum *bar* (que sam quatro quintaes) tanto val mais preço. E quanto he ao *sandalo branco* e *amarelo*, muyto grande quantidade se guasta em toda a India; porque toda a mais gente, ora sejam Mouros ora Gentios, se untam com *sandalo* desfeito em aguoá, e pisado em pedras, que pera esse mister tem feitas; e asi untam todo o corpo até que se seca pera estarem frios, e cheirarem bem; porque esta terra he muito quente, e a gente della muyto amigua de cheiros.

RUANO

Diz Mateolo Senense que nace em ambas as Indias, scilicet, na que está primeiro que o Ganges, e na que está alem do Ganges.

ORTA

Não nasce o *sandalo vermelho* senão na India, que está ante do Ganges** (o qual rio a gente da terra chama *Gam-gua*), e outro *sandalo branco* e *amarelo* nasce alem do Ganges (1).

RUANO

Como sabeis que este páo *vermelho* he *sandalo*, e não *brasil*, pois nenhum delles tem cheiro?

* A mesma orthographia se encontra em outros escriptores portuguezes, e parece representar correctamente a pronuncia de então, que depois se alterou, sem rasão, para Coromandel.

** Isto é um simples equivoco, pois disse antes encontrar-se em Tennasserim, que elle sabia muito bem estar alem do Ganges.

ORTA

Verdade he que nenhum cheira bem, mas o *brazil* he mais doce, e mais tinge; e o *sandalo* nem he doce, nem tinge. E deste modo perdeo hum meu amigo mercador, porque trouxe *sandalo vermelho* por *brazil*, e os tintoreiros lho compráram, e como viram que não tingia, tornaramlho a engeitar, e assi ficou por vender a mercadoria.

RUANO

Não val mais dinheiro o *sandalo vermelho* que o *brazil*? (2).

ORTA

Val mais o *sandalo vermelho*, porém gastase pouco, e do *brazil* guastase muyto; e por isto quando vem muyto *sandalo* val pouquo. E tornando a dizer donde nasce o *sandalo branco* e *amarelo*, diguo que em Timor (a qual ilha tem muytos portos de huma banda e de outra); e diguo que o de Mena, que he hum porto, he o melhor de todos, e tem menos páo que os outros: e Matomea, que he outro porto, tem hum *sandalo amarelo*, mas tem muyto páo. E diguo ter muyto páo, ter pouco cerne, porque no cerne está o cheiro; e o outro porto dito Camanace tem ruim *sandalo*, porque he de muyto páo e de pouco cerne, ou amaguo: e desta maneira he o *sandalo* de Cerviaguo (outro porto asi chamado). E os mercadores esprementados vendo o *sandalo* loguo dizem donde he, e se tem muyto páo ou pouquo. E tambem ha *sandalo* em Verballi (que he hum porto de Jaoa), e ha nelle *sandalo amarelo* e *branco*, e tem muyto forte cheiro, mas dura este *sandalo* pouquo; porque, se está hum anno sem se vender, he neseçario cortarlhe o páo, e ficar mais no cerne. E tambem se achou em Macaça* huma mata de *sandalo*, e guastouse já, ou por dizer mais verdade era tam ruim que o não compravam, e por isso não foram lá por elle.

* Talvez Macassar?

RUANO

Ha de duas maneiras *sandalo* em Timor, ou he todo *branco*? E qual he mais estimado?

ORTA

O mais estimado e de melhor cheiro he o *amarelo*, mas na parte onde o *sandalo* he melhor, que he em Timor, ha pouquo do *amarelo*; e vem entre 50 páos hum. E se viesse muyto venderseia sobre si, e valeria mais. E o outro *sandalo amarelo*, que dixee, he somenos, e duralhe o cheiro mais pouquo, o que não acontece no de Timor, a esse pouquo que de lá vem; posto que falando o outro dia com hum mercador, que sabe bem essas terras, me disse, que na parte que he mais descuberta do sol ha muyto *sandalo amarelo*, e mais ambas as maneiras do *sandalo* tem os arvores semelhantes, que nós nam conhecemos a deferença que ha entre os arvores. E pode ser que conheça esta deferença a gente da terra, que trata com estes arvores.

RUANO

Digua a feiçam do arvore, e se dá fruto ou não, e se dá flores.

ORTA

O arvore do *sandalo* he tamanho como huma nogueira; e a folha he muyto verde, e he feita como a da aroeira; deita frol azul escura, e dá huma fruta verde do tamanho de cereja, e cae azinha, e he primeiro verde, e depois preta e sem sabor.

RUANO

Aguora quero eu dizer as duvidas, que tenho do que dizem os autores Arabios e Latinos, pois que os Gregos anti-guos o nam conheceram; e dos Arabios, Rasis*, posto que o conheceo, não diz que cousa he, senam para que apro-

* Rasis, trat. cap. 23 (nota do auctor).

veita. Serapiam* perfere o *citrino* a todos, e vós asi o afirmaes, e diz que o *vermelho* he apos elle: e asi diz outras cousas em que não tenho duvida, somente em dizer que se traz da Siria; e mais duvido aleguar Galeno, pois delle nam escreveo.

ORTA

Em ambos esses ditos errou Serapiam; e pois da India he mercadoria pera a Siria, nam he muyto dizer que se trazia della, nam dizendo que nacia nella; e asi em aleguar Galeno tambem erra, mas esta vez não he a primeira, porque asi o dizem muytas vezes os Arabios, porque nam viam os livros de Galeno, e como ouviam algum grego dizer que Galeno falava na mézinha, loguo o criam. Nem Avicena** nam diz cousa alguma do *sandalo*, em que aja duvida, que ja não tinhaes bem declarado, nem Avenrois***. Pois asi passa, falai nos Latinos, e dizei alguma duvida se delles tendes.

RUANO

Antonio Musa diz que o *sandalo* aos Portuguezes o devemos; que o trazem do campo de Calecut, onde se colhe, e que Calecut he a principal feira que ha na India; e vós dizeis que o ha em Timor, e o *vermelho* em Tanasarim, terras confins de Malaca****.

ORTA

Foy celebrada a cidade de Calecut em estas partes, onde se compravam e vendiam todas as mercadorias, e ali eram trazidas das outras partes, onde vinham os Chins com suas mercadorias, e com ellas traziam *sandalo* mesturado, o qual vendiam ahi, e o levavam pera o ponente; e como já vos

* Serapio, cap. 346 (nota do auctor).

** Lib. 2, cap. 656 (nota do auctor).

*** Avenrois, 5o, Coliget (nota do auctor).

**** Tenasserim era confim de Malaca; mas o nosso bom Orta devia saber, que Timor ficava muito longe d'ali.

dixe outras vezes, a feitoria dos Chins, chamada *Chinacota*, oje em dia permanece nessa cidade, em a qual os Chins moravam. Mas porque a gente da terra fez huma traizão aos Portuguezes, quando em principio vieram a esta terra os Portuguezes, e se foram a Cochim, elles estruíram Calecut per muytas vezes; e asi pouco a pouco se foy estruindo, sendo primeiro cidade muyto chea de riquos Mouros (á mam dos quaes vinha toda esta fazenda); e por esta razam diz Antonio Musa que no campo de Calecut nacia o *sandalo*; e em Calecut não ha campo, senam serras e palmares ao longo da praia; e o que vem, os Portuguezes o trazem nas suas náos de Malaqua em muita quantidade, donde vem ter a Cochim e a Goa; e destes portos se reparte para o Malavar e o Canara, e Benguala, e pera o Decam, e pera o Guzarate: e a mais pequena parte vai pera Ormuz, e pera Arabia, e pera Portugal, como vos já dixe.

RUANO

Chamam commumente o *sandalo citrino*, *machaçari* ou *mahaçari*, e per outros nomes a estes semelhantes; e por essa causa eu queria saber, que quer dizer este nome; porque dizem os Frades*, que em alguns livros de sinonimos se diz *machaçari*, scilicet, *odoliferi*; e que Serapio diz que, quando se nomea *sandalo* por excellencia, se entende do *citrino*; e em outro cabo dizem os mesmos Frades, que não se acha em Europa *sandalo citrino*, senam dentro no miolo se acha em muytos páos; e muytos autores dizem isto asi como Sepulveda**; e diz mais este Sepulveda, que melhor he deitar ametade do pó do *vermelho*, e ametade do pó do *branco*; e mais diz elle, louvando-se, que já vio *sandalo amarelo*. E de tudo isto me dai a resoluçam, como pessoa que o vio; e para isto não me deis mais rezam, que a vossa vista.

* Os frades (nota do auctor); os commentadores de Mesué de que já antes fallámos.

** Sepulveda (nota do auctor).

ORTA

De ser mais cheiroso o *sandalo amarelo* não ha duvida, e de ser de mais preço; e ha o ahi em muytos cabos, e eu vi já muyto, e muitos outros o viram; e, porque se compra cá na India melhor que em Portugal, não o levam lá, e mais por o pouquo cuidado dos boticairos portuguezes, que o não pedem na casa da India, pera que o mandem trazer de cá, e tambem se am de culpar os que fazem estas drogas a elrey em o não mandarem a Portugal. E quanto he ao nome de *machazari* ou *mahazari*, pareceme (salvo melhor juizo) que quer dizer *traçido de Malaca*; ou pode ser que estava escrito *mazafrani*, que quer dizer dos *amarelos* ou dos *açafroados*. E, como quer que seja, he noto ser melhor o *citrino* que todos. E quanto he a deitar ametade do *vermelho*, e ametade do *branco*, nam he ser *citrino*; antes he melhor deitálo todo *branco*, porque o *branco* he mais chegado á natureza do *citrino*; pois ambos se acham em huma mesma terra, e o *vermelho* he muyto longe donde nasce o *branco*. E tambem quero que saibaes que este arvore do *sandalo* se dá em outrás partes, se o prantam, e eu o vi em Amdanager, onde foy trazido para se semear: e he este Amdanager huma cidade do Decam, onde reside o Nizamoxa, cuja he, muytas vezes. E eu o vi ahi, em huma caza de prazer onde ha muytos pomares, arvores de *sandalo*, e muytas das nossas; e algumas das nossas dam fruto; mas este páo de *sandalo* no arvore não cheirava: e mais me dixeram muitos que o *sandalo* não cheira, senão des que está escascado e muyto seco.

RUANO

Ha em outras partes *sandalo*?

ORTA

Na ilha de Sam Lourenço, e em alguns cabos da costa de Melinde o ha, segundo dizem os negros da terra; mas depois soube que he hum páo cheiroso, como ha muytos entre nós, e mais não tem os signaes do *sandalo*. E tambem

dizem as Malavares que ha na sua terra hum páo cheiroso que parece ser *sandalo branquo*; e untamse com elle pera as febres, e chamamlhe os Malavares *sambarane* (3).

NOTA (1)

O *sandalo vermelho* é a madeira de uma pequena arvore da familia das *Leguminosæ*, o ***Pterocarpus santalinus***, Linn. f., habitando as florestas do sul da India, tanto da parte occidental, do Canará para baixo, onde Orta o não menciona, como na costa e terras de Coromandel.

A arvore do *sandalo vermelho* é absolutamente diversa e muito afastada da que produz os outros *sandalos*, não sendo facil saber por que lhe deram o mesmo nome. Em todo o caso não ha aqui confusão ou invenção de Orta, porque já antes lhe chamavam assim, e o nome sanskrito, रक्तचन्दन, *raktachandana*, significa a mesma cousa. A madeira, apesar de insipida e inodora, é empregada medicinalmente, como adstringente e tonica, e externamente como refrigerante, empregos semelhantes aos que tem o verdadeiro *sandalo*, d'onde talvez veio o dar-se-lhe o mesmo nome. Serve tambem na tinturaria; mas o seu uso principal é, como já dizia Orta, nas construcções, sendo os troncos maiores muito apreciados ainda modernamente para pillares e traves dos templos ou pagodes (Cf. *Pharmac.*, 175; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 385; *Amaracocha*, 157; Dymock, *Mat. med.*, 237).

NOTA (2)

O *brasil*, de que Orta falla apenas de passagem, merece no emtanto uma nota especial. Era a madeira de uma arvore da familia das *Leguminosæ*, ***Cæsalpinia Sappan***, Linn., madeira empregada na tinturaria, e conhecida no commercio europeu, desde os antigos tempos da idade media, pelos nomes de *brasil*, *brésil*, em italiano *verzino*, os quaes se julgaram derivados de *brasa* ou *braise* pela côr vermelha da madeira.

É bem sabido, como uma madeira ou diversas madeiras, semelhantes a esta, tendo os mesmos usos, e procedendo de varias especies do mesmo genero *Cæsalpinia*, se encontraram nas terras da America, visitadas pelos portuguezes logo no começo do xvi seculo. E é tambem conhecida a phrase, em que Barros lamenta, que o nome de Santa Cruz — primitivamente Vera Cruz — se mudasse por influencia do diabo

no de um «páo que tinge pannos». Deixaremos, porém, esta phrase e as reflexões que poderia suscitar o nome Brazil, dado ás terras de Sancta Cruz. Começando a vir o pau *brasil* em maior quantidade da America, passou o nome especialmente para a mercadoria nova; e o antigo *brasil* da Índia e outras partes da Asia voltou a ser geralmente designado pelo nome asiatico de *sappan*, ou *sapang* no archipelago Malayo, o qual parece prender-se ao sanskrito *patanga*, ou ao maláyalam *shappan*, que significa *vermelho*.

O *brasil* asiatico havia sido conhecido dos portuguezes e designado por este nome antes do descobrimento da America; e no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* se lê, que em Tenacar —provavelmente Tenasserim— se encontrava «muito brasyll, o qual faz muito fino vermelho». Depois de a mercadoria da Asia ser geralmente supplantada no commercio pela de procedencia americana, ainda continuou, no emtanto, aquella a ser conhecida por algum tempo. O *brasil* de que falla Orta, é evidentemente o asiatico, confundido occasionalmente pelo seu amigo mercador com o *sandalp vermelho*. E do *Lyvro dos pesos* se vê tambem, como, no meado do xvi seculo, o *brasil* era uma mercadoria bem conhecida, tanto em Hormuz como em Malaca.

(Veja-se o que eu disse na *Flora dos Lusíadas*, 91; e Dymock, *Mat. med.*, 251; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 450; Barros, *Asia*, I, v, 2; *Roteiro*, 110; *Lyvro dos pesos da Yndia*, 18 e 39.)

NOTA (3)

O *sandalo* é a madeira de uma pequena arvore da familia das *Santalaceæ*, ***Santalum album***, Linn., que habita no sul da India, nas florestas de Mysore, Travancore e outras, assim como nas ilhas do archipelago Malayo, particularmente na de Timor, e na de Sumba, ao sul da de Flores, que foi mesmo chamada por isso a ilha Chandana, isto é, a *ilha do sandalo*.

O nome *santalum* e *sandalo* deriva-se do arabico *سندل*, *sandal*, que era, como Orta diz, uma corrupção ou antes um modo de pronunciar e escrever o sanskrito *चन्दन*, *chandana*. Por este ultimo nome vem a substancia mencionada no Nirukta, um dos mais antigos commentarios dos Vedas, assim como nos celebres poemas, o Ramayana e o Mahabharata. É igualmente citada no *Periplo do mar Erythreu*, nas viagens de Cosmas Indicopleustes, e em outras obras antigas. Se o *algum* ou *almug*, trazido pelas frotas de Salomão e de Hiram do paiz de Ophir, era igualmente esta madeira, é questão diversa e um pouco mais duvidosa.

Distinguiam já os escriptores sanscriticos duas variedades de verdadeiro sandalo, o *amarello* ou *citrino*, chamado *pitachandana*, e o

branco, chamado *srikhanda*; mas não procediam nem procedem estas duas variedades de duas arvores ou especies diversas, como Orta parece indicar; e o *citrino*, mais carregado em côr, pesado e aromatico, é simplesmente o cerne perfeito de alguns troncos. Os usos do *sandalo* são bem conhecidos, servindo para o fabrico de cofres ou moveis, trabalhados e entalhados, principalmente nos templos e edificios sagrados, entre os quaes se podem citar as famosas portas do templo de Somnath, ainda conservadas em Agra, e que se diz terem mais de mil annos. Tinha igualmente empregos medicinaes, sendo considerado frio e secco, cardiaco ou «cordial», tonico, adstringente, alexipharmico, resolutivo, e applicavel tambem, misturado com leite, no tratamento das gonorrhoeas. Gastava-se e gasta-se, sobretudo, como perfume, reduzido a pó em umas especie de pequenas mós de pedra, e misturado depois aquelle pó com agua rosada e outros ingredientes. Igualmente se consumia na cremação dos cadaveres dos hindus muito ricos, que os outros naturalmente não podiam esperar este luxo *post-mortem*.

Orta, á parte uma phrase curta e duvidosa, menciona unicamente o *sandalo* de Timor, e em segundo plano o de Java e outros pontos do archipelago Malayo. O mesmo faz Duarte Barbosa, fallando do «Sandalo branco e côr de limão, que nasce em huma ilha chamada Timor». E o mesmo faz tambem Camões, limitando-se a mencionar o d'aquella região :

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salufifero e cheiroso.

É incontestavel, pois, que a ilha de Timor era então a principal e mais importante origem do *sandalo* do commercio; e parece, que as arvores das florestas do sul da India seriam pouco conhecidas e aproveitadas. No entanto, o *Santalum album* não é raro na India, e a madeira d'esta procedencia alcança hoje nos mercados os preços mais elevados, e passa por ser superior á de Timor e outras terras de leste. É possivel tambem, que se não tivesse feito a identificação entre a arvore da India e a das regiões mais afastadas; e inclino-me a aceitar esta hypothese. Na ultima phrase do *Coloquio*, Orta diz, que os malabares tinham na sua terra uma arvore, que parecia ser *sandalo branco*, e da qual se serviam para os mesmos usos medicinaes; e em um dos *Coloquios* anteriores (II, p. 50 e 64) fallou de uma madeira das proximidades do cabo Comorim, chamada *aguila brava*, que, segundo todas as probalidades, era o proprio *sandalo*. Em resumo, o *Santalum album* da India, não parece haver dado logar por aquelles tempos a uma exploração activa; e sobretudo não estava bem clara a sua identidade com a madeira, mais conhecida e celebrada, procedente da ilha de Timor.

(Cf. *Pharmac.*, 540; *Crawfurd, Dict.*, 375; *Ainslie, Mat. Ind.*, I, 376; *Dymock, Mat. med.*, 751; *Duarte Barbosa, Livro*, 385; *Lusiadas*, x, 134.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO

DO ESPIQUENARDO*

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

O *espiquenardo* foy de muyto preço, e muyto louvado antiguoamente; que diz no evangelho que aquelle ingoento podia ser vendido por mais de trezentos dinheiros; e trezentos dinheiros, contados segundo a conta de Budeu**, sam 40 crusados nossos, que pera aquelle tempo era gram valia o que custava aquelle ingoento; posto que aguora, polla muita abundancia de cheiros que ahi ha naturaes e perigrinos, nam val tanto ao presente; dos quaes cheiros fazem as suaves *pastilhas* e *caçoleas*, os delicados *pivetes*, e misturas de *ambar* e *almisque*, e *algualia*, e *linaloe*, e outros muytos cheiros. Asi, por esta rezam, como por o uso que delle ha na fisica, he bem que façamos huma pratica delle, e mais, porque alguns escritores dizem que carecemos do verdadeiro *espique*.

ORTA

Nam carecemos de verdadeiro *espique*, antes temos mais mézinhas, do que nunca tivemos; e nam sam tam falsificadas como eram primeiro, polla muyta abundancia que vai destas partes orientaes para o ponente; porque, se oulhar-mos o que diz Plinio*** destas mézinhas, nam nos maravilharemos se as falsificaram; porque o muito preço os con-

* Orta, collocando n'esta situação alphabetica um nome começado pela letra *e*, lembrou-se evidentemente da fórmula latina, começando por *s*; e o mesmo se póde dizer dos dois *Coloquios* seguintes.

** Um escriptor citado pela primeira vez: veja-se a nota final ao *Coloquio*.

*** Plinius, Lib. 12, cap. 12 (nota do auctor).

strangia a falsificálas; mas aguora que a navegaçam he mais descuberta, e com mais náos, asi pera Portugal como pera as outras bandas do ponente, não nos maravilharemos de valer tam barato, e aver tanto, sem ser falsificado. E mais compram estas mézinhas melhor aos da terra, e a terra as cria melhor aguora; porque é mais cultivada e aparelhada pera as dar.

RUANO

Digua donde nascem, e como se chamam nestas terras ácerca das naturaes? E mais os Mouros como as chamam, porque os Gregos e Latinos bem sei o nome que lhes põem. E acabado isto examinaremos, que dizem os escritores que dellas escreveram.

ORTA

Chama-se o *espique* nas terras donde nasce ácerca do gentio *cahçara*, e nasce no Mandou, e em Chitor, e em algumas partes de Benguala, perto do rio Ganges (a que os Índios chamam *Guanga*): he rio muyto feroso, e avido por sancto em tanta maneira, que os Bengualas, quando querem morrer, se mandam deitar nelle, scilicet, pondo os pés dentro na aguoá, a qual aguoá he muyto boa, e eu a provei.

RUANO

E os outros Gentios das outras terras tem este rio em veneraçam?

ORTA

Si em muita; porque um rio que dizem ser ramo deste, que corre nordeste sudeste tambem chamado *Guanga*, que he nas terras do Nizamoxa, todos os mais dos anos se vai lavar nelle toda pessoa gentia das suas terras. E porque alguns sam proves, e não podem lá ir a lavarse, manda elrey, tiranicamente, que quem se quiser ir lavar, que se vá a lavar, e que toda a pessoa pague por isso 180 reis, que he meo pardáo de ouro. E pera isto se faz conta na terra quantas pessoa ha, e os ricos paguam por os proves, e así se junta huma soma de dinheiro; e disto sam eu testemunha, porque vi colher este dinheiro, e me paguaram delle os que o recadavam dividas que elrey me devia, e merces que me

fazia*. E no rio *Guanga* de Benguala e Orixá (ou Uria como elles dizem) ha certos pagodes, aos quaes vam em romaria os mercadores do Guzarate e do Decam, e vam lavar-se no rio *Guanga*; e fazem grandes guastos e esmolas aos pagodes; e de lá vem lavados e rapados e tomados do diabo, a que elles chamam, santificados.

RUANO

Nova maneira de tiranisar he essa, e porém dizei o nome em arabio, e se usavam em fisica desta mézinha os Mouros e Gentios.

ORTA

Chamalhe Avicena**, e todolos Arabios que aguora ha *cembul*, que quer dizer em arabio *espigua*; e asi chamam o *espiquenardo*, *cembul indi*, asi como se dicesse *espigua da India*; e a que nós dizemos *espigua celtica*, chamam elles *cembul rumin*, como se dicesemos *espigua da terra dos Rumes*. E se Mateus Silvatico lhe chama *cenubel* e *sobel*, he como pessoa que não sabia o arabio; ou se pode dizer que os nomes se foram corompendo pouco e pouco. E quanto he o que perguntaes, se he em uso de fisica, diguo que si, ácerqua dos Mouros e muyto mais ácerca dos Gentios.

RUANO

Aguora he neseçario que examinemos os escriptores pera me tirardes as duvidas que ha nisso; e Discorides, mais antigo, diz*** que ha duas especias, scilicet, huma *siria* e outra *indica*, e nam porque se achem nestas regiões, senam porque

* Este segundo Ganges ou *Ganga* é o Godavery, cujo curso foi mal conhecido até um periodo muito posterior a Orta. D. João de Castro dá-lhe o mesmo nome que Orta, e diz, fallando dos rios do Deckan: «Guodavam, que per outro nome chamam *Gangua*». *Rot. de Goa a Diu*, 7. Esta phrase e a situação geographica marcada estabelecem perfeitamente a identificação com o Godavery, que suppunham ser um affluente do Ganges.

** Lib. 2, cap. 146 (nota do auctor).

*** Lib 1, cap. 6 (nota do auctor).

nasce em hum monte que tem duas faces, e huma dellas olha pera a Siria, e outra pera a India; e depois, falando na eleiçam, dizem que entre os nardos indicos ha o *guanjetico*, por nascer perto do rio Ganges, e que nasce em huma montanha, em a qual cresce esta mézinha; e que, posto que he maior e mais viçosa que a do alto do monte, he de menos vertude; e dizem que o cheiro della he como do *cipero*. A cerqua destas cousas me digua o seu parecer.

ORTA

Eu nam conheço outro *espiquenardo* nesta terra, senam o que já vos dixee, e he o que vem do Chitor, e do Mandou, terras que confinam com o Deli, e com Benguala e com o Decam. E asi estas terras, como outras muyto mais ávante, tudo he India. E dizer que he huma espigua *siria* e outra *indica*, não se póde entender senão dizer que este monte tem duas faces, huma do ponente e outra do levante; porque o monte ou os montes estam na India, e a Siria está da banda do ponente muyto longe. E mais he de notar que não nasce todo neste monte, senam em muytos cabos desta regiam, onde o semeam; porque não nasce sem ser semeado, senam póde nascer sem se semear em muyto pouca cantidade; e he uma raiz que crece deitando huma astia curta sobre a terra, que a maior póde ser de tres palmos, e outras muito mais pequenas, e loguo acima da raiz deita a espigua, e algumas espiguas vai deitando polla astia acima, e asi o trazem a vender a Cambaiete e a Çurrate, e a Guogua* e a outros portos do mar, onde lho compram os mercadores Arabios e Persios, porque a menor parte guastamos nós. E tambem a gente da terra guasta muyta cantidade, e eu o comprei já pera elrey nosso senhor em Dio: e algum delle he çujo, e cheo de pó feito dos cabellos do mesmo *espique*,

* Cambaya e Surate são portos bem conhecidos; Gogá ficava em frente, no mesmo golfo de Cambaya, na costa de leste da península de Kathywar.

e os mercadores que acima dixе tudo compram, e dizemme que com o pó lavam as mãos; nem achamos cá nesta terra ser hum melhor que outro; nem os que vem a vender, dizem que o ha nos montes e nos vales, e que o dos montes he o melhor; nem as espiguas que vem sam muyto mais grandes humas que outras; e todas as mais nascem perto da terra; isto he o que polla maior parte acontece. Huma cousa vos posso certificar, que se Dioscorides vira este *espique*, que nos vem e lá o mandamos, dixerá que era o verdadeiro *espiquenardo*; e certo que he de maravilhar destes escritores modernos que dizem que nam ha *cinamomo* nem *cassialignea*, confessando que vem da India, asi como *espique*. Muyto melhor dixeram que não he esta India que elles dizem, senam que he outra que nós não sabemos, por estar escondida, e isto seria melhor; porque certo aver muyto das mézinhas e valerem pouquo por causa da descuberta na navegação os faz duvidar serem ellas.

RUANO

Nam faleis com paixam; porque Mateolo Senense he de vosso parecer, reprendendo a Menardo, e a Fucio, porque dizem que nam ha verdadeiro *espique*: mas dizeime que direis a Plinio que diz que he huma frutice pequena e negra, e fraca, e que hum genero della, que nasce ácerqua do rio Ganges he de todo danada; e depois diz que o preço della he de go livras, e se he quintal e de *espique* podese sofrer; porque val em Dio a vinte cinco e a trinta crusados, não he muyto valer a duzentos e setenta crusados, que sam go livras; e dizem que o que tem as folhas grandes val a trinta; mas, nas *Anotações* de Plinio, diz Hermalao Barbaro que nam sam livras, senam dinheiros, porque tem esta nota como X feita, que val dinheiro X, isto traz mais rezam asi por o preço verdadeiro desta mézinha, como o da *pimenta*, e doutras muitas drogas*.

* Veja-se a nota final do *Coloquio*.

ORTA

Eu nesta terra não vi outro *espique* senão este, que levam pera o ponente, o qual vem todo perto do Ganges, e desta só maneira usam os fisicos Indios e os Turcos, e Persios e Arabios, que della vem, e habitam nesta terra, curando os reis e principes. E quanto he os preços serem grandes, não he maravilha, porque estes caminhos nam eram sabidos. E asi que Plinio podia nisto dizer verdade, mas não em dizer que o *espique* do Ganges era em todo condenado; pois não he outro senão este, e, se o ha em outras terras, he em tão pouqua cantidade que não veo á minha noticia (1).

RUANO

Diz Laguna que o *espique* que se vende nas boticas não he *espigua*, senam raiz; e a isto não contradizem Dioscorides, senão dizendo que parece *espigua*; e mais dizem que o *espique* he suspeito na India, porque delle se faz huma poçam ou composiçam venenosa chamada *pisso*, o qual *pisso* dizem que mata não tam somente per dentro, senam aplicado per fóra; e asi dizem que vem da Siria. Que respondeis a isto?

ORTA

Diguo que a tal composiçam chamada *pisso* eu nam a vi, nem della ouvi dizer; ante vos afirmo que, querendo o Nizamoxa provar hum pouquo do licornio meu, deu a hum homem que estava preso por caso de morte, *napello*; e parece ser que se *pisso* fôra mais venenoso, que lho dera a beber; asi que por isto e por nunca ouvir falar neste *pisso*, nem em semelhante mézinha, aplicada por fóra, me parece fabulosa cousa, e por tal a julguo (2). E ao que dizem que vem da Siria, diguo que vai de cá a Alepo, e de Alepo, que he a Siria, vai a Veneza alguma parte, que se guasta em Europa. E deste modo se entende o que diz Sepulveda, que o chama *espica aliep*, como se dicesse *espigua de Alepo*; porque sempre Alepo foy cabeça da Siria, e foi a principal escala da India pera o ponente, e agüora o he muito mais. E diz Sepulveda, que huma especia dita *satiech*, he *satiach*,

e isto quer dizer Satigum*, que he um porto muyto celebrado em Benguala, onde entra o rio Ganges: e esta mézinha, posto que he muyto celebrada, e guastada, não achamos falsificarse: somente, a que he velha, perde o cheiro algum tanto; e por isto asi passar não temos necessidade de falar no *espiquenardo*.

RUANO

Que cidade he Alepo? He por ventura Haram?

ORTA

O bispo Dom Ambrosio, penitenciario que foy do papa Paulo, veo a esta terra polla Arabia e Turquia, comovido com zelo de nossa fé; e sabia muito bem o arabio, e lia o muyto bem. E conversando eu em S. Domingos, porque era religioso da mesma ordem, me dixee que Abraham, quando Deos o livrou de Ur, cidade dos Caldeos, veo ter a Alepo, cidade e cabeça da Suria, e tinha muytos gados em grande quantidade, e que dava o leite a beber a todos os necessitados e proves, que vinham a comer e beber o leite cada dia; e que estes quando vinham, perguntavam: *yalep?* que quer dizer *ordinharam ou mungiram já?* E que por isto lhe puseram áquella terra este nome. E dizia o bispo que isto lhe dixeram os antigos de Alepo, os quaes tem que Alepo foy abitado e senhoriado de Abraham (3).

RUANO

Poderei eu falar com esse bispo?

ORTA

Não, porque partindo pera Portugal, morreo em Cochim antes que se embarcase.

RUANO

Certamente que folguára de conversar esse bispo (4).

* Ou Chatigam, modernamente Chittagong, junto á embocadura oriental do Ganges.

NOTA (1)

O «espiquecardo» de Orta é o **Nardostachys Jatamansi**, D.C., uma pequena planta da familia das *Valerianæ*, muito conhecida e usada na India desde os tempos mais remotos, como medicamento e principalmente como perfume, e designada pelo nome sanscritico, **जटामांसि**, *jatāmansi*. Orta identifica esta planta com o celebre *nardo* dos antigos, *spica nardi* dos velhos escriptores de materia medica; e esta sua opinião é partilhada pelas melhores auctoridades no assumpto, como são sir W. Jones, Sprengel, Royle e outros.

—O nome vulgar «cahzçara», citado pelo nosso escriptor, deve estar muito estropiado; e apenas vagamente se parece com alguns nomes que encontrâmos em Dymock, Ainslie e Piddington, como *balchar*, e *chehur* ou *chehar*.

—O arabico «cembul», isto é **سنبول**, *senbul*, é perfeitamente conhecido; e, segundo o uso dos arabes, juntavam-lhe o qualificativo da região *senbul-i-hindi*. É tambem natural — como Orta diz — que designassem pelo de *senbul-i-rumi*, uma droga analogo, procedente das terras occidentaes, e produzida por uma planta da mesma familia, do genero *Valeriana*.

O *espiquecardo* do commercio indiano vinha effectivamente das regiões montanhosas do norte da India, isto é, do Mandou e Chitor, tomando naturalmente estas expressões na accepção lata e um tanto vaga, em que as tomava Orta, e a que por mais de uma vez nos temos referido.

(Cf. Jones, *Asiat. Researches*, II, 405; e IV, 109; Sprengel, *Diosc.*, II, 345; Royle, *Ant.*, 33; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 367; Dymock, *Mat. med.*, 417; Piddington, *Index*, 90.)

NOTA (2)

Creio que a composição venenosa, a que Orta dá o nome de «pisso», dizendo não a conhecer, é simplesmente a mesma cousa de que falla logo em seguida sob o nome de *napello*.

É muito conhecida na India uma droga extremamente venenosa, chamada *bish*, do sanscrito *visha*, da qual parece que Christovão da Costa fallou, dando-lhe o nome de *bisa*, e que consiste na raiz do **Aconitum ferox**, Wallich, e talvez tambem de outras especies do mesmo genero. É provavel que Orta, vendo applicar esta droga pelo seu amigo Nizam Scháh, conhecesse ser a raiz de um *Aconitum*, e lhe desse o nome de «napello», lembrando-se do *Aconitum Napellus* da Europa, tambem venenoso, posto que menos energico. O que elle chama «napello» e o «pisso» seriam pois a mesma cousa; e unicamente succedia, que o nosso medico não havia estabelecido a identificação entre

as duas drogas venenosas (cf. *Pharmac.*, 12; Dymock, *Mat. med.*, 1; Chr. da Costa, *Tractado de las drogas*, 90).

NOTA (3)

D. fr. Ambrosio de Rontecalli, natural da ilha de Malta, foi enviado á Índia pelo papa Paulo IV, com o titulo de bispo Aureense, e poderes de *legado a latere*. Viveu algum tempo em Goa, naturalmente no convento de S. Domingos a cuja ordem pertencia, gosando a fama de homem instruido, não só de grande theologo, como de bom mathematico e orientalista distincto. Morreu effectivamente em Cochim, quando se dispunha a partir para Portugal (cf. fr. Lucas de Santa Catharina, *Hist. de S. Domingos*, iv parte, 950, Lisboa, 1733).

Excede muito a minha competencia a discussão da etymologia, dada pelo erudito bispo ao nome da conhecida cidade da Syria. Unicamente notarei, que a fórma arabica do nome Alepo ou Aleppo é حلب, *Haleb*; e se approxima ou é identica a alguns tempos do verbo mungir ou ordenhar. Os arabistas decidirão se o bispo tinha rasão, e se esta derivação é possivel e está no espirito da lingua.

De resto, aos que se não contentarem com a etymologia do bispo, podemos fornecer outra, muito mais singular. É a do conhecido viajante e naturalista francez, contemporaneo de Orta, Pedro Bellon: diz elle, que assim como Aleph é a primeira lettra do alphabeto, assim aquella cidade se chamava Halep, por ser a primeira da região em que está situada (Petri Bellonii *Observationes*, versão latina de Clusius, nos *Exotic.*, 155).

NOTA (4)

Orta deu-se a bastante trabalho para averiguar a concordancia dos preços das drogas, correntes no seu tempo, com os mencionados na Biblia, e em livros antigos, como o de Plinio. Foi procurar esclarecimentos a um trabalho classico e celebre sobre a materia, escripto pelo erudito Guilherme Budeo: *De Asse et partibus ejus libri quinque*, do qual vi a edição de 1533. Devo, porém, confessar francamente, que não procurei ali a «conta de Budeo», nem apurei se o resultado a que Orta chegou é exacto.

Sobre o mesmo assumpto, Orta consultou tambem as *Castigationes Plinianæ* de Hermolao Barbaro, onde, nas *Castigationes secundæ*, notas ao Livro XII (edição de 1493), encontrou a discussão dos preços do nardo, e a explicação de que o signal X significava o dinheiro, «denarium ostendat». Esta explicação foi-lhe util, porque — como antes notámos — elle se havia equivocado no *Coloquio da pimenta* sobre a significação d'aquelle signal.

THE HISTORY OF THE

Faint, illegible text in the upper section of the page, appearing as bleed-through from the reverse side.

CHAPTER

Faint, illegible text in the lower section of the page, appearing as bleed-through from the reverse side.

COLOQUIO QUINQUAGESIMO PRIMEIRO

DO ESPODIO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Entra o *espodio* em tantas composições feitas pelos Arabios, tam doutos e experimentados, que nos faz duvidar poderem as composições que o levam, tomarse polla boca o *espodio* dos antigos Gregos, pois he metal (e pera isto vieram a usar os Latinos de oge de outro *espodio*, chamado asi dos Arabios)*; e por esta causa queria saber de vós, que *espodio* he este que cá usam os fisicos.

ORTA

Nam ha mais que hum *espodio* no mundo, ou *pomfolix* ou *tutia*; e por falta deste tomavam outras mézinhas os Greguos, e chamavamlhes *antispodio*, que quer dizer *espodio falso*, ou contrafeito; mas os Arabios não fazem mençam deste *espodio*, senam debaixo do nome de *tutia*, ou *pomfolix*, nem de *antispodio* fazem alguma mençam.

RUANO

Pois donde nasce esta distincam de chamar a uma mézinha *espodio dos Greguos*, e a outra *espodio dos Arabios*?

ORTA

De Davo Terenciano**, que conturbava todas as cousas: e este Davo foi Gerardo Cremonense, que trasladou, em

* Toda a phrase é extremamente incorrecta; mas o sentido fica bastante claro.

** Davus, escravo de Simo, personagem de uma das comedias de Terencio.



lugar de *tabaxir*, *espodio*, não tendo semelhança com elle alguma, nem na obra hum do outro, que não seja mais deferente do que he branquo com preto. E não tam somente errou elle nisto, mas todos os que tresladaram os livros de arabio en latim, dizem *tabaxir*, scilicet, *espodio*, e aquella exposiçam não he do escritor, senão do tradutor.

RUANO

E parecevos mal, falecendo hum nome, fazerem imposiçam de outro em seu lugar?

ORTA

Não, se aquelle nome não significar outra cousa muyto deferente no parecer e na obra, porque estas equivocações dam causa a muytos erros, e porque os da fisica sam mais periguosos, sam estes maiores erros.

RUANO

Pera isso dizei o que he o *tabaxir*, segundo os doutores e a gente desta terra.

ORTA

O que os Arabios chamam *tabaxir*, he nome tirado da lingua da Persia; e dahi o tomaram os Arabios, asi como Avicena e outros. E *tabaxir* quer dizer leite, ou çumo, ou humidade, que invernou ou demorou em alguma parte; e por este nome he conhecido de toda a Arabia e Turquia, e Persia.

RUANO

E se esta mézinha he da India, como se chama nestas partes?

ORTA

A gente, onde a ha, a chama *sacarmambum*, que quer dizer, *açucare de mambum*, porque áquellas canas daquela arvore chamam os Indios onde nasce, *mambú*. E porém já lhe chama aguora a gente da terra *tabaxir*; porque debaixo deste nome lho pedem os Mouros, que o vem comprar da Persia e da Arabia, e da Turquia, que se leva a estas re-

giões por mercadoria; e val muito, quando falece, e pouquo, quando vai muyto a venderse; que asi sam todas as mercadorias; mas o preço ordinario na Persia e Arabia he a peso de prata.

RUANO

Como sam as canas e os arvores que as criam? E elle como se tira e he feito? E em que terras é a força e a quantidade destas canas?

ORTA

Ha huns arvores grandes, e altos tanto como freixos, e outros mais pequenos, e isto ha em Bisnaguer e suas terras, e no Malavar tambem; e tem os ramos direitos polla maior parte, senão alguns delles, que vem de boa feiçam, que entortam e acorcovam, pera fazer as canas dos palanquins e andores que na India se usam. Tem entre nó e nó estas canas cantidade de um palmo, e a folha pouco mais comprida e larga que a da oliveira nossa; e nestas canas, scilicet, nos nós, se gera huma humidade grossa que parece como o amidam, quando está muyto coalhado; e asi he branca, e ás vezes he muyta, e ás vezes pouca, como a que nasce dentro das canas de escrever, a que os moços, em lingua portugueza, chamam *ladrão*. E por o que vos dixee vereis que nam he raiz de canas nossas queimadas, como dizem alguns Arabios.

RUANO

Vistes já o *tabaxir* nas canas? E como he algum delle, preto ou cinzento?

ORTA

Vi muytas vezes, posto que poucas canas o tem; e sam as de Bisnaga e Batecalá, e de algumas do Malavar: e a gente da terra, scilicet, os carpinteiros, quando as lavram para fazer algum madeiramento, se acham dentro este çumo basto ou miolo, põemno loguo pollos lombos e rins, e na frente se lhe dóe a cabeça, e se o senhor da madeira não lho toma. E algum delle he preto e cinzento, e nam se tem por pior; porque he de estar muito na cana, e a humidade o fazer daquella cor. E já tive por certo em algum tempo,

que porque punham fogo ás canas, ficava daquella cor; mas depois soube a verdade, porque ás vezes não põem fogo no mato das canas e muytas dellas o dam, que nunca viram fogo; por onde parece ser a verdade ser da muita humidade que corre a elle: e asi me foy dito a mim por Indios da terra.

RUANO

Pois os Arabios e Latinos falaram somente neste simple, pouquo trabalho tereis de me fallar nisso, decrarando o que dizem; e dizer onde dizem mal e onde bem.

ORTA

Rasis, posto que fala no *tabaxir**, não diz de que he feito, senão o pera que aproveita. Serapio diz** que he *sataxir* ou mais directamente *espodio*; e diz o pera que aproveita, aleguando a Rasis, o qual Rasis alegua a Galeno; e diz nisto bem, mas tal cousa nunca escreveo o Galeno, nem outro Grego algum. Mas isto não se póde tirar a Serapio, aleguar a Galeno e a Dioscorides, onde nunca falaram cousa alguma; e tambem diz, aleguando ao mesmo Galeno, que no sabor he amarguo, no qual erra manifestamente, mas antes he doce; e por esta rezam, como já vos dixee, lhe chamam os Indios *açucar de mambu*. E quanto he a não lhe chamar *tabaxir*, senão *sataxir*, nisto nam errou, porque Serapio *tabaxir* escreveo, e o tempo corrompeo o nome. E em dizer, ou mais directamente *espodio*, o erro que nisto se cometeo foy do trasladador, que pôs aquillo de mais da sua casa. Avicena diz*** que sam raizes de canas queimadas, o qual vedes ser falso; e nem as canas sam das nossas, e o Belunense diz que ha de dizer *alcaná* por outra letra, e que *alcaná* he o arvore das canas de que se faz o *espodio*,

* Rasis, *Tratatus*, 3, cap. 36 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 342 (nota do auctor).

*** Lib. I, cap. 617 (nota do auctor).

e nisto faz no seu chamado *Vocabulario* huma discriçam do arvore; mas eu nunca achei quem lhe chamase este nome nesta terra. E quanto mais que nem as raizes das canas he o *tabaxir*; asi que em ambas traduções erra Avicena. Avenrois diz* que he carvam dos nós das canas queimadas da India, donde parece que o não vio, pois a cousa tam branca chama carvam.

RUANO

E que vos parece destes homens errarem?

ORTA

Pareceme que o trato e navegaçam não era tam usada; por onde aviam as enformações falsas e curtas. E diz Valerio Codro** muyto mal dos Arabios, porque fazem o *espodio* das raizes das canas, sendo *espodio* metal ou feito de metal. E nisto não diz bem, porque os Arabios, como vos dixе, não conheceram tal nome, senão *tulia*, e desta escreveram, conforme aos Greguos. Antonio Musa diz que Avicena usou do *espodio de canas*, porque não tinha o de metal (bem vedes que nunca falece *tulia* nem metaes, mas não usaram della tomada por a bocca) e mais diz que nós não aviamos de usar deste *espodio*, pois he contrafeito e falso, e diz que nam faltaram escriptores modernos, como Menardo e outros, que dixeram que de nenhuma cousa se faz *espodio* senam dos metaes. E nisto se enganou muyto, porque Dioscorides ensina a fazer *espodio* no 5 livro. Mas de todas estas cousas he livre Avicena; porque não falou senão *tabaxir*, e nam sonhou que havia de ter falso tradutor; e pois trabalham todos na equivocaçam destes nomes, scilicet, *espodio*, avendo de significar duas cousas. E ao fim diz que usemos do *espodio* de canas de Avicena, ou de coraes queimados, ou de marfim queimado, ou de ossos de elefante queimados. Vêde, senhor, quantos erros se pudiam escusar, se olhasem estes

* Coliget, 5 (nota do auctor).

** Valerio Codro (nota do auctor); aliás Valerio Cordo.

homens a composiçam; e se for de Greguo, usar do *espodio* verdadeiro de metal, e se for de Arabio usareis deste *espodio*, que levareis da India, que eu volo averei; e se for Latino que receita a composiçam, vereis se he mézinha que se ha de tomar por dentro ou por fóra, e usareis conforme a entença do escritor, que fez a composiçam; porque loguo se verá, se querem esfriar coraçam, ou cerebro, ou figado, ou rins, ou se querem restringir alguns fluxos; e se asi fôr bem he usar do *tabaxir* da India. Muytos doutores simpli-cistas, e copiladores de mézinhos vos trataram sobre esta materia; mas casi todos falam de huma maneira; porque os que dizem que menos mal he tomar *espodio* feito das raizes das nossas canas, erram, porque isto não he mézinha cordial, como he o *espodio*, nem esfria, como o *tabaxir*; e dizer que o façam de coraes ou marfim queimado, se essa fôra a entença, bem o pudera dizer Avicena e os outros. E os que dizem que se faz de ossos de elefante, eu sei certo que não aproveita pera cousa alguma: e quando morre algum elefante, comemlhe os Gentios a carne, e deitam os ossos a longe. Pois como os aviam lá de levar a Europa a vender?

RUANO

Aveis dito muito bem: e por isso o levarei de cá. Per fim queria saber de vós como usam esta mézinha os fisicos Indios, e os dos reis, e os da Persia e Arabia e Turquia; porque com isto ficarey satisfeito.

ORTA

A gente da terra, que sabe fisica, guasta este *tabaxir* pera os esquentamentos interiores e exteriores, e pera as febres colericas, e pera as camaras: e os fisicos que tem o Nizamoxa, Arabios e Persas e Turcos, o usam pera as mesmas cousas ditas, e muyto mais pera fluxos colericos, e fazem os nossos trociscos com semente de azedeiras (1). E deste modo curei, per conselho de Nizamoxa, a Franguecham Portugues (chamado Sancho Pirez) natural de Matosinhos; o qual era tam querido e privado seu, que o via cada dia, e lhe oulhava

as camaras; e nam fiava a cura deste homem senão de mim, porque avia medo, que lho matassem os fisicos, por ser privado seu.

RUANO

Muyto lhe devia querer. E era mouro ou cristam? E tinha muyta renda?

ORTA

Ao que me dizia em secreto era christam, e comia conmigo as cousas vedadas aos Mouros, e rezava, e dizia mal delles; e não era circumciso, posto que todos cuidavam que si, mas eu o vi e nam o era: mas asaz de mal tinha, pois confessava ser mouro, e este morreu com 6 mil crusados de renda. He verdade que desta renda paguava á gente com que era obriguado a servir, e certo que se o diabo o não levava primeiro em o combate de Calabarga, me tinha prometido de vir comigo; e eu já lhe tinha avido perdam secreto do visorey Dom Affonso de Noronha. E elle fazia muytas esmolos a Portuguezes, e a Misericordias, e a outras igrejas, de que eu sam testemunha (2).

NOTA (I)

Orta começa por estabelecer a distincção entre a substancia vegetal, impropriamente chamada *espodio* pelos traductores dos arabes, e o *espodio*, *spodo* ou *spodio* dos antigos escriptores gregos e latinos, analogo ou identico ao *pompholix* e á *tutia*, substancias mineraes e absolutamente diversas da primeira. Como elle volta a tratar da *tutia* em um *Coloquio* especial, reservâmos para então o que ha a dizer sobre estes oxidos metallicos

O *espodio* vegetal ou *tabaschir*, que faz o assumpto d'este *Coloquio*, é uma conhecida concreção siliciosa, depositada nas cavidades dos entrenós dos bambus: **Bambusa arundinacea**, Retz., e, segundo dizem, de outras especies do mesmo genero. Não é, no emtanto, uma substancia muito vulgar, pois, como já Orta advertia, se não encontra em todas as plantas, e só excepcionalmente em algumas, desenvolvidas em condições especiaes de vegetação.

É geralmente conhecida no Oriente pelo nome persa, طباشیر, *tabaschir*, derivado do sanskrito लक्ष्मीरा, *tvak-lshirā*, e cuja ultima parte significa leite, como Orta nota acertadamente.

Derramaram-se sobre esta substancia vastos thesouros de erudição, por isso que alguns escriptores dos seculos passados e já do nosso, como o eruditissimo Salmasius, e depois Sprengel e varios mais, suppozeram ser este *tabaschir*, e não o vulgar *assucar*, aquillo de que Dioscorides e depois Plinio fallaram sob os nomes de σάκχαρον e de *saccharum*. Posto que o nome do *assucar* se não derive primitivamente do sabor doce, e a palavra sanskrita *sarkara*, da qual procedem todas as designações posteriores (o nome portuguez vem pelo arabe, e conservando o artigo, *as-succhar*), se applique á fórma granulosa da substancia crystallizada, é certo, que tanto Dioscorides como Plinio se referem ao seu sabor doce, quando classificam o σάκχαρον ou *saccharum* como uma especie de mel. O *tabaschir* não é sensivelmente doce, e esta simples mas importante circumstancia, leva a maior parte dos escriptores mais modernos, Royle, Yule, Dymock e outros, a julgarem que aquelles antigos auctores se referiam effectivamente ao assucar, do qual tinham, no entanto, um conhecimento muito incompleto.

O *tabaschir* é, como dissemos, uma concreção siliciosa, na qual parecem entrar 70 por cento de silica, e que se apresenta em fragmentos irregulares de côr branca ou azulada, e um tanto opalina. Ás vezes, a substancia bruta, encontra-se denegrida e suja, o que parece resultar, contra a opinião de Orta, de haverem lançado fogo aos bambus, sendo então necessario calcinal-a para a purificar. Gosa esta substancia, no Oriente, de grande e mal fundada reputação medicinal, sendo considerada pelos hindus como um tonico poderoso, e tida pelos arabes e persas na conta de adstringente, fortificante e cardiaca. Entrava naturalmente este *tabaschir* ou *espodio* em varias composições da pharmacia arabe, que por muito tempo deu a lei na Europa; mas a substancia era rara, e por isso lhe substituiram a maior parte das vezes aquelles succedaneos variados, de que Orta falla, as raizes das cannas, e o coral ou o marfim queimado. Na Pharmacopéa de Barcelona (1587) nós vemos, por exemplo, como por *spodio* se deve sempre entender o marfim queimado: *spodium Arabum sume, hoc est Ebur ustum*.

(Cf. Dymock, *Mat. med.*, 856; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 419; *Amaracocha*, 1, 227; Royle, *Ant.*, 83; Yule e Burnell, *Gloss. v. sugar e tabascheer*; *Concordia pharmac. barcinonensium*, 73.)

A proposito do *tabaschir*, Orta descreve naturalmente as plantas de que se obtinha, comparando-as com os freixos, unicamente na altura, está claro, e assimilando a fórma da folha á da oliveira. Nota que os ramos (colmos) eram direitos, a não ser alguns, que artificialmente curvavam para depois servirem nos palanquins. Esta fórma, regularmente curva, póde observar-se nas curiosas estampas dos palanquins, usados

pelos portuguezes de Goa, e que illustram o livro de Linschoten. A parte mais interessante do que Orta diz do bambu, é o nome de *mambum* ou *mambu* que lhe dá, e cuja origem é pouco clara. Os primeiros portuguezes, no começo do seculo, não dão nome especial á planta, chamando-lhe simplesmente *canas*, e notando apenas quanto eram grandes e grossas, comparadas com a *Arundo* do sul da Europa. O nome vulgar no Canará, segundo Wilson — citado por Yule — parece ser *bānbū*, de modo que não é facil saber d'onde veio a fórma usada por Orta. Poucos annos depois (1578) Costa emprega a mesma fórma *manbu* ou *mābu*; e no fim do seculo (1598) Linschoten, pelo menos na versão latina, dá as duas fórmas: *ea ab Indis Manbu, a Lusitanis Bambu vocatur*. D'esta passagem de Linschoten, se não foi influenciado, como muitas vezes é, por Orta, resulta que o nome indigena seria *manbu*. O que parece certo, é que a palavra foi introduzida no uso europeu pelos portuguezes (Cf. Yule e Burnell, *Gloss. v. Bamboo*; C. da Costa, *Tractado*, 296; Linschoten, *Navigatio*, 67).

NOTA (2)

Sobre este curioso typo de aventureiro portuguez do xvi seculo, temos, além das interessantes noticias, que nos dá Garcia da Orta n'este *Coloquio*, as que nos fornece Diogo do Couto.

Sancho Pires era um portuguez do norte, natural de Mattosinhos, que passou á India como soldado, artilheiro, ou —na linguagem do tempo— bombardeiro, o que tornava os seus serviços mais apreciados, pois os bons bombardeiros eram raros, e nós vemos algumas vezes alle-mães e flamengos, contratados para este mister. No governo de Nuno da Cunha, passou para o serviço do Nizam Scháh, levado pelo seu espirito inquieto, ou, o que é mais natural, por haver commettido algum crime, ou algum acto de indisciplina. Estas deserções não eram frequentes, mas poderíamos citar outros exemplos. Devemos dizer desde já, em abono de Sancho Pires, que o Nizam Scháh esteve quasi sempre em paz com os portuguezes, e elle não teve de voltar as armas contra os seus. Sancho Pires parece ter sido um valentão, tendo alem d'isso verdadeiras qualidades de commando, de modo que chegou a general de cavallaria, obtendo muita importancia na côrte de Buhran, e recebendo o titulo de Frangue khan¹. Havia-se feito mussulmano, unicamente pelos seus interesses, mas sem zêlo pela sua nova religião, pois em segredo se dizia christão, e quando jantava com Garcia da Orta comia

¹ «Tringuan» diz Couto; mas era evidentemente Frangue khan. Foi uso entre os mouros deixar o nome da nacionalidade como distinctivo; assim nós vemos o famoso Rumeção dos livros portuguezes, Rume khan, um *Rume*; e Tatar khan, um *Tartaro*; d'ahi Frangue khan, porque Sancho Pires era um *Frangue*.

todas as «cousas vedadas aos mouros». Conservava tambem escrupulos da sua apostasia, e não só mandava esmolas ás misericordias, como dissuadia alguns outros christãos de mudarem de religião, mostrando-lhes «as obrigações que tinham á lei de Christo». Em summa, parece ter sido um homem de valor e um bom homem; Diogo do Couto falla d'elle com muita consideração, e Orta com uma certa amizade.

Buhran Nizam Scháh morreu no anno da hedjira 961 (de J. C. 1553), posto que Diogo do Couto colloque a sua morte no de 1555. Deixava diversos filhos, entre elles Hussein da sua favorita Amina, e outros de Biby Mariam, irmã do Adil Scháh de Bijapur¹. Desejava, porém, que Hussein lhe succedesse, e entregou-o aos cuidados do seu general e válido Sancho Pires, o qual o collocou no throno. O historiador persa Ferishta não falla de Sancho Pires, pois os mussulmanos guardam geralmente silencio sobre a intervenção dos christãos nos seus negocios; mas confirma indirectamente esta noticia de Diogo do Couto, dizendo que Hussein foi sobretudo apoiado pelo partido dos *estrangeiros*, abexins e outros. Os demais filhos de Buhran fugiram, e o reino obedeceu a Hussein, ou antes, segundo parece, a Sancho Pires, o seu principal sustentaculo. Poucos annos depois (967 da hedjira, 1559 de J. C.), suscitou-se a guerra entre o Adil Scháh, que, alem de outras rasões, promovia os direitos dos sobrinhos ao throno, e o Nizam Scháh, alliado então com o «Cotamaluco», isto é, com o Qutb Scháh de Golconda. Sancho Pires commandou n'essa guerra o ataque contra a fortaleza de Calabarga (Kulbarga), e morreu na brécha como um valente, levando-o o diabo, segundo diz Garcia da Orta, apesar da evidente sympathia que por elle tinha.

Vê-se tambem do *Coloquio*, que Sancho Pires havia pensado em voltar para o serviço de Portugal, servindo-lhe de intermediario Garcia da Orta, o qual, já no governo do vice-rei D. Affonso de Noronha (1550-1554), lhe havia obtido um perdão secreto.

(Cf. Couto, *Asia*, vii, iv, 9; Ferishta, *Hist. of the rise of the mahomedan power in India*, iii, 236 a 239.)

¹ Veja-se Garcia da Orta e o seu tempo, pag. 228.

COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEGUNDO

DO ESQUINANTO

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Dizem em Portugal que o *esquinanto* (he mézinha nas boticas usada) vem da India; e tambem em Castella dizem que vem de levante. Queria saber os nomes della, scilicet, na terra onde nasce, e no arabio; porque o greguo e latino eu o sei, como vós, não tomeis trabalho em mo dizer. E tambem me direis as terras onde sabeis que nasce, e se o usam muyto os fisicos Indianos.

ORTA

Asinha sereis nisso servido e despachado, senão vierdes com vosso contraponto ao cabo.

RUANO

Isso não se escusa; por tanto começai em ora boa.

ORTA

Nasce em Mascate e Calaiate (terras da Arabia) onde ha tanto, como a erva comum que pacem as bestas em Espanha; e ali lhe chamam *cachabar*, e alguns lhe chamam *haxiscaçule*, que quer dizer *erva pera lavar*; e em Persia, que confina com as ditas cidades, se chama *alaf*, que quer dizer *erva*, e podese chamar asi por excelencia: cá na India não tem mais nome que *erva de Mascate*; em portuguez, em latim e greguo já o sabeis. E chamamlhe em nossa terra *palha de Mequa*, e não erram muyto, porque esta terra, posto que por mar seja muito distante de Mequa, indo por terra he muyto perto; e yam lá os Arabios de Mascate e

Calaiate em pouquo tempo: tambem não erram muyto em a chamar *palha* ou *pasto de camellos*, porque os ha na terra; mas nam tantos que guastem a erva e a frol; mas ha muytas mulas, e asnos e cavalos, que cá chamamos arabios, de muito preço; e ha muytas vacas e cabras e ovelhas, e pacem esta erva, que he muyta em toda a terra. Vem á India pera mézinha encomendada dos boticairos, mas a mais della trazem nas náos os mercadores de cavalos pera lhe deitar aos pés, pera que nam cheire mal a orina e o esterco delles; e pera isto trazem fardos, porque como se molha e dana a erva, deitamna ao mar, e tornam a deitar outra aos pés dos cavallos. E tambem alguns marinheiros a trazem em fardos, pera vender cá; e eu ouve muitos fardos em Dio, por pouquo dinheiro, pera mandar ao reino com outras drogas. E porque vos dixee que se chamava *cachabar*, não neguo ter outros nomes nas partes da Arabia, porque Avicena* a chama *adhar*, e Serapiam** *adher*; e deste modo a chamam tambem os físicos Arabios e Persios, que ha na India; e á frol chamam *foca*; e desta frol vem pouqua a esta terra ou nenhuma, porque eu não a vi, e na terra donde nasce não fazem caso della, polla gente ser silvestre e de pouquo saber; e se lhe chama Mateus Silvatico *azqchir* e *adcaram*, sam nomes corrutos. Nesta terra não usam dessa mézinha os naturaes, senão nós e os Arabios e Persios; e na terra donde nasce he comum mézinha, pera se lavarem os homens e os animaes.

RUANO

Aguora nos resta examinar os escritores. E começando por Dioscorides***, por sua autoridade, diz que o ha na Africa, scilicet, na Arabia, parte della, e na regiam dos Nabateos, donde vem mais excellente; e diz que, loguo após

* Avicena, Lib. 2, cap. 589 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 19 (nota do auctor).

*** Dioscorides, Lib. 1, cap. 16 (nota do auctor).

elle, he o arabio, chamado *babilonico* de alguns, e de outros *teuchites*; e o pior de todos he o que nasce em Africa, e a frol he mais em uso na fisica. Sabeis se o ha nestas partes?

ORTA

Sei que o ha nestas partes ditas, e que todas se nomeam Arabia. E quanto he á terra dos Nabateos, saber se o tem ou não, diguo que he Nabatea provincia da Arabia perto da Judéa (dita assim de Nabatoch, neto de Ismael), e dixeram-me fisicos, que estiveram em Jerusalem e Galilea e nessas terras, que o que se guastava em ellas vinha do Cairo; e pergunteilhe se o avia no Cairo, ou se vinha da costa de Mascate, disseram que nam o sabiam, mas que muitas vezes as ervas medicinaes nam eram sabidas, polla gente da terra ser pouquo curiosa, e por isto o nam sabiam: e esta foy a causa porque não perguntei se o avia em Babilonia: e póde ser que o aja nella, e pois Dioscorides diz que o peor he o que nasce em Africa, não curemos de saber se o ha; pois não diz em que parte da Africa nasce. E ao que diz da frol, que he o que mais se usa, confesso ser verdade, mas não sam os medicos curiosos pera a mandarem trazer. E eu me culpo nisso, porque por isto se perdeu o uso della; e bem sei que *esquinanto* he vocabulo corruto greguo, que quer dizer *frol*, e per excelencia se chama asi ácerca dos Greguos, como vós melhor sabeis.

RUANO

Outros o chamam *junco odorato*, ou casi todos os Greguos, e Cornelio Celso *junco redondo*.

ORTA

Assi parece algum tanto *junco*; posto que não crece tam alto. E chamarlhe Celso *junco redondo*, he por fazer differença do *junco triangular*; e os outros *junco cheiroso*, por fazer deferença do *junco comum*, de que usamos. E tambem diz Avicena que hum he arabico, e que he de bom cheiro,

e outro da terra de Agiami, e este he o de Damasco. E porém não sei se o ha nessas partes, como vos já disse.

RUANO

E tambem diz Avicena* que o *esquinanto* tem fruto negro, aleguando a Dioscorides. He falso, nem tal diz Dioscorides.

ORTA

Pode ser que seja depravado o livro, ou que o Dioscorides, por onde o leo, estava errado.

RUANO

Serapiam diz**, aleguando a Bonifá, que o *esquinanto* he huma erva que tem raizes debaixo da terra, e que tem muitos ramos delgados e duros, que he assi como a raiz do *chulem*, senão que he mais larga, e tem menores nós, e que tem o fruto semelhante ás flores das canas, e que o mais sutil he menor; e diz que poucas vezes nasce só, que quando verdes huma planta destas parecem muytas ao redor, e que nasce em ilhas e prados; e que quando se seca fica branco.

ORTA

Diguo que não he planta, senam erva***, como elle mesmo diz mais abaixo, nem nasce em ilhas, nem cheira a rosa, mas tem bom cheiro; e isto quando he fresca a erva, senam as cousas que cheiram bem não fazem nellas a comparaçam muito certa, e mais parecese tanto á raiz da *erva chulem***** que alguns chamam asi ao *esquinanto*, como acima disse.

RUANO

Mateus Silvatico diz que se conserva por 10 annos.

* Avicena, Lib. 2, cap. 598 (nota do auctor).

** Serapio, 1, cap. 19 (nota do auctor).

*** Orta toma a palavra *planta* no sentido de arbusto.

**** Ignoro que planta Orta designa por este nome.

ORTA

Diguo que nesta terra, ao longuo do mar, dura pouquo; e porém nas outras terras póde durar muyto, por ser erva que não tem muyta humidade; mas isto se entende nam lhe ficando o cheiro.

RUANO

Antonio Musa diz que nasce na Apulha.

ORTA

Pode ser verdade, se elle o vio.

RUANO

Depois de falar em os Frades, em dizer que não he frol, senam raiz e palha, e que aquella palha que nas boticas se vende por *esquinanto* não o he (como muytos doutos o tem), e que nam he o de Dioscorides, oulhando os signaes que delle põem, e que muytos creem que a raiz do *calamo aromatico* he a raiz do *esquinanto*; e tambem diz que outros tem que a raiz da *galanga* he a do *esquinanto*, e que *junco aromatico* e *calamo aromatico* não devem ser muito deferentes por a semelhança dos nomes.

ORTA

Bem pode ser que todos os sinaes de Dioscorides nam quadrem ao *esquinanto*, mas o *esquinanto* he o mesmo que sempre foy; e asi lhe chamam fisicos letrados do Nizamoxa, e á frol *foca*, e confessam ser estes nomes greguos; e asi, pollos nomes gregos, o chamam *esquinanto*; e estes homens sam Arabios de naçam. Ora não sei que mais prova quereis; e mais Dioscorides não o avia de conhecer tam bem, como os de Mascate, e isto porque Mascate por terra não he muito longe de Meca. E ao que diz que he *calamo aromatico*, bem se parece *esquinanto* hum com outro; porque este parece *junco*, e o *calamo aromatico* tem as folhas como *lirio*, e o *calamo* he muyto mais quente, e tem a raiz muyto maior; e o *esquinanto* nasce em Mascate, e o *calamo* na India, donde o levam por mercadoria pera a Arabia. E dizer que he *galanga* he pior dito, porque a *galanga* ha na China duas mil leguoas de Mascate; e as raizes e folhas sam muyto deferentes, por-

que aqui ha em Goa *galanga* semeada. E mais o *esquinanto* he nacido na terra muyto e sem se semear, e a *galanga* e *calamo* sam sativos; ao menos sei dizer que os que derem *calamo* e *galanga* por *esquinanto*, que vão enganados no preço, que custam mais estas mézinhas que o *esquinanto* duas mil vezes. E o que seria bem pera curarmos, á vontade destes homens que escrevem, era bem que fizessem huma pratica nova, por onde curasemos, e que não levasse nenhuma mézinha destas, em que Fuchio* tem duvida; mas eu vejo que os que escrevem aguora, destes modernos, usam das mézinhas na sua pratica dos Arabios, pondo tanta duvida nellas (1).

RUANO

Não tomeis tanta colera, que os homens am de dizer em que duvidam; e quando estam protervos e pertinaces, dando boas rezões, entonces sam de culpar. E portanto passai ávante, e falemos nos *tamarindos*, pois sam tanto medecinaes, e ao guosto apraziveis.

* Aliás Fuchsio.

NOTA (1)

O «esquinanto» é o *Andropogon laniger*, Desf., uma planta da familia das *Gramineæ*, de larga distribuição geographica, pois se encontra espontanea desde a Algeria, pela Arabia e India, até ás alturas do Thibet.

Esta droga foi chamada *σχόινον* pelos antigos gregos, e depois com referencia á flor, *σχόινον άνθος*, ou por contracção *σχόινανθος*, donde fizeram na baixa latinidade *squinanthum*, e *herba squinanthi* ou *schœnanthi*; foi igualmente conhecida pelas designações de *senum camolorum*, e de *juncus odoratus*. Orta conhecia todos estes nomes, ou parte d'elles; e menciona tambem outros, de procedencia oriental, cuja identificação nem sempre é facil fazer.

—O nome, usado pelos antigos escriptores arabes de materia medica, parece ser *أذخر*, *adhkhar*, o «adhar» e «adher» de Orta; mas mais modernamente cita-se na fórma *اسخّر* *askher*, ou *izkhir*, que deve ser o «azqchir» de Mattheus Silvatico, que o nosso escriptor diz estar «corruo».

—Não encontrei propriamente a designação «haxiscaçule», applicada a esta droga; mas Scaligero diz que حشيش غسلى, *haschisch ghesale*, tem effectivamente a significação de «herva para lavar», *herba lotoria*. E no Makhzan-el-Adwiya —citado por Dymock— diz-se que a herva, reduzida a pó, é empregada nos banhos para os perfumar, e chamada na Mecca *ghusul*, que é evidentemente o *ghesale* de Scaligero e o «caçule» de Orta.

—O persiano «alaf», nem parece ser persiano, nem significar herva; mas é arabico علف, *'alaf*, e significa comida ou *pabulum*, ligando-se pois ás conhecidas designações de «pasto dos camellos», ou *faenum camelorum*. Deixo esta ultima indicação, assim como a anterior, sob a inteira responsabilidade de Scaligero.

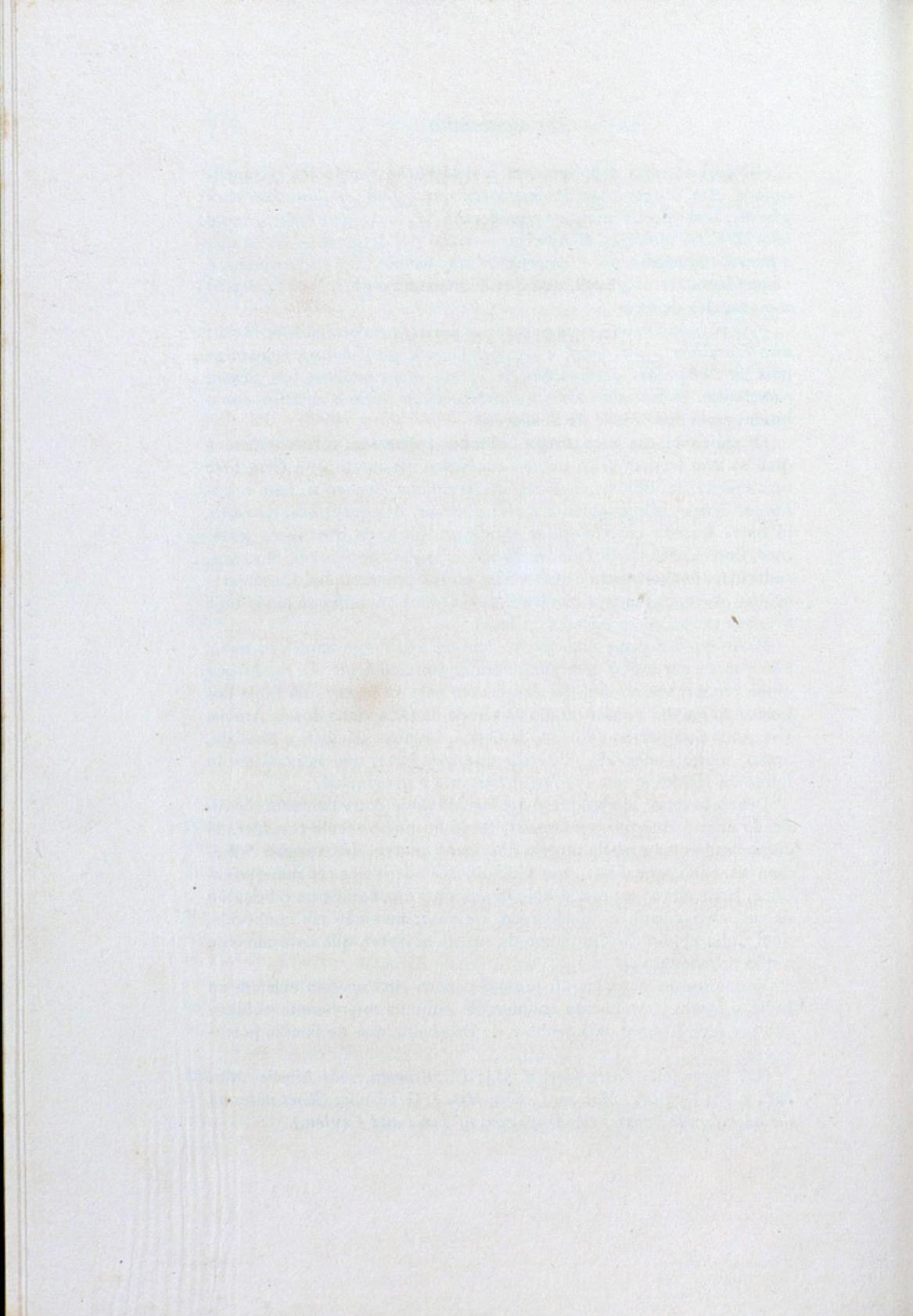
O *squinanto* era uma droga bastante conhecida, relativamente á qual se não haviam feito muitas confusões, de modo que Orta teve unicamente de afirmar, que não era o *calamo aromatico*, nem a *galanga*, drogas effectivamente muito diversas, das quaes elle, de resto, já havia tratado em *Coloquios* anteriores. Esta, de que agora tratamos, tinha varias applicações medicinaes, sendo considerada diuretica, sudorifica, expectorante e com varias outras propriedades. Desappareceu ha muito da materia medica europêa; mas encontra-se ainda hoje á venda em todos os bazares da India.

Posto que a especie *Andropogon laniger* exista espontanea na India, não parece ser muito commum, nem muito conhecida, de modo que ainda modernamente aquella droga vem para os bazares da India dos portos do golpho Persico, como no tempo de Orta vinha dos da Arabia. Orta cita dois portos da costa de Oman, Calaiate (Kalhat) e Mascate, ambos muito conhecidos, dizendo que, por terra, não ficavam muito longe da Mekka, o que era forçar bastante a geographia.

Devemos notar ainda, que o *squinantho*, hoje correctamente identificado com o *Andropogon laniger*, foi já no nosso seculo considerado como sendo uma especie diversa do mesmo genero, *Andropogon Schænanthus*, Linn., que d'esta errada identificação derivou o seu nome scientifico. Esta ultima especie é hoje largamente empregada na fabricação de um oleo volatil, chamado *rúsa*, ou *rosa*; mas não era conhecida, nem tinha applicação no tempo do nosso escriptor, que naturalmente a não menciona.

Varias outras especies do mesmo genero *Andropogon* existem na India, e foram ultimamente enumeradas em uma interessante publicação por mrs. Lisboa, uma senhora de Bombaim, mas de familia portugueza.

(Cf. Sprengel, *Dioscorides*, II, 354; *Exoticorum*, 250; Ainslie, *Mat. Ind.*, I, 58; Dymock. *Mat. med.*, 850; Mrs. J. C. Lisboa, *Short notes on the odoriferous grasses (Andropogon) of India and Ceylon.*)



COLOQUIO QUINQUAGESIMO TERCEIRO

DOS TAMARINDOS*

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, SERVA

RUANO

He tam aprazivel ao guosto o *tamarindo*, sendo tam me-
decinal, que não tem preço. He bem que saibamos o nome
dos Indios e dos Arabios, e que me diguaes a feiçam do ar-
vore, e como se uza delle ácerca dos fisicos Indianos.

ORTA

Fruta medicinal he essa em que não ha enguano, por ser
muito conhecida de todos, e porque os ha em muitos cabos;
e asi sam nacidos no monte os milhores, e os que mais du-
ram sam os mais chegados ao norte, asi como os de Cam-
baiete e do Guzarate; chamase no Malavar *puli* e no Guza-
rate *ambili*, e asi lhe chama toda a outra gente desta India;
e o Arabio lhe chama *tamarindi*, porque *tamar*, como vós
milhor sabeis, he *tamara* (a que os Castelhanos chamaes *da-
til*) asi que *tamarindi* sam *tamaras da India*; e isto foy
porque não lhe acham outro nome mais adequado os Ara-
bios, por ter dentro caroços; e nam porque o arvore o pa-
reça, nem o fruto meudo. E o arvore he grande como freixo
ou noqueira, ou castanho; e a madeira delles he rijja, e nam
porosa ou fôfa, e he muito cheo de folha, e como fétos cre-
cida por todos os ramos**. A corteza com que se cobre a fruta

* «Tamarinhos» na edição de Goa; mas como Orta escreve algumas
vezes *tamarindos*, reduzimos tudo a esta fórma.

** Por muitas vezes Orta compara as *folhas compostas* com as *fron-
des* dos fetos; por exemplo, tratando do *Phyllanthus Emblica*, e em
outras passagens.

he verde, e des que se seca he parda, e fácil de arrincarse; tem dentro caroços*, e deitados fóra, uzamos da medula, que he apegadiça. E sam estes *tamarindos* a modo de hum dedo feito á feição de arco; quando sam verdes sam mais azedos, mas não tanto que nam tenham bom sabor. Eu uso muyto delles espurgados, comendoos com açucare, e achome com elles milhor que com xarope acetoso. E tambem lhe diguo que muytas vezes xaropo os meus doentes com infusam dos *tamarindos*, deitando quatro onças em aguoá fria ou de *endivia*, e deitados ahi per tres oras, feita expresam lhe tiro os *tamarindos*, e lhe lanço hum pouquo de açucare, e com isto me acho muito bem, porque digere e evacua alguma parte do humor colerico, e incide e corta o freimatico. E a gente da terra toma purgas deste *tamarindo* com azeite de *coquo*, que é o fruto da *palmeira*, e certo que é boa purga, e sem molestia e trabalho. E asi os fisicos Indianos usam das folhas pisadas pera defensivo nas partes eresipuladas. E nós usamos delle nos comerres, em lugar de vinagre; porque he mais agradavel azedo, quando he maduro, e levam o a Portugal com sal, e ás terras da Arabia e Persia, e Turquia, porque dizem que dura mais; mas eu o tenho em casa muytas vezes, com a sua bainha ou corteza e está muito fresco; e comtudo póde ser que nam dure muyto; e por isso a gente da terra o conserva com sal; e fazem deste *tamarindo* huma muyto graciosa conserva com açucare, e he feita delle fresco e sem sal. E podeme crer que he hum digestivo e purgativo muyto bom, e muyto aprazivel ao gosto. Moça, traze cá *tamarindo* em conserva.

RUANO

Folgarei muyto de o provar.

SERVA

Eis aqui o *tamarindo*.

* As sementes; mas não impropriamente chamadas *caroços*, pois vem envolvidas em uma camada resistente do endocarpo.

RUANO

He muyto gentil conserva, e sabe muyto bem: Façame merce de alguma pera a levar, que quero antes que açucare rosado de Alexandria. E eu não averia por enconveniente, onde fosse necessario, deitalhe *escomonea* retificada.

ORTA

Pode ser; porém em seu tempo, e com concelho de bom fisico. E mais eu mandei estilar os *tamarindos*, e usava da agoa estilada, em lugar de digestivo; mas nam o faço tanto já, porque acho esta agoa doce. E perdoaime se vos enfadei em falar nisto mais do necesario.

RUANO

Antes quizera que gastareis nisto mais huma ora; e posto que nenhuma cousa pôde ser tambem dita, que aos ouvintes nam ponha alguma duvida, quero propor algumas duvidas para a verdade ser mais manifesta. E porque os antigos Gregos não conheceram esta mézinha, examinalaemos com os Arabios e Latinos. E o Mesue, a quem tanto onram os imitadores dos Arabios, diz que sam de *palmas silvestres* da India; e Avicena* nam fala em dizer que cousa he, senam na eleiçam, diz que milhores sam os novos; e Serapio**, alegando a Bonifá, diz que em Cesarea, nas terras do Amem, os ha, e que tem as folhas como salgueiro; e mais diz, por autoridade de Aben Musuai, que o de fóra do *tamarindo*, scilicet, o de que usamos, vem da India; e que sam frutos de cor vermelha. Que sabeis disto?

ORTA

Diguo que em Cesarea nam os ha, nem nas terras do Amem ou Jamen, que he nas terras da Siria; e o primeiro que diz, diz verdade; porque diz que o de fóra (que he a polpa) vem da India; a isto pera nos dizer que os caroços

* Avicena, Lib. I., cap. 699 (nota do auctor).

** Serapio, cap. 348 (nota do auctor).

não sam em uso da física. E o que diz Mesue, que sam frutos de *palmeiras silvestres*, não soube o que dizia; porque em toda a India não ha fruto de palmeiras, antes as tamaras he mercadoria da Arabia pera a India; e gastamse em muyta quantidade estas tamaras secas; e as amasadas, sem caroços, se gastam muito em toda esta India, e algumas feitas da feiçam das que chamamos *datiles*. Verdade he que em Cambaia vi eu já algumas palmeiras bravas; porém sam muyto diferentes dos *tamarinheiros*, quanto mais que pera a Arabia se leva o *tamarindo* por mercadoria.

RUANO

Dioscorides porque nam falou nos *tamarindos*, diz o Laguna (tradutor no vulgar castelhano), que, se damos fé ao vocabulo arabiguo, diremos que sam huma espezia de *datiles* que vem da India oriental: e asi afirma que por esta rezam lhe parece que os *tamarindos* não differem dos *datiles* tebaicos, visto que os trazem de levante, e tem a mesma força e virtude: e diz mais que, segundo alguns dizem, o arvore do *tamarindo* he huma espezia de *palmas silvestres*, que tem as folhas longas e agudas nas pontas, semelhantes ás do salgueiro, e que ás vezes acham dentro huns caroços amarelos, de diversas formas; e temse por perfeitos aquelles que roxeam, sendo tenros, e frescos e grossos.

ORTA

Não he espezia de *datiles*, nem tem a feiçam de *datiles*, senam em ter caroços e nam ha nesta terra palmeiras que deem fruto de *datiles*; e comtudo em o Guzarate ha palmeiras bravas, que não dam fruto algum ou *tamaras*, e os *datiles*, como vos disse, sam mercadoria pera esta terra. E no que diz, que parecem aos *datiles* tebaicos, nam me parece que tem rezam; e pareceme que, se forem os veros *tamarindos*, que sam levados d'esta terra pera lá: e quem os compra tem pera si serem da terra donde os compra, asi como acontece nas outras drogas; que chamamos á canela boa, de Alepo, sendo levada da India. E os Arabios, que

nesta terra trataram, porque lhe viram caroços, chamaram os *tamaras da India*; e nam porque pareçam *tamaras*, nem o arvore que os dá produz as folhas como elle diz, senão como vos ja disse; nem os caroços sam amarellos, mas sam lucidos e cor de terra; nem sam de formas diversas, mas sam como huma forma tamanha como tremoço, redonda, amasada por cima; nem amde ser frescos e tenros e grossos, senam como diguo; e nam porque façam ao caso pera fisica pois se não usa delles, senam porque os *tamarindos* vem amasados, trazem poucos caroços, e sam mal conhecidos.

RUANO

Valerio Codro faz adições sobre Dioscorides, diz que o *xiferiix* he *tamarindo*, e *fenico balano* he diverso delle.

ORTA

Nisto pode ter rezam, mas não em dizer que os ha, senão na India.

RUANO

Os Frades dizem que poucas vezes vem a Europa verdadeiros; e que os bons sam *leirom*, segundo Mesue, que os escolhe na confeiçam *alifiracost*.

ORTA

Se vem sofesticados os *tamarindos*, he falsidade çuja e baixa; porque valem cá tam baratos que em Portugal se podem dar em muyto bom preço; e os *tamarindos* que chama Mesue *alcairo*, quer dizer que os do Cairo sam milhores. A causa disto foy porque ao Cairo vinham ter da India; e dahi, per a Alexandria, vem a Veneza; e nam por os aver no Cairo (1).

RUANO

Que nome tinha o Cairo antiguamente; e porque se chama asi aguora? E pergunto isto, não sendo fisica, porque he muyto famosa e antigua esta cidade.

ORTA

O Cairo antiguamente se chamava Menfis dos Greguos; onde estam oge em dia aquellas tam famosas piramides, e

onde foy cativo José, e aguora parecem as abobedas, donde guardou os mantimentos; e chamase dos Mouros *Meçera*. E porque huma rainha ha pouco tempo que acrecentou esta cidade em huma parte, e esta rainha se chamava Alcaire, por isto chamam a toda a cidade o Cairo: a qual cidade, com o Turco estar em Constantinopla, sempre se despovoou em alguma maneira (2). E porque acabemos os *tamarindos*, vos diguo o que diz Antonio Musa, que será bem desarezoado quem não amar aos Arabios por os *tamarindos*. E verdadeiramente que tem rezam, porque eu uzo delles, e nam de *canafistola*, nem *manná*, nas febres muito colericas, e isto porque por serem doces, acrecentam a colera, e não carece isto de auctoridade, pois que Avenrrois o manda asi. E este preceito usam muyto os fisicos desta terra, que não querem dar açucare nas febres ardentes. E asi diz o mesmo Antonio Musa, que craro he nam ser o *mirabolano* de Plinio, e de Dioscorides, *tamarindo*; porque estes não tem caroços, e os *tamarindos* si; e tambem reprende Menardo, porque reprende a Mesue, e diz que o *fenico balano* tem vertude de restinguir, e o *tamarindo* de purgar: e tambem não tinha muita razam de reprender a Mesue em dizer, que era frio no segundo gráo, porque Avenrrois o põe no terceiro*, porque isto podia ser erro do escritor, e tambem alguns livros de Mesue dizem que he no terceiro. E com isto diguo que ficam os *tamarindos* com sua onra.

RUANO

Nam se enfade, se lhe perguntar huma cousa que me disse este vosso ortelam.

ORTA

Se disse que durmiam de noite acolhidos com as folhas, por causa do frio, dissevos verdade; porque de noite eu os vi ajuntados e metidos dentro das folhas; e de dia se desencerram e abrem, e saem fóra das folhas (3).

* Avenrois, 5 Coliget (nota do auctor).

NOTA (I)

O «tamarindo» ou *tamarindeiro* é uma grande arvore da familia das *Leguminosæ*, **Tamarindus indica**, Linn., muito conhecida e commum por toda a India. É espontanea na Africa, Kordofan, Abyssinia e outras regiões; segundo parece, tambem em parte da India meridional, tendo-se sobretudo espalhado depois pela cultura e plantação; e alguns dizem, que igualmente no Yemen, de modo que Orta não tinha talvez rasão em negar absolutamente a sua existencia em algumas provincias da Syria e Palestina. Os nomes vulgares, citados no *Coloquio*, são exactos e de facil identificação:

—O do Malabar «puli», é o nome tamil *puli*, ou *poolie*, como escreve Ainslie na sua orthographia ingleza.

—O guzerate «ambili,» corresponde ás designações modernas *ambli* ou *amli*, e vem do sanskrito अम्लिका, *amlikā*.

—O arabe «tamarindi», تمر هندي, *tamar-hindi*, significa effectivamente *tamara da India*, sendo uma das designações mais geralmente usadas no Oriente, e da qual veio a palavra *tamarindo*.

Este nome de *tamara da India*, dado áquelle fructo pelos arabes, sem grande rasão, e por uma semilhança remota da polpa dos dois fructos, foi depois a origem de todas as confusões, a que se refere o nosso escriptor. Não conhecendo a arvore, e guiados unicamente pelo nome arabe, os auctores de materia medica, anteriores a Orta, admitiram gratuitamente que o fructo fosse produzido por uma especie de *palmeira brava* da India. Os nomes usados então, por exemplo, os dos livros da escola de Salerno, *ἄξυρσίβυζα*, ou *dactyli acetosi*, traduzem esta idéa, com a indicação naturalmente de que a polpa do *tamarindo* era mais acida que a das *tamaras*. Não foi difficil a Orta explicar: primeiro que o *Tamarindus indica* differia *toto cælo* de qualquer especie de palmeira; depois, para reforçar o seu dito, que as especies de *Phoenix* da India não produziam fructo comestivel, e as *tamaras* da *Phoenix dactylifera* eram ali importadas em notavel quantidade da Arabia e da Mesopotamia. Como nota Dymock, a correcta descripção de Garcia da Orta veio desfazer aquelle erro, em que tinham laborado durante toda a idade media.

A polpa dos *tamarindos* é extremamente apreciada nas regiões quentes, para preparar conservas e tambem bebidas refrigerantes. Tem, alem d'isso, todos os empregos medicinaes, mencionados pelo nosso medico, sendo considerada digestiva e laxante, ou, segundo dizem os mahometanos, boa para «purgar o systema de bilis e humores adustos», o que lembra a phrase de Orta: «digere e evacua o humor colerico, e incide e corta o freimatico». É igualmente conhecida ainda hoje na India a applicação externa dos emplastros das folhas d'esta arvore no tra-

tamento das dores e inflammações. É, pois, muito completa e muito exacta a therapeutica do *tamarindo* do nosso escriptor, e unicamente omittiu alguns usos medicinaes das sementes, de resto pouco importantes.

Muitos annos antes de Orta, o portuguez Thomé Pires havia mencionado a abundancia de *tamarindos* n'aquellas partes orientaes, e o seu baixo preço: «... he mercadoria nestas partes, usa-se em lugar de vinagre; valem easy de graça».

(Cf. *Pharmac.*, 197; Dymock, *Mat. med.*, 270; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 425; Thomé Pires, *Carta*, na *Gaz. de Pharmacia*, 40.)

NOTA (2)

A pequena digressão historica do nosso escriptor é bastante exacta. A celebre Memphis, sobre cuja exacta situação se disputou largamente, não ficava em todo o caso longe do Cairo, e não muito distante tambem das pyramides. O antigo Cairo tinha o nome de «Meçera» ou antes Missr ou Miçr, que se applicava igualmente ao Egypto em geral, e Edrisi deriva do nome de Miçraïm, filho de Cham, filho de Noé. Chamava-se tambem aquella cidade el-Fostat, ou a *tenda*, porque se dizia construida em volta da *tenda de campanha*, que ali plantou um dos primeiros conquistadores mussulmanos, Amr-ibn-el-Aci. Quanto ao novo Cairo, fundado muito depois junto de Miçr, datava do tempo do quarto Khalifa fatimita, e o seu nome não se prende ao de uma rainha, mas parece ser simplesmente El-Kahirah, a *victoriosa*.

O «Turco» não havia passado para Constantinopla; mas o Egypto independente dos Mameluks fôra sujeito ao imperio Ottomano, cuja capital era Constantinopla, uns quarenta e tantos annos antes de Orta escrever; e isto naturalmente diminuía a importancia do Cairo.

(Cf. Niebuhr, *Voyage en Arabie*, 1, 82; Edrisi, *Géogr.*, 1, 300; Noel des Vergers, *Arabie*, 462.)

NOTA (3)

Orta refere-se aos movimentos de somno e vigilia das folhas compostas do *Tamarindus indica*, como já, em um dos *Coloquios* anteriores, se havia referido aos movimentos provocados das folhas do *Biophytum sensitivum*.

COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUARTO

DO TURBIT

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA, MALUPA FISICO DE GOA

RUANO

Ó quantas vezes ouvi dizer, em cidades muyto notaveis de Espanha, que deixavam de fazer *diafnicam* e outras confeições por falta de *turbit*; outros diziam que nam era verdadeiro, por ser negro e nam gomoso; outros diziam que o *turbit* dos Arabios he hum, e o dos Gregos outro; e que o dos Arabios se chamava *turbit* e o dos Gregos *tripolio*. E estes nomes dizem que os tiram de Dioscorides; e pera fazer a sua boa, emmendam os textos antigos, castigam a Plinio, e dam a culpa destes errores a Teodoro Guaza*. E certo que he huma piedade ver quanto trabalho levou Lioniceno doutissimo, e Menardo e outros em achar este *turbit* em Dioscorides, ou Plinio, o qual se não pode achar senão quando se achar o corno de Amaltea, ou a cidade de Platam**. Outros mais modernos querem concertar os Gregos com os Arabios, desejando elles mesmos serem entre si diferentes. Peçovos muito por merce que me tireis deste trabalho, dizendome os nomes arabios, e os desta terra onde a planta nasce. E se puder ser que o eu veja, seria pera mim cousa de grande preço. E asi me aveis de dizer quanto se aproveitam delle os fisicos desta terra, e se usam muyto ou pouquo delle.

ORTA

Dizervosei, senhor, tudo o que sei, porque conheço muito bem este simple, e vi a frutice que o dá, quando he verde,

* Theodoro Gaza, o antigo traductor de Theophrasto.

** Porque as cousas que se não podem achar são estas que diguo, porque nunca as vio pessoa alguma (nota do auctor).

e as flores; e por aqui vereis vós mesmo o que aveis de responder a estes modernos escritores, ou a quem vos com elles aleguar, se he este o *turbit* dos Gregos ou nam. E diguo que ao que nós chamamos *turbit*, chamam com o mesmo nome os Arabios, e Persas e Turcos; posto que Andreas Belunense, no texto emmendado, o chama *terbet*; porém os fisicos letrados destas nações todos os mais chamam *turbit*, e nam *terbet*. E os Guzarates, onde ha o mais, o chamam *barcamam*. E os Canarins destas terras de Goa o chamam *tiguar*. E nasce na frol da terra, quero dizer que não tem a raiz profunda, e he pequena, e o tronquo della he como hum dedo de comprido, e ás vezes mais grosso, e jaz ao longuo da terra deitado como era*; porque o principio do tronquo ou ramo he o bom; e como se vai adelgçando e se enche de folhas não tem a feiçam de *turbit*, nem he bom, nem faz a guoma senam perto da raiz, que he o proprio páo, e esta raiz vem ás vezes com o mesmo *turbit*. E as folhas e flores sam como de *malva francesa*; e não se mudam as flores tres vezes no dia, como alguns dixeram. O sabor do tronquo, e ramo e folhas he insipido, quando se colhe; e nasce nas terras marítimas, mas não muyto perto do mar. Eu o vi duas legoas do mar e tres, em cabo onde a maré chea lhe não chega, como alguns dixeram que lhe avia de chegar. O mais delle nasce em Cambaiete, e Çurrate e Dio, e Baçaim com suas comarcas. Tambem ha algum em Goa, mas não o tem os fisicos da terra por bom, nem querem usar delle, senam do Guzarate. E dali o levam em muyta cantidade pera a Persia, e Arabia e Turquia, e pera Portugal alguma cantidade pouca; posto que eu mandei 40 quintaes, quando fiz as droguas pera elrey, e ouvese por muyta cantidade. E tambem mo pediram no Balagate os fisicos do Nizamoxa, que he sinal de o não aver nessa terra, ou de não ser bom. E já pode ser que em outras partes da India o aja, porque se não semea, e nasce per si; e pôde ser que

* Isto é, como a *Hera*.

se a gente da terra fosse mais curiosa, que o acharia. E algumas pessoas me dixeram que o havia em Bisnaguer (que he do Guzarate cento e cincoenta legoas); mas os fisicos daqui de Goa me dixeram huns que o levavam a Bisnaguer do Guzarate, e outros me dixeram que o avia em Bisnaguer, porém que não era tam bom, posto que o avia, e que tambem o avia em Goa, mas que não era bom, nem se usava, nem praticava ácerca delles, senão o de Guzarate. He verdade que o que viram Mesue e Sarapio e Avicena era do Guzarate; porque sempre as náos que vam pera o ponente o levaram por mercadoria. E vos diguo que não tem o ramo diviso na parte alta, senam todo he cheo de folhas e flores, da maneira que vos dixe.

RUANO

Antes que vos tragua os ditos dos escritores Gregos, e Latinos modernos, quero que me diguaes como soubestes isto que me dizeis; e não porque eu não dê inteira fé a vossos ditos, senão porque saiba dar rezam de mim a quem vos não conhecer.

ORTA

Tendes rezam no que dizeis; mas sabeí que quando aquelle invencivel capitam Martim Afonso de Sousa foy com 40 homens a Dio, por mandado do soldam Bhadur (que era o mais poderoso rey da Mourama) e lhe deu com tanto risco e esforço, e saber seu a cidade de Dio, tam nomeada por todo o mundo, eu estava com elle; e desdeque tivemos o *praz-me* de elrey de fazer a fortaleza, andava eu oucioso, vendo a opulencia e trato dessa cidade; e estando huma tarde no *baçar* (a que nós chamamos praça ou feira) asentado á porta de hum mercador (aos quaes elles chamam Baneanes) pasou por sua porta huma molher com hum sacco de *turbit* já seco, e lho vendia; e eu como conhecia a mézinha, e avia ouvido dizer que dali o levavam pera as nossas náos, perguntei ao Baneane que era aquilo, e elle me dixe que era *terumbu*, e que nós e os Mouros lhe chamavamos así; mas que os Maratas (que sam os Gentios) lhe chamavam *barcaman*. Eu lhe perguntei pera que o comprava, e pera que aproveitava:

dixeme que aproveitava pera purgar o ventre, e que era avido por boa mézinha, a qual levavam pera a Arabia, e pera Ormuz os mercadores nas suas náos. E elle me perguntou se lho queria comprar, e louvava o muyto, dizendo que o oulhase, e com isto me mostrava a guomosidade delle, e a brancura. E, porque eu sabia que os nossos o compravam, lho comprei eu, scilicet, cada mão por huma *tangua*, que sam 60 reais, e huma mão 27 arrateis. E elle pagouo á molher muito pouquo; segundo que eu despois soube de huns Baneanes, certo que dobrou duas vezes comiguo o dinheiro*.

RUANO

Eu sam contente de ser esse o *turbit* que usamos, e chamaremlhe asi; mas como soubestes delles que os signaes da sua bondade era ser branco e guomoso, senam se o soubestes pelos livros nossos?

ORTA

Diguo que, pollos nossos livros, soube aquilo, mas nam por mo dizer o Baneane; mas falando convosquo a verdade vos afirmo, que não sam estes signaes, senão de ser *turbit*, e não porque nam possa ser o *turbit* sem guoma tam bom como o guomoso, porque a guoma se causa, porque o retorcem ou o picam os que o colhem, quando he verde, pera que guomefique ou lance goma; porque sabem que he sinal por onde distinguimos o bom do mau. E isto soube eu despois; porque tinha um parente fisico em Baçaim cidade nossa, que dista de Dio por 50 leguas por mar, e disseme que o fôra colher com os Indianos muitas vezes, e que elles no principio o torciam ou cortavam ou picavam, e que dahi a alguns dias o colhiam, e o achavam cheo de guoma, e que elle fez que nam torcessem nem cortassem algum outro, e que despois

* Sobre as causas que levaram a Dio Martim Affonso de Sousa e Garcia da Orta, póde ver-se, *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 92 e seguintes.

não o achava com guoma, e que a algum destes achava muito pouca.

RUANO

Loguo tam bom he o guomoso, como o outro; pois he huma mesma pranta?

ORTA

Tendes nisso muita rezam; porque a goma lhe fica dentro; e tambem vos diguo que algum *turbit* será guomoso sem lhe fazer as torceduras ou golpes nelle; mas gomefica mais facilmente; e mais a nossa eleiçam que nelle fazemos, deu aos Indianos ocasiam pera o torcer; e isto sem duvida he verdade.

RUANO

E como he o *preto* ruin e o *branco* bom, que he huma das condições da sua bondade?

ORTA

He costume dos boticairos da India (a quem chamam os Indios *guandis*) secálo ao sol, dizem que secálo á sombra o faz preto. E dahi o tomaram os nossos boticairos, e por experiencia se acha isto do modo de secar esta mezinha. E já pode ser que o que for preto por ser seco com a sombra seja melhor, mas até o presente não o esprementei.

RUANO

E usam os fisicos Indianos deste *turbit* pera purguar a freima?

ORTA

Senhor, si; e pera isto quero chamar o fisico que nesta terra me parece melhor, pera diante de vossa mercê lho perguntar. Moça, chama a Malupa*.

SERVA

Aqui vem todos as manhans a curar estas negras: e eilo sóbe.

* Sobre os «fisicos indianos», veja-se a nota ao *Coloquio* 36 (II, 146).

ORTA

Malupa, dizei aqui ao senhor doutor, se usaes nestas terras do *turbit*; e pera que; e se lhe mesturaes *gengivre*; e de qual terra he melhor.

MALUPA

Si: usamos delle pera purguar a freima e o *gengivre* ás vezes lho mesturamos; e he quando não ha febre; e isto do mesturar do *gengivre* tambem o mesturamos em outras mézinhas purgativas, mas outras vezes o damos sem o *gengivre*. E o melhor *turbit* he o de Cambaia, e de Cambaia o levam a algumas partes da India. E já eu mostrei o *turbit* desta terra ao senhor doutor, que presente está: mas diguovos que nós ás vezes curamos com o de Goa, e mais não o ha senão perto do mar; posto que já me dixeram que o avia em Bisnaguer, mas que nam fazia boa obra.

ORTA

Dizvos muyta verdade; porque o Nizamoxa me pedia este *turbit* de Cambaia, e eu lho mandava do que de lá vinha; e comtudo pôde ser que o aja dentro no sertam, e que se não ache polla pouqua curiosidade da gente, que a *lingoa de vaca* (de que carecemos), e o *fumus terræ*, vi eu já em o Balagate. E vós ivos com Deos, Malupa, e dizei a este senhor daqui em diante o que sabeis destas mézinhas.

MALUPA

O doutor Orta as sabe melhor que nós todos, porque nós sabemos as dos Gentios somente, e elle sabe as dos Cristãos e Mouros, e Gentios melhor que nós todos. E beijo as mãos de vossa merce.

ORTA

Este Indio vos diz na retificaçam verdade; porque Rasis* não o retifica com *gengivre*, senam com oleo de *amendoas doces*, por temor da escoriaçam que pode fazer.

* Rasis, 8, ad Almansorem (nota do auctor).

RUANO

Aguora venhamos á examinaçam dos escriptores. E começando por os Arabios, pois nisto falaram mais certo, como vós dizeis, tendo os Greguos a sabedoria e a invençam das boas letras.

ORTA

Nam vades mais avante, porque não diguo mal dos Greguos, por serem inventores das boas letras, como dizeis; mas tambem sam inventores de muytas mentiras, e muito mal acostumados, e efeminados em seus costumes: e Roma desque os recebeo em si, recebeo muytas más cousas. E comtudo não diguo eu mal delles, no que escreveram que avia em suas terras, senão o que escreviam das ignotas a elles; porque ali encheram os livros á sua vontade; como se pode exemplificar nas cousas que da India escreveram, tam fabulosas; mas afirmovos que, nestas terras da India, souberam mais os Arabios; e, por melhor dizer, erráram menos que os Greguos. E ora vinde com vossas contradicções, pera que melhor se examine a verdade.

RUANO

Mesue diz que tem as folhas semelhantes ás da *ferula*, excepto que sam mais pequenas, e que he das plantas que tem leite; e que o ha domestico e silvestre, grande e pequeno, e branco e preto, e citrino; e que nasce nos luguares mais secos por a grossura do seu leite; e que tem sete propriedades, branco, e vacuo, arundinoso, ou semelhante á cana, gomoso, e que tem a corteza cor de cinza, e que he plano, e que facilmente se quebra, scilicet, novo, e que o grosso nam he bom.

ORTA

O senhor Mesue falou o melhor que lhe pareceo, e foy de ouvida; e por isto não acertou em tudo; porque as folhas não sam semelhantes ás da *ferula*, senão ás da *bismalva* (a que chamam os Portuguezes *malva francesa*) nem tem leite; nem o ha domestico, senam todo he silvestre; ha o grande e pequeno, como diz; branco e amarelo e preto,

mas não que o seja así do seu nascimento, senão o que he mal curado não he branco, e nasce em cabos humidos e secos, e mais humidos que secos; e não em secos, como elle diz por causa do seu leite; e por ser branco e guomoso nam he melhor, como antes vos dixee; nem he feito como cana; nem a corteza he cinzenta, nem muyto plana, senão encrespada ou franzida e parda; e o novo he bom, mas nam he frangibil, senão depois de seco; e tambem diz que o grosso nam he bom, e isto he dito sem rezam; antes parece que terá mais vertude, se não fôr podre.

RUANO

E que vos parece Avicena*, que diz que a sua reitificaçam toda que he esfregandolhe a corteza pera que não fique cinzenta, senam branca?

ORTA

Diguo que isso he bom pera o vender somente, e não pera mais.

RUANO

Serapio** diz, por autoridade de Dioscorides e de outros muytos, algumas cousas, scilicet, que nasce na praia e nos lugares que o mar cobre com a maré chea somente, e nam com a vazia, que com ella baixa nam he tocado, e que tem a folha semelhante á planta chamada *arasidis*, e sam mais grossas as folhas, e diz que tem o tronco longuo dous palmos, e que se divide no mais alto, e que muda a frol tres vezes no dia, scilicet, de manhan he branca, e ao meo dia roxa, e á noite vermelha; e que a raiz he odorifera, e que quando se mastigua esquenta a lingua, e que aproveita contra a peçonha, assi como qualquer mézinha outra *bezedarica*. Destas cousas e outras traz autorizadas por Galeno, trasladado por Albataric e por outros Arabios muytos.

* Avicena, 2, cap. 709 (nota do auctor); aliás 711 da edição de Rinio.

** Serapio, cap. 330 (nota do auctor).

ORTA

Já vos disse que o *turbit*, eu o vi nascer perto do mar; mas não tam perto que o toque o mar com maré vazia nem chea, porque nasce ás vezes duas leguoas do mar, onde nam espraia o mar; nem tem a folha semelhante á folha da pranta dita *arasentis*, nem a *ahisatis* dita como emenda; e hum moderno diz como *bismalva*, nem porque* he como a dos *murtinhos* (como diz Lioniceno); pois sam tam deferentes da *bismalva*. E o tronco, como diz, he de dous palmos, porém ás vezes menor, e outros ha de oito e de dez palmos; e porém a frol nam se muda tres vezes no dia, senam sempre he mesturada de branca e roxa, e ás vezes branca; e a raiz não he odorifera; nem mordica a lingua; nem nós usamos da raiz, senam do páo que está com as folhas estendidas no cham; como a era; nem a vi em algum tempo usar contra o veneno; nem eu o experimentei, e o que vos disse vi com os olhos.

RUANO

Dioscorides diz**, falando de *pitiusa*, que he huma especie dos *laticinios*, ou de ervas que deitam leite, que parece que he *turbit*. E assi o sentem alguns modernos; e tambem dizem que he *tripolio*, do qual fala Dioscorides***, e he tresladado ao pé da letra de Serapio. E Autuario, doutor grego e de autoridade, diz tambem que *pitiusa* he *turbit*, scilicet, que o ha *branco* e *preto*; e diz que falsamente usam alguns, por *hesula*, *turbit preto*, e tambem he deste parecer Mateolo Senense. Asi diz o mesmo que *alipium* he *turbit*, e *alipia*

* Esta palavra deve estar a mais, e, supprimindo-a, a phrase fica mais clara.

** Dioscorides, Lib. 4, cap. 143 (nota do auctor); aliás cap. 163, edição Sprengel. Diz effectivamente, que á raiz da *pytiusa* chamam τούρπητ; mas esta phrase, que só se encontra na edição Aldina, parece a Sprengel suspeita de intercalação posterior.

*** Dioscorides, Lib. 4, cap. 124 (nota do auctor); aliás 133 da edição Sprengel.

he a semente delle; e que isto elle Mateolo nam o crê, porque não tem semente o *turbit*; e mais porque purgua a melancolia, e o *turbit* purgua a freima. E os Frades dizem o mesmo que os modernos e Antonio Musa; e teem porém que he verdade o que dizem do *tripolio* Dioscorides e Galeno, e Plinio*: e dizem que tem o *turbit* de Serapiam; e por isto que parece ser tudo hum**. E affirmam mais estes reverendos Padres, que o *turbit* que nas boticas se vende, nam he o *turbit* de Mesue; e que, os que o colheram com suas proprias mãos lho dixeram, porque nam tinha as folhas das beldroegas. E tambem concede que o *turbit* de Mesue nam he *tapsia*, e que, com seu dano o esprementou, porque alimpandoo e escarvandoo se lhe incharam as mãos e a face. E portanto que não se ha de deitar por *turbit*; e mais tambem diz que o *turbit* que se traz de Apulha he a verdadeira *tapsia*, e tem grandes raizes; e que se não ha de administrar, senam seis mezes depois de colhido, nem quando he comido do bicho. Estes cousas e outras muytas, que nam fazem ao meu proposito, dizem muytos escritores modernos, e bem ornadas: ás quaes, pois as ouvistes, respondi o que vos parecer; pois que he bem darvos fé, como a quem he testemunha de vista.

ORTA

Todas essas cousas que dizeis, e outras muitas li já; e o que a isso vos respondo he, que as ervas e plantas latincinaes sam muytas, e todas as mais sam venenosas. E das nossas e desoutras muytas he chea esta terra da India e da Europa. E quis Deus que a terra, por o peccado do primeiro padre, as desse, e comtudo, por a misericordia divina, ainda que sejam venenosas, aproveitam pera alguma cousa algumas, e outras sam puro veneno, sem lhe sabermos o pera que aproveita. E eu daria exemplo em muytas nesta

* Plinio, Lib. 26, cap. 7 (nota do auctor); aliás cap. 22, edição Littré.

** Assim se pôde talvez reconstruir a phrase da edição de Goa, que está extremamente errada e incorrecta.

terra, e em Portugal; e a que chamam *esula** ou *alfebran* os Arabios e nós *esula* he poçonhenta, que onde cáe ou seu çumo ou leite, incha muyto, como eu vi já muytas vezes em Portugal. E cá nestas partes ha humas plantas com que tapam e valam as ortas, que fazem o mesmo deitando leite de si; e o mesmo fazem huma especia de *mangas bravas* (1). E por esta rezam os antigos escreveram sete especias de *laticínios*, e afóra estas avia outras muytas ignotas. Cá na India ha outras muytas, com que purgam os físicos da terra e curam algumas enfermidades; e huma destas he o *turbit*, pois não tem leite, e se tem algum, he muyto pouco, e não he mézinha venenosa, e purga sem molestia nem trabalho; e tomam o cá os Indios em caldo de frangão, ou em agooa em maior quantidade do que o nós tomamos, nem em Portugal nem cá, e não incha as mãos e o rosto, tocando o como fez o *turbit*, que, por autoridade dos Frades disestes; se não seria essa especia de laticínio, como *esula*, e daqui tomareis que não he *esula* este *turbit*, nem *tripolio*, nem *pitiusa*, nem *hisiatis*, nem *alipium*, nem *alipia* sua semente, pois o *turbit* não tem semente; e porque nam tem as folhas semelhantes á *ferula*, nem á *beldroega*, nem ao *murtinho*, nem nasce tam perto do mar, que o cubra a onda, nem muda a frol e a cor tres vezes no dia, como dizem esses Greguos. Assi que por essas e por outras muytas causas, não he *turbit* dos Greguos, nem o dos Arabios propriamente; senão estes Arábios viram usar de *turbit* á sua gente, trazido da India, e quiseram buscar em os Greguos alguma mézinha que se lhe parecese, porque davam tanta autoridade aos escritores Greguos como isso; e a causa era por serem os primeiros escritores nas cousas humanas, porque nas divinas primeiro escreveram os Hebreos. Esta, que digo, foy a causa por onde Serapiam treladou ao pé da letra o capitulo de *tripolio* de Dioscorides, porque lhe pareceo que

* *Ésula*, nome dado a varias especies de *Euphorbia*, não só á *E. Ésula*, como a outros.

não podia aver mézinha que a deixassem de escrever os Gregos; e certo que melhor fizera elle de me fazer um capitulo do que d'elle sabia somente, e o demais o tempo o fôra descubriendo, como aguora o faz, mostrando ser mézinha propria desta terra. E elle dixerá que o *tripolio* e as outras mézinhas era huma especie de laticinio a elle nam conhecida, ou conhecida, se a sabia; porque nem Dioscorides soube tudo, porque elle diz muitas vezes, *como he fama*.

RUANO

O Laguna tem que *pitiusa* he *turbit preto*, e *alipium* he *turbit branco* e bom.

ORTA

Já vos dixé que nenhuma destas mézinhas he *turbit branco* nem *preto*; nem he *esula*, porque he muyto forte laxativo, o que o *turbit* não he; nem he *alipium*, porque *alipium* purgua melancolia, e o *turbit* purga somente a freima; nem he raiz cheirosa, nem mordica a lingua o *turbit*, nem he semelhante á *ferula*, nem á *beldroega*, nem ao *murtinho*, nem se levanta do cham covado e meo, senão está ao longo da terra estendido, como era; asi que por estas razões e outras muytas não he nenhuma destas mézinhas apontadas pollos modernos.

RUANO

E o *turbit* que se traz de Apulha não he *turbit*?

ORTA

Nam, senão algum laticinio; e alguns dizem ser a verdadeira *tapsia*, porque tem raizes grandes; e o *turbit*, que usamos nestas terras, tem as raizes muito pequenas, e do páo usamos somente.

RUANO

Dizem estes reverendos Padres boticairos, que se não ha de usar, senam seis mezes depois de colhido, e tambem que se não ha de usar quando está comido da traça ou bicho.

RUANO

O derradeiro he craro ser verdade, porque esta terra he sujeita á putrefaçam em tanta maneira, que não se pode o *ruibarbo* nem outras mézinhas soster os quatro mezes do anno, que he inverno, que sam junho, julho, aguosto, e setembro. No outro que diz que ha de estar seis mezes sem se usar delle, não diz bem, porque elle colhese em novembro, dezembro e janeiro; e, se estivesse mais de seis mezes, corromperseia. Verdade he que nas terras que estam dentro no sertam, não se corrompem as mézinhas, como nestas que estam na fralda do mar. E levai deste simple pera vós que os Gregos totalmente o nam conheceram, e que nem delle disseram menos mal, ou erraram menos que os modernos, que dizem que não sabem conhecer a raiz, que em nossos tempos se vende por *turbit*; posto que isto em parte he verdade; porque não he raiz senam páo; e daqui em diante não lhe chamamos *turpetum*, senam *turbit*, ainda que lhe chameis barbaro, porque o *turbit* com seu nome proprio se contenta. E cavalguemos, que he oge sabado, e hemos de hir à Madre de Deos (2).

RUANO

Muytas cousas me leixaes de dizer, por serem muyto novas; e, se fossem contadas em minha terra, seriam apraziveis pera as ouvir: por isso dessas cidades e terras, donde nasce o *turbit* me dizei, scilicet, de Baçaim e Dio, pois sam terras de elrey de Portugal.

ORTA

Dio he huma ilha, que em si contem huma cidade de hum bom porto, e muito fermoso e de grande trato, e concurso de muytos homens mercadores, Venezianos e Gregos, e Rumes e Persios, e Turcos e Arabios, a qual deu o gram soldam Bhadur a Martim Afonso de Sousa, sendo capitão mór do mar da India; e ouve delle que fizesse ali fortaleza em huma parte de Dio, qual elle quizesse, a qual elle fez, ou acentou em parte que estivesse fortificada por mar e por terra. E depois, per muytas traições que nos fizeram, per-

deram a cidade e a ilha toda, da qual estamos de posse, muytos annos ha. He muito grande escala e forte cidade, a qual defendemos do poder do gram Turquo, no anno de 1539, com grande esforço de pouquos, que estavam dentro cercados. E depois, no anno de 1546, estando de cerquo sete ou oito mezes, e sendo arrasados os muros, e muyto pouquos Portuguezes dentro e doentes, a defenderem animosamente, até que o governador Dom Joam de Crasto veo, e entrou a ilha e cidade, e deitou fóra todos os Mouros, matando grande numero delles e tornou a edeficar outra maior fortaleza. E porque as cousas que neste cerquo aconteceram sam muyto bem escritas em latim e em portuguez, não escrevo mais dellas, porque, como diguo, sam escritas em melhor estilo. Huma só coisa direi: que Dom Joam Mazcarenhas, que era capitam desta fortaleza, fez neste cerquo cousas de muyto esforçado capitam, e usou de muyta industria, e saber e esforço, e manhas, tendo paciencia onde foy necessario; e merece tanto ser louvado, que eu não me estrevo a falar nesta materia mais*.

RUANO

Falai de Baçaim, pois he cousa mais grossa, ainda que nam he tam nomeada.

ORTA

He Baçaim huma cidade muito grande, e debaxo de seu senhorio contem muytas terras e cidades, e rende a elrey mais de 100 e sesenta mil cruzados com humas terras e fortalezas, que deram depois a Francisco Barreto, as quaes terras chamam Manorá**.

Tem em huma parte huma ilha chamada Salsete, onde estam dous pagodes ou casas de idolatria debaxo da terra;

* Os successos dos dois cercos de Diu são demasiado conhecidos para que exijam qualquer palavra de elucidação.

** Sobre as terras e rendas de Baçaim, veja-se o que disse em *Garcia da Orta e o seu tempo*, pag. 259 a 276.

hum delles está debaxo de huma serra muyto alta de pedra, e será maior quantidade que a fortaleza de Dio, a qual se póde comparar em Portugal a huma villa de quatro centos vizinhos cercados; tem esta serra huma subida grande, e chegando á serra está huma casa grande de pagode, feita e talhada dentro na pedra, onde depois edificaram os frades de Sam Francisco huma igreja, chamada de Sam Miguel. Ha muytos pagodes de pedra, subindo pera a serra; e subindo mais acima tem outras casas feitas de pedra, e dentro com suas camaras; e subindo mais acima tem outra ordem de cazas feitas dentro na pedra, e nessas casas tem hum tanque ou cisterna da agoa, e tem canos por onde lhe vem agoa da chuiva, e mais acima vai outra ordem de casas polla mesma maneira feitas. Seram por todas até trezentas casas, todas tem idolos esculpidos nas pedras; com tudo isso sam mui carregadas, e mal asombradas, como cousas que foram feitas pera o diabo ser venerado (3).

Tem outro pagode em huma parte da ilha, que chamam Maljaz; a qual he huma casa muyto grande, tambem feita dentro na pedra; e tem dentro muytos pagodes, e muyto mal asombrados; e todos os que entram nestas casas dizem que se lhe arepíam as carnes, que sam muyto medonhas (4).

Outro pagode melhor que todos ha em huma ilha chamada Pori, que nós chamamos a ilha do Elefante, e está nella huma serra, e no mais alto della tem huma casa debaixo da terra, lavrada em huma pedra viva, e a casa he tam grande como hum moesteiro, e dentro tem pateos e cisternas de muyta agoa muyto boa, e pollas paredes ao redor ha grandes imagens esculpidas de elefantes, e leões, e tigres, e outras muytas imagens humanas, asi como sam amazonas, e de outras muytas feições bem figuradas. E certo que he cousa muyto de ver e parece que o diabo pos ahi todas suas forças e saber, pera enganar a gentildade com sua adoraçam. E alguns dizem que fizeram isto os Chins, quando navegavam por esta terra. E bem póde isto ser verdade, segundo vai tam bem fabricado, e segundo os Chins sam sutis. Verdade he que aguora está muyto danificado este pagode com gado

que lhe entra dentro, e no anno de trinta e quatro, que eu vim de Portugal, estava cousa muyto pera ver; e eu o vi, estando Baçaim de guerra comnosquo, e loguo o deu elrey de Cambaia a Nuno da Cunha (5).

RUANO

De que pessoas he abitada essa terra de Baçaim?

ORTA

Os Mouros a senhoreavam primeiro, e aguora ha poucos nella, somente alguns que tratam pollo mar, chamados *nai-tias*, como se dixeremos mestiços e feitos primeiramente de Mouros, que vieram de fóra, e se mesturaram com os Gentios desta terra. E os Gentios sam de muytas maneiras, scilicet: os que lavram e semeam a terra pera o arroz e outros legumes; estes chamam elles *curumbins* e nós lavradores: e os que nós chamamos ortelãos, que sam os que cultivam as ortas e pomares, chamam elles *malis*: ha outros escrivães e contadores (a que elles chamam *parús*) que recadam as rendas de elrey, e de homens, e das fazendas, e sam grandes negociadores: ha outros piães de armas: ha outros a que chamam Baneanes, que sam os que guardam o costume de Pitagoras mui inteiramente. E ha em cada povoação huma gente desprezada e avorrecida de todos, e não se tocam com outros; estes comem tudo, e as cousas mortas: a estes dá de comer cada povoação do comum, sem se tocar com elles; o seu cuidado he limpar as çugidades das casas e ruas; estes sam chamados *deres* ou *farazes*, e servem tambem estes de algozes. Ha outros mercadores de buticas, que por nome sam chamados *coaris*, e no reino de Cambaiete lhe chamam *esparcis*, e nós os Portuguezes lhe chamamos Judeus, mas não sam, senão Gentios que vieram da Persia, e tem propria letra sua, e tem muytas suprestições vãs, que quando morrem os tiram por outra porta, e nam polla que se servem; tem jaziguos, onde se deitam quando morrem, e nelles estam asentados até que

se desfazem; olham pera o levante; nam se circoncidam, nem lhe he vedado comer porco, e helhe vedado comer vaca. E por estas causas vereis que não sam Judeus. Nem os Judeus, que ha nas terras do Nizamaluco que confinam com estas, os tem por Judeus; fazem estranhos juramentos, que, porque não fazem ao caso, vos não conto.

RUANO

Não me leixeis sospenso, e dizeimo brevemente.

ORTA

Toma huma vaca o que faz juramento, e põe no cham de huma banda da vaca aguoá, e da outra foguo, e toma hum cotelo na mão, e diz certas palavras, que querem dizer, que asi como elle mata aquella vaca com ferro, e está cercado de agoa e foguo, asi estê elle, e asi padeça, se jura falso. Huma cousa ha de notar, asi nestes homens como em outros, que nenhum muda o officio de seu pai, e todos os da casta de çapateiros o sam (6).

NOTA (1)

A planta leitosa, com que habitualmente na India «tapam e valam as ortas», é a **Euphorbia Tirucalli**, Willd., tão vulgarmente empregada em formar sebes vivas, e tão conhecida tambem pela abundancia do seu *latex*, que, por estas duas circumstancias, os inglezes lhe dão ali o nome de *milk hedge*. Esta planta é igualmente vulgar em Angola, pelo menos eu creio que a *cassoneira*, empregada ali na formação de sebes divisorias, é esta mesma especie. Julguei esta especie africana, e introduzida na India pelos portuguezes; mas a passagem de Orta, indicando-nos ser ella já tão commum e conhecida no seculo xvi, lança alguma duvida sobre a questão (cf. Drury, *Useful plants of India*, 206; Roxburgh, *Flora Indica*, II, 470; *Plantas uteis da Africa portugueza*, 248).

Os inglezes chamam hoje *wild mango* ao fructo da **Spondias mangifera**, Willd.; e é provavel que fosse já a *manga brava* dos

portuguezes. A planta não tem propriamente *latex*, mas um succo resinoso amarellado.

O que Orta diz, que ali existiam muitos «laticinios», é perfeitamente exacto, e a India abunda em plantas laticíferas das familias das *Morææ*, *Apocynææ*, *Asclepideæ* e outras (cf. Drury, l. c., 403; Roxburgh, l. c., 451).

NOTA (2)

O «turbit» procede da **Ipomæa Turpethum**, R. Brown, uma planta rasteira, scandente ou prostrada, da familia das *Convolvulaceæ*, bastante frequente em parte da India.

Sob o nome de त्रिपुटा *triputā* e varios outros, foi esta droga mencionada pelos escriptores sanskriticos, os quaes —segundo diz Dymock— conheciam já duas qualidades, *branca* e *preta*, isto é, *sveta-triputa* e *krishna-triputa*. A primeira qualidade era a unica aproveitavel; a segunda era reputada venenosa. Parece que o conhecimento da droga passou da India para os arabes, assim como o nome, naturalmente muito alterado —o que succedeu a quasi todos— tomando a fórma تَرْبُذ *turbedh*, ás vezes transcripto nos livros modernos *turbad* ou *turbud*. Do mesmo modo que os sanskriticos, os escriptores arabicos distinguiam tambem uma variedade *branca* e outra *preta*. Se esta distincção resultava unicamente do modo de preparar a raiz e caule, como explica o nosso escriptor, ou se nos tempos antigos se designavam assim drogas de procedencia diversa, é o que não saberei dizer. Do arabico veiu o nome hoje mais vulgar *turbit*, ou *turbith*, latinisado em *turpethum*. Alem d'isso, a droga tem na India muitos outros nomes, entre os quaes não encontro cousa parecida com o «barcamam» e o «tigar» de Orta, que ou se enganou, ou transcreveu de ouvidò com muita incorrecção.

A planta, é, como dissémos, rasteira ou scandente, com o porte caracteristico de quasi toda a familia, e tem folhas de fórma um tanto variada, mas sempre lobadas, não muito mal comparadas ás da «malva franceza». As suas flores são bastante grandes, e muito naturalmente não mudam de côr tres vezes por dia. Esta circumstancia da mudança de côr havia sido mencionada por Dioscorides em uma planta, muito diversa d'esta *Ipomæa*, e na qual, de resto, tambem não era exacta, a não ser talvez em algum leve cambiante, que ás vezes se póde dar da manhã para a tarde. A droga consiste na raiz e parte inferior do caule, cortados em bocados, de uma côr acinzentada por fóra, e de um branco sujo na secção, que está cheia de resina pallida, um tanto amarellada. Estas qualidades variam um pouco, e o *turbith* é mais ou menos «branco» e «gomoso» —aquellas circumstancias em que tanto insiste o nosso escriptor.

O *turbith* é considerado pelos medicos indianos, tanto pelos *hakims* mussulmanos como pelos *vydias* gentios, como sendo um dos seus mais poderosos catharticos ou drasticos, purgando sobretudo a bilis e o humor phlegmatico. Costumam juntar-lhe algumas substancias, entre outras, *gengibre*, o que era já no xvi seculo a receita do Malupa do *Coloquio*. Ainda hoje o *turbith* parece ser muito empregado na India; mas não foi adoptado em geral pelos medicos inglezes, como succedeu com outras drogas indianas, nem tem logar official na *Pharmacopœia of India*. Na Europa desapareceu ha muito da materia medica, na qual continuam a figurar, como catharticos activos, duas drogas analogas e procedentes da mesma familia vegetal, mas de qualidades superiores, a *scammonea* e a *jalapa*.

Não succedia assim no tempo de Orta, em que a materia medica se regia pelos preceitos dos arabes e pelas formulas de Mesué; e o *turbith* tinha ali um logar importantissimo. D'aqui resulta em parte o desenvolvimento do *Coloquio*, pois o nosso escriptor quiz tratar com toda a largueza de um medicamento de tão grande reputação. Mas resulta tambem das duvidas, que havia em relação á historia da droga, e elle quiz esclarecer. O *turbith* foi absolutamente desconhecido dos gregos e dos latinos; mas os escriptores ainda do tempo de Orta, esforçavam-se á porfia pelo encontrar em Galeno é Dioscorides, entendendo que isto lhe dava auctoridade. A voga que hoje tem um medicamento por ser novo, tinha-a então por ser velho.

Orta, que devia estar de bom humor ao escrever este *Coloquio*, diverte-se positivamente á custa do «doutissimo Lioniceno», e dos «reverendos Frades boticairos»; e toda a sua discussão abunda em boa critica e reflexões judiciosas. A questão é, de feito, um exemplo typico das discussões de textos e minucias em que se compraziam os commentadores do tempo. Queriam, por exemplo, que a *pityusa* de Dioscorides (uma *Euphorbia* da Europa) fosse o *turbith*, unicamente porque a raiz era purgante, e em uma edição se achavam intercaladas as palavras *ἢν καλοῦσι τούρπιτ*. A identificação com o *tripolio* (tambem uma planta da Europa) ainda é mais singular, e parece assentar unicamente sobre o erro de um copista, que na traducção de Serapio, em logar de *تربل*, *tribol*, fórma arabica de *tripolio*, escreveu *تربد*, que se leu *terbed*; d'ahi a passagem para o *turbith* de todos os caracteres do *tripolio* — caracteres falsos tambem para esta planta, qualquer que ella fosse — isto é, que a sua flôr mudava de tom tres vezes ao dia, e outros. No meio d'estas discussões, intervinham argumentos, como o de Matthioli — citado por Orta — dizendo que o *alipio* não podia ser o *turbith*, porque um purgava a melancolia e outro purgava a freima, como se fosse facil e pratica esta distincção.

É claro, que tudo isto deixava frio Garcia da Orta, o qual se contentava com conhecer perfeitamente o *turbith* dos bazares da India;

mas é claro também, que elle se não podia desinteressar absolutamente d'estas discussões, que, em ultima analyse, constituíam a sciencia do seu tempo.

(Cf. Roxburgh, *Fl. Indica*, 1, 470; Dymock, *Mat. med.*, 556; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 382; Sprengel, *Dioscorides*, 1, 614, 656).

NOTA (3)

O primeiro pagode, mencionado por Orta, é o antigo *vihára* ou convento buddhista da ilha de Salsette, muito conhecido pelo nome de Kânheri, cujas excavações diversas datam de epochas differentes, mas na maior parte, ao que parece, do II ao IV seculo da nossa era.

O *vihára*, talhado na rocha vulcanica, na encosta da montanha, consiste em excavações distinctas. A primeira que se encontra — como diz Orta — é o *chaytia* ou templo, que era effectivamente «uma casa grande», pois mede perto de 90 pés, por perto de 40, sendo ornamentado nas paredes de esculpturas, e tendo á roda numerosos pillares, esculpidos também. Seguem-se pela montanha acima, as excavações do *vihára* propriamente dito com as suas camaras, ornadas igualmente com imagens de Buddha e outras. Estas camaras são em numero consideravel, não inferior de certo ao que Orta indica, e dispostas em andares sobrepostos, como elle também diz. Junto de muitas d'estas camaras, encontram-se cisternas ou *pôndhis*, com um systema completo de canalisação, destinado a receber as aguas da chuva, e a alimentar depois as diversas partes do convento, circumstancia apontada também pelo nosso escriptor. Garcia da Orta foi sem duvida alguma o primeiro europeu, que fallou d'este celebre *vihára* de Kânheri, descripto depois por Diogo do Couto; e do qual os viajantes de outras nações só começaram a ter conhecimento d'ali a um seculo ou mais.

Pelo anno de 1535 foi estabelecer-se em Baçaim o franciscano portuguez, fr. Antonio do Porto, acompanhado por outros religiosos da sua ordem, e que se pôde considerar o apostolo do norte da India, como mais tarde S. Francisco Xavier foi o apostolo da costa da Pescaria e outras terras do sul. Fr. Antonio fez em Baçaim e Salsette numerosas conversões, entre outras as dos *yogis*, que encontrou em Kânheri; mas não eram já propriamente habitantes do *vihára*, abandonado havia seculos, e unicamente alguns mendicantes hindus, que occasionalmente aproveitavam o refugio das camaras, talhadas na rocha. Diz-se, que fr. Antonio quiz explorar as excavações, andando por ellas sete dias sem chegar ao fim, no que ha uma grande exaggeração; e conta-se também como lhe disseram, que os caminhos subterraneos chegavam ao interior da India, até Agra. Deixando de parte estas phantasticas in-formações, o certo é, que fr. Antonio do Porto consagrou então ao

culto catholico o *chaytia* do *vihára* buddhico de Kânheri, dando á nova igreja a invocação de S. Miguel.

(Cf. Fergusson and Burgess, *Cave temples of India*, London, 1880, pag. 348 a 360; Couto, *Asia*, VII, 1, 10; Gerson da Cunha, *Hist. and antiquities of Chaul and Bassein*, Bombay, 1876, pag. 190; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 250 e seguintes.)

NOTA (4)

«Maljaz», nome que não sei bem explicar, é o pagode, chamado habitualmente pelos portuguezes Monpacer e Manapazer, correctamente Mandapesvara. Era um templo brahmanico de Síva, que foi tambem convertido em igreja por fr. Antonio do Porto. Para isso, a entrada fechou-se com um muro, corrido diante dos pillares, e cobriram-se as esculpturas da parede com alvenaria, sem comtudo as destruir. A invocação da igreja era Nossa Senhora da Misericórdia, segundo Fergusson, Nossa Senhora da Piedade, segundo Diogo do Couto, e Nossa Senhora da Conceição, segundo o sr. Gerson da Cunha, que julgo o mais bem informado dos tres. Orta, que evidentemente nunca visitou este templo, parece dar uma noticia, anterior á transformação em igreja, quando o pagode de Síva estava ainda muito «mal assombrado».

(Cf. Fergusson and Burgess, l. c., 481; Couto l. c; Gerson da Cunha, l. c., 192.)

NOTA (5)

Este ultimo pagode, o mais conhecido de todos, estava situado na pequena ilha de «Pori», ou Ghârâpurî, que os portuguezes começaram a chamar a ilha do Elephante, por causa de uma grande figura d'este animal, que ali se via talhada na rocha. Foi depois geralmente designado, ilha e pagode, pelo nome de Elephanta. Era um templo brahmanico, relativamente moderno, do VII ou VIII seculo, tão celebrado e tantás vezes descripto, que não nos devemos demorar em indicações, correntes e sabidas. Unicamente recordaremos muito brevemente, quanto é exacta a curta descrição de Orta. O templo media 130 pés de norte a sul, e proxivamente o mesmo de leste a oeste, podendo-se, pois, dizer, que era «grande como um mosteiro». Aos lados havia dois patios, e, em um d'elles, uma grande cisterna. Todo o interior estava ornado de figuras, ficando ao centro o colossal *Trimurti*, e dos lados varias outras, entre ellas *Arddhanari*, de sexo duplo, representado unicamente com o seio esquerdo, e que por isso o nosso Orta tomou por uma amazona. Diversos animaes estavam esculpidos nas paredes — como Orta diz —; e, *Arddhanari*, por exemplo, encosta-se á cabeça

do boi *Nandi*, tendo logo atrás a representação de um elephante, provavelmente o elephante celeste *Airāvati*.

Orta visitou este pagode logo á chegada de Portugal, quando foi com Martim Affonso de Sousa assistir ás pazes de Baçaim, e á entrega d'aquellas terras, como contámos na sua *Vida*. Viu-o, pois, em 1534, e deu noticia d'elle em um livro publicado em 1563, sendo, por muito, o primeiro europeu que d'elle fallou, mais de vinte annos antes de Linschoten, e quarenta antes de Diogo do Couto.

Sobre as opiniões de Garcia da Orta, quanto á intervenção dos chins na construcção do templo de Elephanta, devemos remetter o leitor para o que dissemos já na sua *Vida*, abaixo citada, e mesmo nas notas aos *Coloquios*, no vol. I., pag. 222.

(Cf. Fergusson and Burgess, l. c., 465 e seguintes; Niebuhr, *Voyage en Arabie*, II, 25 e seguintes; Gerson da Cunha, l. c., 204; Couto, *Asia*, VII, III, 11, *Garcia da Orta e o seu tempo*, 255 a 259.)

NOTA (6)

Esta enumeração de castas é extremamente deficiente, ou antes Orta dá apenas alguns exemplos, pois elle conhecia sem duvida muitas outras castas e muitos outros nomes.

Curumbins foi uma designação que os portuguezes davam aos cultivadores do campo ou lavradores, e parece derivada da palavra *Kumari*, que os inglezes hoje escrevem *Coomry*, e designava um systema de cultura seguido na India meridional: mas é bem possivel que tenha outra origem, pois não estou nada seguro n'esta derivação.

Malis ou *mālīs* era e é effectivamente o nome dos jardineiros.

Paru está mal escripto, e encontra-se no *Tombo da India* na fórma mais correcta *parvu*, modernamente entre os inglezes *parvoe*. Deriva-se do sanskrito *prabhu*, e era um titulo honorifico, tomado pela casta já mais elevada dos escrivães.

Dos *Baneanes* tratámos já em uma nota antecedente.

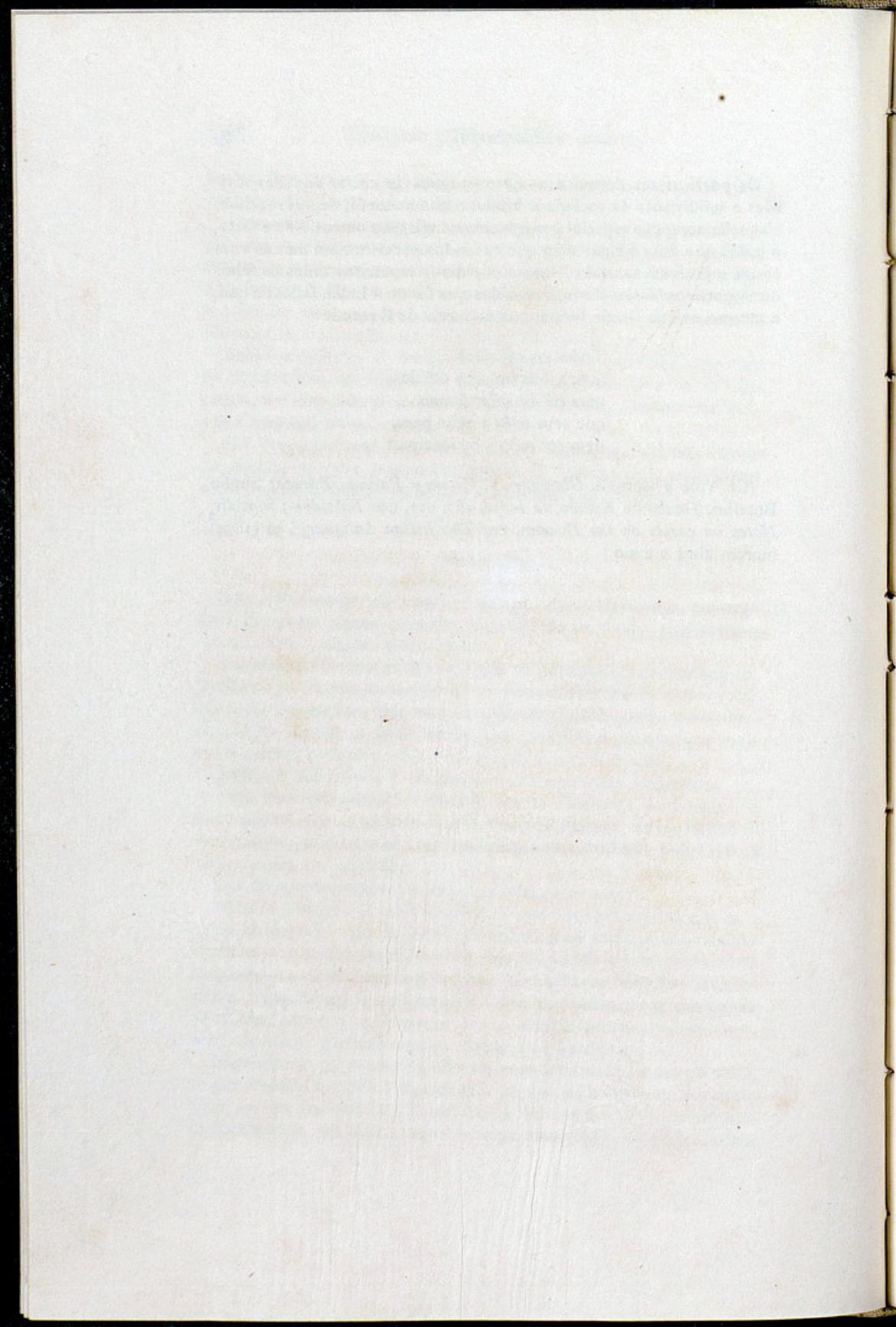
Deres e *faraçes*; a casta inferior, á qual é de notar Orta não dá o nome de *parias* — que se usou geralmente mais tarde, e não é muito correcto — a casta inferior dos *paruaris* subdividia-se em varias, entre as quaes os *mehters* tinham o emprego de varredores de ruas e immundicias. Estes devem ser os *deres* de Orta. A palavra *faraç* parece ser de origem arabe, e applicava-se aos creados inferiores; muitas vezes, entre os nossos portuguezes, aos creados de cavallariça.

Esparcis são os conhecidos *Parsis*, uma colonia de origem persiana, e conservando na India a sua religião. Muitos viajantes notaram, como Orta, os seus habitos de não queimarem nem enterrarem os mortos, e de os exporem em torres, expressamente construidas para aquelle fim.

Os portuguezes deram o nome portuguez de *castas* áquellas divisões e subdivisões da sociedade hindu, e este nome foi depois recebido n'aquella accepção especial por francezes, inglezes e outros. Não é Orta, o unico que nota o rigor com que os hindus permaneciam fieis ás suas castas e profissões, sendo —como elle diz— sapateiros todos os filhos dos sapateiros. Varios portuguezes, dos que foram á India, fallam n'isso, e mesmo os que lá não foram, como Garcia de Rezende :

Todos os officiaes
nunca deixam seus officios,
nem hã de sobir jamais
que seus avós e seus paes,
nem ter móres beneficios.

(Cf. Yule e Burnell, *Glossary*, v. *Coomry Parvoe, Parsee*; Simão Botelho, *Tombo do Estado da India*, 157, 211, nos *Subsidios*; Sinclair, *Notes on castes on the Dekhan*, em *The Indian Antiquary*, III (1874) março, abril e maio.)



COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUINTO

DO THURE QUE HE ENCENÇO, E DA MIRRA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Porque escrevem que ha duas maneiras de *encenço*, scilicet, huma da Arabia e outra da India; he necessario sabermos da arvore delles, como se chama nas terras donde o ha, e saber se he mézinha usada n'esta térra.

ORTA

Nesta terra não ha *encenço*, mas mandam o a elrey de Portugal de cá, pera que faça esmolos a muytas casas de religiosos da cristandade; mas na India não o ha, senão trazido da Arabia, onde o chamam *lovam*, corrompendo o vocabulo grego, que he *olibano*, de que elles muito usam; e elles o chamam *conder*, scilicet, Avicena*, porque *conder* ou *condros* quer dizer *resina*, e *çamac*, quer dizer goma em arabio; e por isto chamam á guoma arabia *çamac arabi*. Verdade he que Serapio** o chama *ronder*; mas o nome he corruto; porque falei com muytos Arabios já, e todos me dixeram que poucos lhe chamavam *conder*, e todos os mais *lovam*; mas que nenhum o chamava *ronder*, nem na propria terra da Arabia, onde nasce. E perguntei a Portuguezes, que nessa terra delle residiram muito tempo, e todos me dixeram que não tinha outros nomes; e que a arvore se chamava tambem *lovam*; e estes homens me dixeram que o melhor he o das serras muyto fraguosas, e o dos campos he roim, e que vem mesturado com outras resinas de arvores, e que usavam delle pera brear as náos,

* Avicena, Lib. 2, cap. 533 (nota do auctor) aliás 532.

** Serapio, cap. 178 (nota do auctor).



asi como nós usamos do breu; e que estas arvores sam do proprio rey; que nenhuma pessoa o podia colher sem licença de elrey; e que vinham os mercadores de Adem e Xael e de outras partes da Arabia, e contratavamse com elrey na cantidade que aviam de colher, e no preço que aviam de dar por o *encenço*, sendo bom, a que nós chamamos *encenço macho*; e o preço não he grande, vendo que o melhor trazido da Arabia e posto cá na India val hum quintal dous crusados.

RUANO

E chamamlhe elles *macho*?

ORTA

Não, mas chamam ao bom na Arabia *melato*; e o mau, que he o preto, tem outro nome, e he nacido no campo e não na serra, e ás vezes mesturam hum com outro pera o vender cá na India, e val muyto menos; e este vem mesturado com as cascas do arvore, e a rezam porque lhe nós chamamos *macho*, scilicet, porque parece aos testiculos, não aceitam cá os Arabios esta semelhança; e o arvore donde se cria esta guoma, não he muyto grande, e as folhas e a feiçam sam de folhas de aroeira; e nesta terra da India nam o sofesticam ou falsificam; nem ganhariam muyto em o falsificar, pollo pouquo preço delle. Usam muyto os fisicos Indianos do *encenço* pera unguentos e perfumes, e comido pera muytas enfermidades da cabeça e pera camaras. Mas a maior cantidade de todo o que se gasta he levando á China, pera lá o venderem, e gastam muyto delle. E se acerta ir huma vez pouquo, ganham os que de cá o levam muyto nelle, asi como perdem se da India vai muito, porque tambem o gastam pera outras partes confines a Malaca; asi como gastam a *mirra* (que na India chamamos *bolla*).

RUANO

Dioscorides, e Avicena e outros muytos dizem avelo na India, e este he o *negro*; nam sei como dizeis, que não ha na India *encenço*?

ORTA

Este nome *indo* tomam muytas vezes por negro, como Mesue o diz nos *mirabolanos indos* que sam os *negros*, como já vos disse, falando nelles (1).

RUANO

E pois falaste na *mirra*, e me disestes tam poucas cousas novas no *encenço*, será cousa justa que me digaes donde ha a *mirra* e como he feita.

ORTA

Muita vem á India da Arabia e da terra do Abexim, que he a Etiopia; mas nunca pude saber desta guoma ou resina a verdade, e como a arvore he feita; somente hum mercador que tratava de Melinde pera Moçambique me disse, que os Bedoins a traziam a Brava e a Magadaxo por terra, e que vinham, segundo elles diziam, da Caldéa, assi chamada por estes Bedoins. E sam estes homens gente montez, e falam o arabio puro, que dizem ser mais chegado a lingua Caldéa ou da Suria antiga. E isto me dixe hum sacerdote abexim e hum bispo armenio. E porque Pico Mirandolano diz na sua *Apologia*, que *magos* em lingua caldéa quer dizer *sabedor*, progunteilhe, pois que elle dizia que a escritura sagrada estava escrita acerca delles em lingua caldéa, que me disesse que queria dizer *magos*; elle me disse que *magoxi* queria dizer naquella lingua caldéa *letrado* e *sabedor*, e que destes eram os *magos*, que vieram adorar a Nosso Senhor. E asi me dixe que nam eram reys estes homens, senão letrados grandes, assi nas estrellas, como nas outras cousas naturaes. E mais me dixe este bispo que a estrella que guiava a estes *magos* não era de natura celestial, senão elemental; asi como dizemos cometa: dizeime o que vos nisto pareça, porque eu nam tenho nenhuma cousa destas por boa, até que o digam os que regem a Santa Madre Igreja de Roma (2).

RUANO

E a mim com essa condiçam me parece bem o que dizeis, e folgára que me dixereis mais cousas do *encenço*,

porque os nossos Castelhanos lá dizem que o ha nas Indias occidentaes de nosso rey.

ORTA

Eu não diguo as cousas senam que sei bem sabidas, ou ditas por pessoas dignas de fé. E isso que dizeis dos escriptores das Indias occidentaes já o li, mas como o nam vi, não sei dizer se he verdade ou não. Vós o podeis saber em Castella e escrevelo cá*, se vos Deus levar; porque isto não releva muyto (3).

* Deve ser «lá».

NOTA (1)

Seria facil alargar esta nota sobre o *incenso*, de que muito se tem escripto, mas devemos limitar-nos apenas a esclarecer com brevidade alguns pontos em que toca o nosso auctor.

O *incenso* é a resina de varias especies do genero *Boswellia*, da familia das *Burseraceæ*. Entre estas, citaremos unicamente a **Boswellia Carteri**, Birdwood, que habita a Arabia meridional e as terras fronteiras da Africa, e a **Boswellia Bhau-Dajiana**, Birdwood, da terra dos Somalis. As duvidas, que ainda restam, sobre as variedades d'estas especies, e sobre outras do mesmo genero, não vem ao nosso caso¹.

É bem sabido, como aquella substancia foi conhecida desde a mais remota antiguidade, sendo repetidas vezes mencionada na Biblia, e tendo feito o objecto do commercio dos Phenicios. Foi chamada *λίβανος* e *olibanum* pelos gregos e latinos, palavras que se prendem ao hebraico *lebonah*, significando *leite*, e tambem ao nome arabico de que logo fallaremos. O de *thus* julga-se derivado do verbo *ذبح*, sacrificar. Emquanto á palavra *incenso*, vem simplesmente de *incendere*, queimar.

—O nome arabico, dado por Orta, «lovam», é o conhecido *لبان*, *lúban*, que significa *leite* como o hebraico *lebonah*, e procedeu do aspecto da resina emquanto fresca. Não é, pois, o «vocabulo grego» corrompido; mas é pelo contrario este vocabulo grego, que se deriva das linguas semiticas.

¹ Veja-se sobre a parte puramente botanica, e tambem sobre a historia da substancia, o excellente e completo trabalho do dr. Birdwood, *On the genus Boswellia*, nas *Trans. of the Linn. Soc.*, xxvii (1871), pag. 111 a 148; igualmente Oliver, *Flora of tropical Africa*, I, 324; e Engler, *Burseraceæ*, em A. D.C., *Monographiae Phanerogamarum*, IV.

—O nome «conder», mencionado igualmente por Orta, é do mesmo modo conhecido, كندر, *kunder* ou *konder*, e parece ser a adaptação arábica do nome sanscritico *kūndū*, ou *kundur*.

Orta diz muito claramente, que o *incenso* ia para a India da Arabia, o que é exacto, comquanto talvez em outras epochas procedesse principalmente da Africa oriental, terra dos Somalis e outras proximas. Alguns seculos antes, Marco Polo dava-o tambem como sendo exportado da Arabia meridional, pelo porto de Dufar, Dofar ou Dhafar. E d'esta povoação, de que hoje não ha vestigios, fallou mais tarde o nosso Duarte Barbosa: «hum lugar de Mouros. . . do Regno de Far-taque». Dofar é igualmente mencionado por Camões, com referencia especial ao *incenso*:

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras.

Varios viajantes modernos têm observado na Arabia meridional, na região do Hadramaut, a arvore do *incenso*, e os processos de extracção da resina, sendo particularmente interessante a relação do dr. Carter (1844-1846). Segundo diz outro viajante, o capitão Miles, a droga não é ali colhida pela gente da terra, e sim pelos Somalis, peritos n'aquelle trabalho, os quaes atravessam em grande numero da costa africana fronteira para fazerem aquelle serviço, pagando por isso um certo tributo. Parece que alguma cousa n'este genero succedia já no tempo de Orta; mas elle ignorava que os trabalhadores fossem africanos, e apenas falla dos mercadores de Aden e outros pontos da mesma Arabia, os quaes «se concertavam» com os reis da terra antes de procederem á extracção da resina.

O *incenso* era empregado na medicina mussulmana e na hindu, como diz Orta, e foi mesmo officialmente admittido na *Pharmacopœia* da India; mas hoje consome-se principalmente ou unicamente nas cerimoniaes religiosas do rito romano e do rito grego.

Orta não admitte a existencia de *incenso* na India, e em rigor tem razão; mas encontravam-se ali muitas resinas, mais ou menos analogas, procedentes de varias plantas, da *Boswellia thurifera* — que se julgou um tempo dar *incenso* verdadeiro — da *Vateria indica*, da *Gardenia lucida* e de outras.

Notaremos ainda, que o nosso escriptor, não tendo visto a planta, tinha no emtanto algumas idéas correctas sobre ella; e sabia ser uma arvore pequena, e ter folhas semelhantes ás da «aroeira», o que é bastante exacto, tratando-se de uma *Burseracea*.

(Cf. *Pharmac.*, 120; Sprengel, *Diosc.*, II, 376, Ainslie, *Mat. Ind.*, I, 136; Yule, *Marco Polo*, II, 386 e 442; Duarte Barbosa, *Livro*, 265; *Lusiadas*, X, 101.)

NOTA (2)

Diz-se que a *myrrha* é produzida por uma arvore da familia das mesmas *Burseraceæ*, **Commiphora Myrrha**, Engler (*Balsamodendron Myrrha*, Nees); mas é forçoso confessar, que a sua origem botanica ainda levanta bastantes duvidas.

Em compensação a substancia foi bem conhecida desde os mais antigos tempos. O nome de *myrrha*, como o grego *μύρρα*, vem do hebraico *mur*, que ainda hoje usam os arabes exactamente na mesma fórma, *مُر*, *murr*. O de «bolla», ou *bola*, ou *bol*, usado ainda na India, é quasi sem alteração o sanskrito *वोल*, *vola*.

A *myrrha* tem vindo sempre pela maior parte, se não exclusivamente, da Africa oriental, sobretudo da terra dos Somalis e do Hadrar, onde se encontram as arvores que a produzem. O commercio de Bombaim recebe modernamente esta mercadoria da grande feira de Berbera, e de outros pontos da costa africana, onde concorre de varias regiões do interior. A noticia de Orta é substancialmente a mesma, posto que elle faça n'esta parte bastantes confusões. Depois de dizer, que aquella substancia ía á India da Ethiopia e tambem da Arabia, aponta unicamente dois portos africanos, Magadaxo e Brava, situados na terra dos Somalis, para o sul do cabo Guardafui. Em resumo, indica correctamente a Ethiopia e a terra dos Somalis, e não devia estar nada seguro de que a *myrrha* viesse tambem da Arabia. A sua confusão é manifesta, quando nos diz, que os beduinos, vindos da Caldéa, a levavam a Brava e a Magadaxo *por terra*. Evidentemente baralhou e confundiu na cabeça os dois lados do mar Vermelho.

Tomando, pois, a parte mais definida da sua informação, a exportação pelos portos africanos, nós vemos que a *myrrha* procedia, como ainda procede, d'aquelle grande triangulo, que termina no cabo Guardafui. Sómente, dirige-se hoje aos portos do norte, Berbera e outros em frente de Aden, e dirigia-se então mais para o meio dia, sem que a região productora variasse.

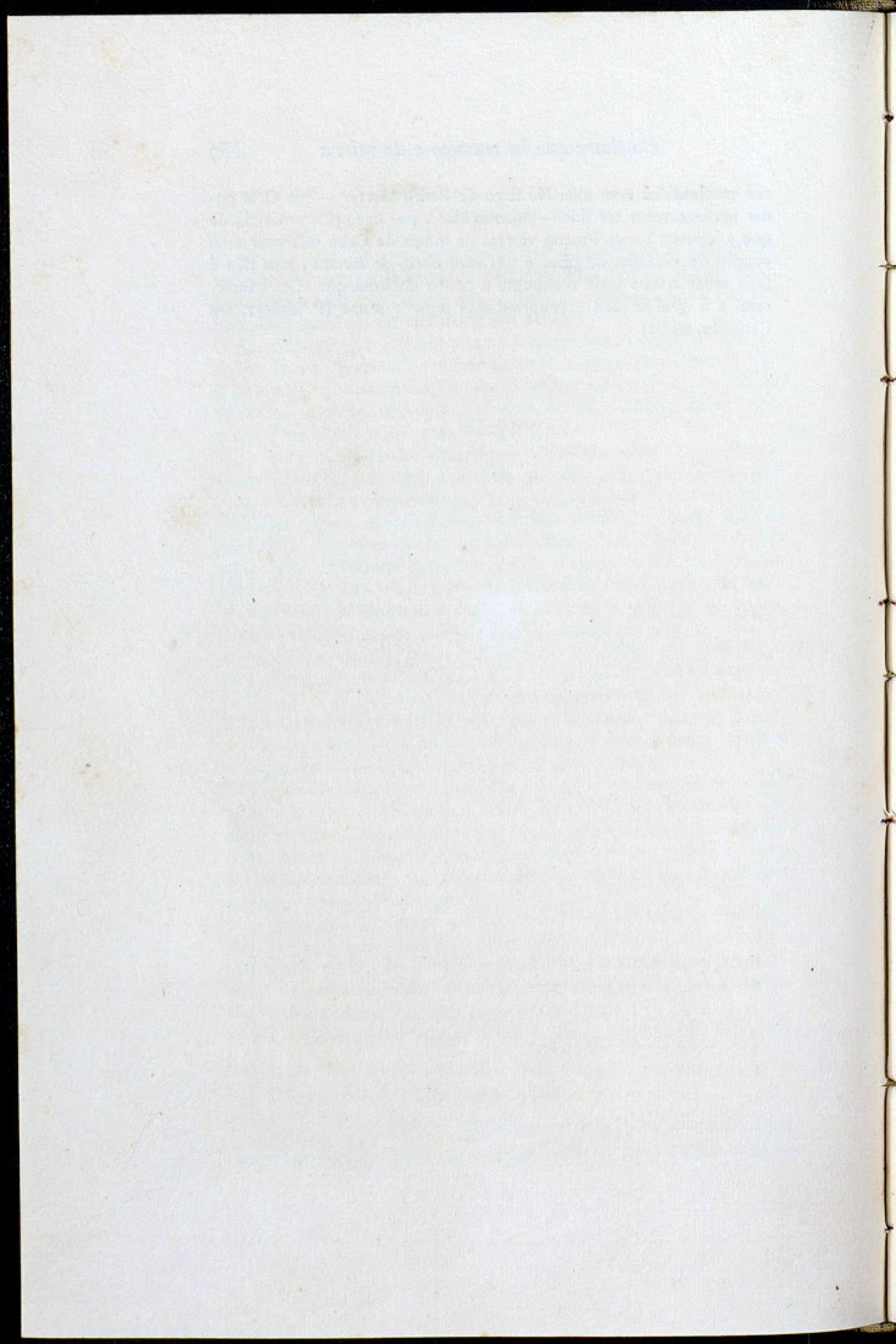
A proposito de *incenso* e de *myrrha*, Orta lembrou-se muito naturalmente dos reis Magos, e trouxe-nos aquella curiosa referencia á dissertação de Pic de la Mirandole, *De Magia naturalis et cabala*; e aquella engraçada opinião do bispo armenio sobre a natureza *elemental*, e não *celestial*, da estrella que os conduziu.

(Cf. *Pharmac.*, 124; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 242; Dymock, *Mat. med.*, 152.)

NOTA (3)

Abundavam nas Indias Occidentaes resinas mais ou menos semelhantes ao *incenso*, que não eram esta substancia, mas foram varias ve-

zes confundidas com ella. No livro de Pedro Martyr —que Orta podia perfeitamente ter lido— encontrâmos, por exemplo, a noticia de que a Vicente Yanes Pinzon vieram os indios de Cuba offerecer uma porção de objectos de oiro, e um vaso cheio de *incenso*; mas não é facil saber o que seria realmente a resina cheirosa que elles trouxeram, e á qual se deu impropriamente aquelle nome (P. Martyr, em Ramusio, III, 22).



COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEXTO

DA TUTIA

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Levam de cá da India *tutia* pera Portugal, segundo me dixeram lá; e tambem Avicena diz que na India ha *tutia*, e Serapio pella mesma maneira diz que huma especie de *tutia* he da India. Ora pois isto asi passa, com rezam me direis o que he esta *tutia*; e em que parte da India nasce ou se colhe.

ORTA

Nas partes que sabemos indianas não ha *tutia* nem *espodio*, como dizem os Greguos, nem cobre nem outros metaes de que se faz esta *tutia*; mas se me quiserdes crer, vos direi qual he a *tutia* que usam na India, e em Portugal e Espanha; a qual nam he mineral, senão o *antispodio* de que faz mençam Dioscorides, ou outro semelhante ao mesmo que elle diz.

RUANO

E donde vem esta *tutia*, e como he feita e pera onde vai?

ORTA

Hum mercador riquo destas terras, e muito corioso (postoque he homem leiguo), me disse que soubera por muyto certo de mercadores naturaes da terra da Persia, que se fazia em Guirmon (terra da Persia e vezinha das terras de Ormuz); e fazse da cinza de hum páo que se chama *goan*; e que esta arvore dá uma fruta, que se chama tambem *goan*, que tem casca e codea ou corteza; e comeselhe a codea, e o miolo, e a casca não; e desta arvore, que dá esta fruta, se faz esta *tutia*, scilicet, da cinza desta arvore. E esta cidade de Guirmon he muito celebrada por ter os melhores cominhos, que ha na Persia. E esta he levada a Ormuz e

ás outras partes da Arabia, donde vai ter a Alexandria, e esta he a que levam a Portugal, e em muitas náos, que se tomaram de preza, acharam d'esta *tutia*, que vinha por mercadoria; e eu a vi mandar a Portugal pera elrey. E segundo me disse hum buticairo portuguez, esta *tutia* he a que se guasta em Espanha e França, e he chamada *alexandrina*, e nam por se fazer ali, senam porque se leva ahi da Persia, e este he hum dos *antispodios* dos Greguos.

RUANO

Não me maravilho d'estas cousas contrafeitas, porque vi que vos trouxe hum fisico huma pouca de caparosa contrafeita, e dissevos que usavam della os çurgiães Indianos, e que lhe achavam bons efeitos porque era bom caustico.

ORTA

Nas cousas dos metaes sabem os Indios medicos fazer obras; porque, queimando e polvorizando os metaes, eu vi aço e ferro queimado, e polvorizado, e azougue; e a elrey de Cranganor no Malavar deramlhe muyto tempo a beber azougue polvorizado, e fezselhe huma previa disposiçam pera lepra, de que o curei eu, e está muito milhor aguora, e cura-se ao modo dos Portuguezes já (1).

NOTA (1)

No *Coloquio do Espodio*, Orta havia explicado, como aquelle seu «*espodio*» vegetal era diverso do *espodio* metallico dos antigos e do *pompholix*. Effectivamente o *espodio* dos antigos era um oxydo impuro de zinco, obtido no trabalho do latão, ou pela combustão de certos minerios de zinco; e o *pompholix* era pouco mais ou menos a mesma cousa, sómente este ultimo nome dava-se ao oxydo mais puro e mais leve, que se deposita nos cadinhos como uma materia branca e em flocos, á qual a antiga chimica chamava tambem *lana philosophica*. Depois de tratar d'estas substancias metallicas, Dioscorides fallava no seu livro das cinzas de varias plantas, que podiam substituir aquellas

substancias quando faltassem—uma especie de *espodio* falso, ou de *antispodio*; e isso contribuiu para que Orta acreditasse o que lhe contaram sobre a *tutia* ser feita com as cinzas de uma arvore, chamada *Goan*.

Isto não era assim; e a *tutia* é um oxydo impuro de zinco, do mesmo modo que o *espodio*. Alguns seculos antes de Orta, Marco Polo havia fallado correctamente da *tutia* da região de Kerman, como sendo obtida de uma certa terra que ali havia (um minerio de zinco) queimada em grandes fornalhas, e dando uma substancia mais pura, a *tutia*, e outra mais grosseira e cheia de impurezas, o *espodio*. Aqui, a *tutia* é assimilada ao *pompholix* dos antigos. Annos depois de Orta, Teixeira repete a mesma informação de Marco Polo, sómente o processo varia um pouco: diz elle, que em uma serra proxima da cidade ou villa de Kerman, se encontrava uma terra especial, a qual, amassada com agua, se punha a cozer em fôrmas de barro, e depois de bem cozida em fornos ficava dentro a *tutia*, a que os persas chamavam *tutyah*. No fundo este processo, descripto por Teixeira, é o mesmo de que falla Marco Polo; trata-se tambem de um minerio de zinco, do qual, pela alta temperatura, se obtem o oxydo de zinco, naturalmente muito impuro, dados os grosseiros processos de que se usava. E—continua dizendo Teixeira—*fué mal informado el doctor Garcya dorta, que en sus dialogos de los simplices de la India dize que la Tutia se haze de la ceniza de cierto arbol y fruto dicho Gune*. Effectivamente foi mal informado; era verdade que a *tutia* se preparava em Kerman (o seu Guirmon), ao norte e não longe de Hormuz; mas aquella *tutia* era metálica—ou, servindo-nos da linguagem do tempo, era um *espodio*, e não um *antispodio*.

É exacto, que a medicina indiana se aproveitasse com frequencia dos metaes, e dos seus preparados, obtidos com uma certa habilidade, como por mais de uma vez indica W. Ainslie no seu excellente livro, tantas vezes citado n'estas notas. No caso do rei de Cranganor, não é provavel que o «azougue polvorizado» lhe fizesse uma disposição para lepra; mas antes, que, por elle ter aquella disposição, lhe applicassem um tratamento mercurial.

(Cf. Sprengel, *Dioscorides*, 1, 747, 748; Yule, *Marco Polo*, 1, 129, 130; Teixeira, *Relaciones*, 121.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO SETIMO

DA ZEDOARIA E ZERUMBET

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Bem sabeis quanta duvida ha em o que se chama *zedoaria*, e o que se chama *zerumbet*; porque Avicena faz dous capitulos, e Serapio hum só de *zerumbet*, e Rasis faz hum capitulo de ambos: decraraimo isto, dizendo os nomes e se o usam a gente da terra.

ORTA

A mesma duvida, que vós tendes, tive eu muyto tempo; e asentei que, por *zedoaria* ser mais famosa, era o que chamamos *zerumba*, droga usada pera Ormuz e dahi levada pera a Turquia e Veneza; e que o *zerumbet* era o que chamamos *açafram da terra*, que na feiçam sua se parece com a *ruiva seca* nossa, de que já vos falei acima no *croco indiano*. E depois que muyto cuidei nisso e o enqueri, soube que estava enguanado, por os efeitos e obras diversas que o *açafram da terra* faz das que escrevem da *zedoaria* e *zerumbet*, asi chamado de nós; porque da *zedoaria* faz capitulo Avicena* e de *zerumbet*; e isto que chamamos *zedoaria*, chama Avicena *geiduar*, e outro nome lhe não sei; porque o não ha senam nas terras confins á China. E este *geiduar* he huma mézinha de muyto preço, e não achada senão nas mãos dos que os Gentios chamam *jogues*, ou outros a que os Mouros chamam *calandares*; e todos estes sam peregrinos, que vivem mendicando e peregrinando, e visitando as suas casas de idolatrias; e destes vos falei já, dos quais ham

* Avicena, Lib. 2, cap. 742 (nota do auctor). Na edição de Rinio, cap. 745 *De zedoaria*, 747 *De zurumbet*, 754 *De geiduar*.

os reis e grandes pessoas este *geiduar*, a que nós corru-
tamente chamamos *zedoaria*.

RUANO

E como soubestes isto, que tam ousadamente falaes?

ORTA

Os fizicos do Nizamoxa mo dixeram: querendoa dar a hum homem no arraial do Nizamoxa contra a mordedura de huma bicha, a mandaram pedir ao rey; aos quaes eu dixei, que os buticairos a tinham, e lha mostrei; elles responderam, que isso que lhe eu mostrava era *zerumba*, e não o *geiduar*; e dandoa contra a mordedura da bicha, se achou o trabalhador bem, e lhe tornou o pulso, e se lhe esforçou a virtude.

RUANO

E de que feiçam era essa *zedoaria*?

ORTA

Tamanha como huma bolota, e casi dessa feiçam, e a cor era lucida: pedi a elrey hum arratel dessa mézinha; e disse-me que não me podia dar tanta, e deume hum pedaço que pesaria mea onça; a qual mostrei aos buticairos de Chaul e de Goa, e todos me disseram que não conheciam aquella mézinha, e que não usariam della. E esta mandei a Portugal com huma pedra armenia, e tudo se perdeu, e a não em que hia, Deos seja louvado. E depois achei na mão de hum jogue huma pouca, e nam lha comprei, porque a não conhecia bem. E se tivera algum fizico ahi, eu lha comprara, e vola mostrara aguora.

RUANO

Aproveita pera outras cousas este *geiduar*?

ORTA

Diseme o Mula Ucem (e este era um fizico letrado, que eu conversei, estando em Juner curando os filhos do Nizamoxa) e me disse que aproveitava pera 36 cousas; e elle

me disse muytas dellas, e eu lha vi aplicar em hum giolho, que estava com dor hum mercador. E ao menos podeis crer que he mézinha que se estima em muyto, e o principal he contra a peçonha.

RUANO

Pois Aviçena nam faz tanto caso della.

ORTA

Avicena não a conheceo, e foy muyto duvidoso nesta mézinha; porque nas cousas de duvida faz Avicena dous capitulos, e assi fez nesta porque no capitulo 752 diz: *geiduar quid est?* E diz que estima que será *algeiduar*; e Dioscorides nunca falou nisto*. E por aqui vereis que Avicena tinha nesta mézinha duvida. E o Belunensis, na exposiçam dos nomes arabios, parece que cheirou isto; porque faz mençam de *zeduar* e de *zedoaria*, e de *zerumbat*. E por aqui sabereis que he *zedoaria* nome corruto, e *geiduar* verdadeiro. E aguora vos direi o que he *zerumbet*, e vós ao cabo vireis com vossas contradicções, como acostumaes; mas eu ei de ficar em pé, porque a verdade tem pés, e anda e nunca morre. E diguo que o *zerumbet* se chama dos Arabios e Persas e Turcos *zerumba*, e dos Guzarates e Decanins e Canarins *cachorá*, e dos Malavres *cua*** . A maior quantidade della he no Malavar, scilicet, em Calecut e Cananor; e nasce no mato, e, se a plantam ou semeam, nasce em muytas partes, e em todo o cabo. Chamamlhe muytos *gengivre do mato*, e tem reçam; porque na folha he semelhante ao *gengivre*, senão que a folha he mais larga da *zerumba*, e mais aberta, e a raiz da *zerumba* he mais grande; e des que he colhida a secam em talhadas, e a levam a Ormuz

* Aliás, cap. 754.—O curtissimo capitulo de Avicena é textualmente o seguinte: *Zeduar quid est? Inquit Dios. Est algeiduar. i. secundum quod existimo.*

** Sic na edição de Goa, mas deve ler-se *cua*; e as cedilhas são postas em todo o livro com uma grande irregularidade.

por mercadoria, e á Arabia e Persia; donde vai a Alexandria e a Gida, e dahi a Veneza e a outras partes; e ganha-se nella dinheiro, levandoa por mercadoria pera lá, e tambem a fazem em conserva de açucare, e he melhor que *gengivre*. E isto he noto a todos, e por aqui vereis que não he arvore, como alguns falsamente disseram*.

RUANO

Já he neçessario que venhamos ás duvidas que disto nacement. E digo que Avicena diz que a *zedoaria* sam humas talhadas semelhantes ás da *aristologia*, e que aquella planta he melhor, que nasce perto do *napelo* ou rabaça de Pero Jegral, porque tira ao *napelo* a virtude venefica ou mortifera, e que he triaga dos venenos, em especial da bicha e do *napelo*. E no Capitulo 745** diz do *zerumbet* que he erva semelhante ao *cipero*, ou *junça avelanada*, senão que he menos odorifera, e em outra letra diz que he arvore: no pera que aproveita diz que presta pera as cousas, que Serapio diz da *zedoaria*. Serapio capitulo 172 diz que *zerumbet* que he *zedoaria*, por autoridade de Isac Aben Amarani; que *zerumbet* sam raizès redondas, semelhantes á *aristologia*, e sam semelhantes na cor e no sabor ao *gengivre*; e que se trazem de Seni. Ora veja isto, e digame o que lhe parece.

ORTA

Avicena não vio senam a *zerumba* ou *zerumbet*, como nós dizemos; e porque huma dellas vai ao estreito de Meca, feita em talhadas redondas, e outras compridas, pode ser que dahi tomou ocasião de cuidar que eram de duas maneiras, scilicet, *zedoaria* e *zerumba*. E porque nunca vio as folhas, nam a pintou, senam como a levam da India, sci-

* A traducção de Andreas, porque uma letra diz erva e outra lignum (nota do auctor). Effectivamente o capitulo 747, *De zerumbet* diz, por engano do traductor, *Est lignum simile cypero*.

** Aliás 747.

licet, as raizes como as do *gengivre*. E ainda agora tem diversos preços a *zerumba* redonda da comprida; e tambem o *gengivre* pequeno val menos que o grande. E o que diz que a que nasce vezinha do *napelo* he a melhor, isto he muyto fabuloso, porque de *napelo* ha pouco, e a *zerumba* nasce em todo cabo que a semeam; posto que a maior quantidade é no Malavar, no mato; e a que semeam nestas terras he muyto pouca, e o mato nam he aparelhado a criar o *napelo*; e sei o nome do *napelo* na lingua d'esta terra, nunca me disseram os de Malavar que nascia vezinha ao *napelo*. E do *zerumbet* diz o mesmo Avicena que a erva he semelhante a *junça*, e outra letra enmendada diz que he *lignum* ou arvore; por onde vereis que o nam conheceo Avicena; pois nam he arvore, senam hum legume. E no Serapio não está escrita aquella diçam expositiva, scilicet, *zedoaria*: que he isto acreçentado do treslador, que não conheceo a deferença de *zedoaria* a *zerumbet*; e porém diz ao cabo que se trazem estas raizes de Seni. E na India não nascem estas raizes, senam na China; e achamse poucas na India, trazidas da China, como já vos disse; así que ha *zerumba* na India, e a *zedoaria* na China.

RUANO

E como sabeis que China quer dizer Seni?

ORTA

Por muytas razões cá o podeis saber. Mas por aguora vos abaste saber que *raban seni* quer dizer *raiz da china*; e así o he, porque o bom *ruibarbo* não o ha senam na China; así que nisto não tendes que duvidar.

RUANO

Antonio Musa, recupilando os ditos de todos, diz uma grande deshonna da *zedoaria* chamandoa barbara; e o nome de ser barbaro he que não lhe pode dizer maior pragua; e porque Serapio, falando de *zerumba*, entendeo a *zedoaria*, porque o que diz della Simão Genuense mostra serem di-

versas mézinhas, porque Mesue, descrevendo o *letuario de gemis*, faz mençam da *zedoaria* em certo peso, e mais abaixo falla do *zerumbet* em outro peso, e diz mais que alguns outros disseram que *zedoaria* era *arnabo*, ou *zarnabo*, que ácerca de Paulo e Aecio he *arnabo*, e que he do genero de cheiros, e alegua outros, e aos que dizem ser *bem album* e *rubeum*, e outros *carpesio*; e assi que não sei o que se possa nisso dizer.

ORTA

O *carpesio* craro he não ser nenhuma destas mézinhas, e asi *bem album*, item *rubeum*; porque nesta terra não ha tal mézinha, senam a que vem do Estreito, que se cá vende bem. E de estoutra muyta ha nesta terra, e he muyto deferente. E o *carpesio* claro he nam o ser; pois hum he raiz e outro he grãos. E *zarnabo* não pode ser, porque he arvore grande, como diz Avicena, e mais he pouco cheirosa, e *zarnabo* ou *arnabo* he arvore muyto grande, e a *zedoaria*, ou *zerumba* he legume. E com isto respondeis a Fuchsio e Mateolo, e Ruelio, e aos Frades, que dizem casi huma cousa (1).

NOTA (1)

Este ultimo *Coloquio* da serie alphabetica suscita algumas duvidas e difficuldades. Para as expor com a possivel clareza, necessitâmos dizer primeiro o que hoje se julga geralmente ser a *zedoaria* e o *zerumbet*, seguindo principalmente os excellentes capitulos de Dymock sobre o assumpto.

A *zedoaria amarella* procede da **Curcuma aromatica**, Salisb. (*Curcuma Zedoaria*, Roxb.), uma planta da familia das *Scitamineæ*.

Este rhizoma é o *vanaharidra* dos livros sanskritos, e parece tambem ser o *جدوار*, *djeduar* ou *geiduar* dos arabes e de Avicena. É considerado medicinal pelos hindus, e nomeadamente util em casos de envenenamentos, mordeduras de cobras e outros. D'aqui lhe veio um dos nomes sanscriticos, *निर्विषा*, *nirvishā*, e d'aqui sem duvida procedia tambem aquella idéa de Avicenna, de ser melhor o que crescia junto ao *napello*, e enfraquecia o *napello*. A *Curcuma aromatica* é espontanea no Concan,

e tambem no Malabar, d'onde hoje se abastece em grande parte o mercado de Bombaim. A droga parece ser bastante commum.

A *zedoaria cinzenta* procede da **Curcuma Zedoaria**, Roscoe (*Curcuma Zerumbet*, Roxb.), do mesmo genero e familia que a precedente.

Esta droga é o زرمباد, *zerumbad* (nas versões *zerumbet*) de Avicenna, Serapio, e em geral dos arabes. É chamada *kachúra* pelos hindus, do sanscrito कर्चुरा *karchūrā*; e é igualmente a droga de que Rhede falla sob o nome geral de *kua*, dado tambem no Malabar a mais especies do mesmo genero. A planta parece ser bastante vulgar na India meridional, e é commum nas hortas de Bombaim, onde Dymock julga teria sido introduzida pelos portuguezes. A droga encontra-se com frequencia nos bazares, e tem algumas applicações medicinaes, sendo tambem usada como condimento ou especiaria. Dimock é de opinião, que a *zedoaria longa* e a *zedoaria redonda* do commercio procedem ambas d'esta especie, e são simples fórmulas do mesmo rhizoma. Esta *zedoaria* vinha desde tempos antigos para a Europa, onde foram conhecidas as suas variedades *longa* e *redonda*.

Isto posto, vejamos o que diz Orta. É claro que elle conheceu perfeitamente o rhizoma da *Curcuma Zedoaria*, de que falla sob o nome de *zerumbet*. Dá-nos todos os nomes vulgares, que citámos acima: «zerumba» entre os arabes, «cachorá» entre os hindus, «cua» no Malabar. Conheceu as duas fórmulas *redonda* e *longa*; e está perfeitamente ao facto do commercio que para a Europa se fazia n'esta droga.

Não é igualmente claro que elle se refira ao rhizoma da *Curcuma aromatica*, pelo nome de *zedoaria* e *geiduar*. Por um lado, é favoravel a esta identificação o facto, que elle cita, de o darem para a «mordedura de uma bicha»; mas, por outro, a sua descripção concorda mal com aquelle rhizoma, que não é «lucido», nem tem o tamanho e a feição de uma bolota. E não é provavel, que nem elle, nem os boticarios de Chaul e de Goa, conhecessem uma droga, que a final não é rara na India. O que parece ser é que Orta confundisse algumas cousas que lhe disseram do verdadeiro *geiduar*, procedente da *Curcuma aromatica*, com uma droga rara da China, que viu em poder do Nizam Scháh. Esta droga poderia ser algum rhizoma ou tuberculo de outra *Curcuma*, vindo d'aquellas regiões. Uns tuberculos de uma *Curcuma*, descriptos e figurados por Hanbury nas suas *Notes on chinese Materia Medica*, procedentes da China, onde são chamados *yuh-kin*, corresponderiam approximadamente á descripção de Orta. Não é possivel affirmar, que esta fosse a sua *zedoaria*, mas seria alguma cousa semelhante.

(Cf. Dymock, *Mat. med.*, 769, 771; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 490, Hanbury, *Science papers*, 254.)

COLOQUIO QUINQUAGESIMO OITAVO

QUE TRATA DE ALGUMAS COUSAS, QUE VIERAM Á NOTICIA do autor, e das mézinhas ditas atraz; e asi se acrescentam outras algumas mézinhas ou frutas; e falla de uma maneira de arroz que tem manteigua em si, e do betre, e da cidade de Badajoz, e da canafistola, e do cirifoles, mézinha louvada pera as camaras; e da cidade de Chitor, e do marfim, e dos mangustães, e das patecas, e do pao da China, e de huma pedra muyto louvada contra a peçonha, que he achada no fel do porco espinho.

INTERLOCUTORES

O LICENCIADO DIMAS BOSQUE, RUANO, ORTA

DIMAS (1)

Dos amigos todalas cousas sam commuas; e asi tem os amigos licença pera enmendar as cousas dos que o forem seus: quanto mais que vós me rogastes, que vos dixese as cousas que por fóra soubesse pera as praticarmos ambos, e ver se podiamos desencovar a verdade nam sabida de todos: e já antes me tinheis dado licença pera enmendar o que me parecesse, e por isso venho aguora alembrarvos algumas cousas: he necessario que de novo me deis licença pera isto.

ORTA

Vós a tendes já, escusado he pedila de novo, porque antes me fazeis grande mercê nisso.

DIMAS

Do arroz que comemos, vos quero dizer que vem de Jaoa a Malaca hum arroz que chamam *pulot*, o qual cozendose somente com o baffo da aguoa, apeguase tanto ás mãos e he tam humido, que parece ser cozido com manteigua*.

* O nome javanez do arroz é *pari*, transformado em *pali* n'outras linguas do Archipelago, o que póde ter dado este *pulot*. Os javanezes gabam-se de cultivarem na sua ilha quarenta e seis variedades de arroz.

ORTA

Do primeiro efeito me não maravilho, que he de ser cozido com o baffo, como o *cuzcuz*, porque destoutro arroz acontece o mesmo aos que vam a Portugal, cozendoo da mesma maneira com aguoá salguada, por falta da doce: mas essoutro, que he de ser manteigoso e humido, nunca o esprementei, porque não sam muito amigo de arroz.

DIMAS

Pois perguntai a toda a gente de vossa casa, e dirvoloam; quanto mais que eu o esprementei já, e podeisme dar nisto fé.

ORTA

Em tudo vola dou; e dizeime o que vos disseram os ortelões da vossa ilha, do *betre*, se vos disseram mais alguma cousa nova?

DIMAS

Nunca pude saber mais que dizeremme que se quer muyto mimoso, e que asi quando se colhe nam he bom ser tocado muyto com a mão; sei que não quer muita quentura, nem muyta frialdade.

ORTA

Pareceme que tendes rezam, porque este *betre* não se dá no sertam, e de cá da fralda do mar he levado para o Balaguete; e mais sei que não se dá na China por ser terra muyto fria; nem em Moçambique, nem Çofala, por ser terra muyto quente, e em todas estas terras fazem muyto por elle*.

DIMAS

Tambem achei escrito em hum vosso colloquio, dito acaso, que a cidade de Badajoz, dita asi dos Castelhanos, se avia de chamar Guadajoz, que quer dizer *Rio de nozes*: e achei

* Do *betre* falla Orta no *Coloquio* seguinte.

escrito eu em hum escritor moderno muyto lido, e muyto douto e curioso, chamado Gaspar Barreiros, que diz que os Mouros lhe corromperam o nome, porque se chamava primeiro *Pax Augusta*, e porque os Mouros não tem p, e põem o b em seu lugar, lhe chamáram Bagus.

ORTA

Eu achei isto escrito, e parece-me o autor homem de muyto bom juizo e muito lido; mas certamente que a dirivaçam me parece muyto torta, e parece-me melhor o que eu diguo. E mais confessando isto os mesmos Mouros, e ser a fama comua. E já pode ser que me enguane eu, porque a todollos mais dos homens lhe parecem melhor as suas cousas que as alheas; e quanto he ao que diz que os Mouros nam tem p, verdade he que nam tem o proprio caratere do p; mas servemse por p pondo no b dous pontinhos, e entonces pronunciam p*.

DIMAS

Do que me encomendastes da *canafistola*, se agora avia em Malaca, soube que ha muyta em Malaca, e em Siam, e em todas essas partes. E tambem ainda que estas cousas nam relevam muyto, porque não sam mais que curiosidades, vos alembro que falaes muitas vezes na cidade Chitor, e não sei se sabeis que quer dizer *sombreiro*; porque asi

* Orta já havia fallado da etymologia de Badajoz (ante, pag. 85 e 89), e volta agora ao assumpto, pelo que leu no livro de Gaspar Barreiros, um livro moderno então, publicado no anno de 1561, e que elle já tinha na India. Effectivamente se deram variadas etymologias do nome de Badajoz: derivou-se de *rio* ou *paiz de nozes* (Orta e Nebrixa); de *paiz dos alimentos* (Fr. João de Sousa e Marmol); da corrupção do nome latino *Pax Augusta*, em *Bagus* ou *Badaxus* (Gaspar Barreiros e muitos outros).

Orta volta tambem á questão do p arabico, que evidentemente o intrigava. Havia dito antes, que era semelhante ao f, do que procurámos dar uma explicação (vol. 1, pag. 165); e agora diz ser semelhante ao b com mais dois pontinhos; isto é verdade, ب e پ , sómente este p não pertencia ao alphabeto arabico e sim ao persiano.

o escreve hum cronista da India, e não fôra máo meterdes isto ahi, porque folgua a gente de ouvir cousas novas.

ORTA

As dirivações dos nomes sam mui más de acertar nas proprias regiões onde nacemos, e onde sabemos tam bem as linguoas; que fará nas estranhas, onde escasamente sabemos hum vocabulo, quanto mas saber a dirivaçam delle. E portanto vos diguo que *cetri* quer dizer *sombreiro*, e alguns lhe chamam *chatri*. E falando com alguns Guzarates sobre isto, me dixéram que *chitor* queria dizer hum passaro asi chamado, e mais propriamente queria dizer *debuxo* ou *pintura*; e esta dirivaçam me parece que lhe quadra mais: mas como nisto vai pouco, seja como vossa merce mandar; mas verdadeiramente a cidade he hum *debuxo* ou *pintura*, segundo dizem os que a viram, porque eu não a vi*.

DIMAS

Estas cousas que até aqui vos dixei, sam floeos de esgrimidores; mas esta que aguora vos direi he de huma mézinha muyto boa pera as camaras. E já sabeis que huma das principaes curas, que avemos de exercitar nesta terra, sam as camaras; porque ainda que aja muytas mézinhos pera curarlas, ás vezes achaes algumas camaras antigoas, que per nenhuma maneira se podem arrincar: e vem depois huma velha, e arrinca as com huma mézinha simple; e por isso traguo a mézinha aqui pera vola amostrar.

RUANO

Diganola vossa merce, e tambem nos dirá, se a esprementou já.

* *Chitra* चित्र significa como substantivo *pintura* ou *maravilha*; mas é propriamente um adjectivo, significando *manifesto*, *visivel*. *Chitor*, a celebre fortaleza do paiz de Méuar, seria pois «a (fortaleza) vistosa», a «maravilhosa». Como se vê, a derivação para que Orta se inclina é perfeitamente accetavel.

DIMAS

Nunca ouvistes dizer *marmelos de Benguala*?

ORTA

Si ouvi; e algumas vezes os vi em conserva, e parece-me cousa muyto estítica, e os fisicos Guzarates usam desta fruta, sendo elles novos e tenros, em conserva de vinagre (a que elles chamam *achar*) e em conserva de açucare, como nós usamos; e sempre aquelle sabor estitico lhe dura por mais maduro que seja.

RUANO

Já que concordaes ambos em ser cousa estitica e boa pera camaras, será bem que diga o doutor primeiro os nomes e feições desta fruta ou arvore.

ORTA

A esta fruta lhe foy chamado o nome de *marmelo de Benguala*, porque em hum navio meu se trouxe esta conserva, e veo de mestura com outras, que me de lá vieram. E já veo com nome de ser boa pera as camaras. E gabando eu muyto a hum meu amigo, homem de muyto bom saber, que muytas vezes andava á caça no mato, me dixe que não se avia de chamar este pomo *marmelo de Benguala*, pois aviam muytas arvores nas terras firmes desta ilha, na qual ilha avia alguns. E pois quereis saber o nome desta fruta, diguo vos que em Benguala, e em todos os cabos se chama *cirifoles* e *belas*. E porque eu sabia que se chamava *beli* em Baçaim, perguntei a estes fisicos da terra qual era o seu proprio nome, se *cirifole* ou *beli*; e elles me dixeram que *cirifole* era o nome vulgar, e porém que *beli* era o nome dos fisicos, e que elles o tinham em suas escrituras. He o arvore do tamanho de huma oliveira, o que he maior: as folhas sam como de peixigueiro e o cheiro tambem de peixeguos; dá pouca frol, e duralhe pouco; sam em principio tenros, e a cor he verde escura, e a casca he delgada neste principio, e depois se vai engrossando, fazendo-se seca, até quando he madura a fruta, porque entoncos tem a casca casi tam dura como a do coquo; e no principio

he do tamanho de huma laranja pequena, e vem a crescer tanto, que muytas vezes he maior que hum grande marmelo; do qual tiram huma medula (que quando he maduro he já muyto teso) e a fazem em talhadas grandes, e depois em conserva de açucare, como já dixey; e quando sam mais tenros e novos, os comem em *achar* ou salguados, e isto he o que sei desta fruta ou mézinha. Aguora pode dizer o senhor licenciado a experiencia que tem desta mézinha, e o que com ella lhe aconteceu; porque elle tambem he do numero dos fisicos amadores da verdade.

DIMAS

Estando o visorey Dom Constantino em Jafanapatam, com os continuos trabalhos da guerra, e muytas agoas, em que sempre os homens andavam metidos, e falta de mantimentos, adoeceo muyta gente de camaras, a cura das quaes todas passou por minha mão, por nam aver outro fisico na armada. E como as medecinas, que de cá se levaram, eram já gastadas na ilha de Manar, com os doentes de duas náos do reino, que a ella vieram ter tam mal tratados que em espaço de quarenta dias curei passante de trezentos homens; e não avendo depois com que acudir ás camaras, que tanto trabalho davam ao exercito, foime neçario e forçado esprementar o que destes *marmelos* da gente da terra tinha ouvido; e com elles curei a muytas pessoas, mandando fazer mivas e emprastos pera o estomago e barriqua. Mandei tambem fazer marmelada, a qual não sabia mal, antes tinha hum azedo de muyto guosto; mandava aos doentes que os comesem asados com açucare; e mandei tambem fazer, no tempo que duravam estas camaras, cristéis do cozimento das suas cascas, e faziam o efeito nam muyto deferente das *balaustias* e cousas estiticas, que cá usamos; de modo que, com estes chamados de nós *marmelos*, foy remediada a falta das outras mézinhas. Huma cousa não posso leixar de vos contar, que com estes *marmelos* me aconteceu. Tinha Agustinho Nunez, filho de Lionardo Nunez, fisico mór destes reinos, muitos dos seus sol-

dados doentes; e eu mandei assar dous *marmelos* a hum seu negro, pera dar a hum soldado enfermo; e arrebrandando no foguo estes *marmelos*, queimou o miolo delles o negro que os assava, de maneira que parecia ser queimado com panella de polvora, porque nos peitos e rosto e braços não deixou cousa que não abrasáse: parece-me que este foguo obrou mais, porque a materia em que se fundou, foi mais estitica e ajuntada; porque o foguo queima mais posto em ferro ou em pedra, que em estopa. Isto he o que vi desta mézinha, e o que della posso testemunhar.

ORTA

Alem de o vossa mercê dizer, traz isso muyta rezam; porque aquelle miolo de dentro, quando o fruto não he muyto seco, he tam glutinoso e pegadiço, que aos que o comem, não se pode desapeguar das mãos.

RUANO

Eu levarei alguma jarra de conserva destes *marmelos*, se os puder achar (2).

ORTA

Buscalosemos, e fazervosei della serviço. E emtanto me dizei se vos trouxe algumas cartas de Malaca aquelle catur que ontem chegou de Cochim, porque traz novas que ficam já ahi as náos de Malaca.

DIMAS

Trazme cartas e novas da minha fazenda: folguo de achar aqui ao senhor doutor Ruano, porque veja a feiçam dos *dorriões* e *mangustães*, ante que se vá pera o reino, porque me vem aqui de cada hum seu pomo feito de cera.

RUANO

Posto que este anno me não vou já pera o reino, e enverna cá a náó, folgarei muito de ver esses pomos.

ORTA

Muito fermoso pomo he, porque he tamanho como huma muyto grande pinha, e he da mesma feiçam da pinha, senão

que tem os bicos mais delguados, e sam como ós do ouriço cacheiro, animal conhecido.

DIMAS

Na minha carta diz que ha outros mais grandes que estes, a que elles sõem chamar *cabeça de alifante*: tem dentro de quatro camaras pera cima (a que elles chamam *peitacas*); a folha he como de huma lança pequena, dividida pello meo com dous fios, e outros que se tecem pera as ilharguas; he muyto verde o arvore, e muyto grande e bem copado; dizem que não dá fruto, senão de 40 annos: o pomo quando he maduro tem o verde mais craro.

ORTA

Hum homem casado de Malaca me disse que dava fruto aos quatro annos, e que elle o vio.

DIMAS

Seja o que for, que a verdade não se pode saber tão destintamente. E asi me escreve do *doriam*, que o miolo de dentro he como nata. E vedes aqui o *mangostam*: tambem he verde escuro; e do tamanho como huma laranja pequena*.

ORTA

Pois aqui estam plantadas, asi daram fruto; e veremos por esperiencia a como sabem, se nos Deos der dias de vida.

DIMAS

Tambem me lembra que, lendo o vosso capitulo do *marfim*, vi que nam falaes ahi no *marfim mineral*, do qual fala Andreas de Laguna. Huma de duas cousas me parece nisto: ou que não yistes este autor, lendo todo o capitulo que escreveo, ou que deve ser algum vosso amigo, e não

* Sobre o *dorião* veja-se antes (I, 297 e 301); e sobre o *mangostão* (II, 161, 162).

o quereis reprehender. E já pode ser que não lhe lestes o titulo, pois lhe erraes nome, e lhe chamaes Tordelaguna, chamandose elle Andreas de Laguna.

ORTA

Fala esse Laguna huma cousa tam fóra de rezam, que ouve vergonha de reprehender isto, pois de si he tam visto ser falso; e mais elle não alegua autor algum que o digua; asi que pois só quer dizer a falsidade, com elle fique o erro. E quanto he a dizer de que lhe errei o nome, não me ponhaes culpa; porque nao li bem o titulo, e mais porque conheci em Alcalá a ouvir medecina hum, que se chamava Tordelaguna, o qual avia sido buticairo, e sabia algum pouquo de arabio, e era grande ervolario, e por isso me pareceo que devia ser esse; mas folguo de o não ser; porque o outro era meu amigo, e não avia de folgar de errar de tal maneira, como este errou*.

RUANO

Se andamos a acusar erros, Leonardo Fuchsio, homem douto, diz que não ha *marfim* verdadeiro no mundo.

ORTA

Ha humas mentiras tão grossas, que não he bem, nem merecem ser reprehendidas, senão leixalas passar avante, até que deem doze badaladas, como relógio de meo dia. Este homem ha muytos annos que escreve, e eu não acostumo nomealo pollo seu nome; porque ainda que soube na fisica bem, soube muyto pouco em condenar sua alma, e ser hereje condenado por luterano; porque, alem de os seus livros virem no catalago condenados, hum religioso da ordem dos Préguaadores me dixee que o conhecia de Alemanha, e que praticára muytas vezes com elle, e que nunca o poude convencer; e por esta causa me vieram a avorrecer suas obras;

* Effectivamente em todo o livro, Orta escreveu Tordelaguna, que n'esta edição substituímos por Laguna, em vista da emenda feita n'este *Coloquio*.

e ainda que a medecina não he ciencia de religiam cristan, comtudo me avorreceo o autor, e foi muyto deservergonhado em dizer que nao avia *marfim* verdadeiro, avendo tantos alifantes em todalas bandas da India, e da Etiopia, e serem levados a Portugal. Parece que os Luteros devem ter no inferno algum *marfim*, que seja guardado pera elles*.

RUANO

Pareceme que se pudera escusar Andreas de Laguna; porque me mostrastes aqui, ha poucos dias, córnos, que criavam raizes no cham, e eu os vi com muyto grandes raizes.

ORTA

He verdade que vos mostrei isto, e ha muyto nesta terra, por ser humida**; mas o *marfim* não se enterra, nem ha maneira disso.

DIMAS

Aveis de escrever desta fruta, que chamam *ananaç*; porque certo que he rey das frutas no sabor, e muyto mais no cheiro.

ORTA

Escreve desta fruta Oviedo, o que escreveo das Indias occidentaes, como de fruta propria dessa terra; por onde não he necesario escrever eu cá della, avendoa lá, e na provincia de Sancta Cruz, chamada de nós o Brasil (que he terra que está muyto perto de Espanha), onde saberam melhor escrever della***.

* Orta conserva todo o seu bom humor, mesmo n'esta passagem, em que manifesta uma certa intolerancia religiosa.

** Pela primeira vez encontrâmos uma asserção de Orta, da qual não podemos dar uma explicação plausivel; e é difficil imaginar o que seriam estes cornos enraizados.

*** É interessante esta citação directa da *Natural hystoria de las Indias* de Oviedo, á qual, de resto, Orta se referiu já mais de uma vez, mas sem mencionar o nome. Onde este diz, que o Brazil está perto de Hespanha, quer evidentemente significar, perto das possessões americanas da Hespanha.

DIMAS

Lendo das *patecas* achei escrito, que não eram ellas as *balancias* de Africa, e parece-me que nisto vos enganaes, porque aqui me dixeram homens criados e nascidos em Azamor, e outros em Tanger e Arzila, que sam as mesmas as *balancias* de Africa, como as *patecas* da India.

ORTA

Eu não disse que era deferente huma fruta da outra, porque pera julgar isto, avia de conhecer ambas as frutas, e eu nunca vi a de Portugal; mas disse que se podiam enguanar nisso, porque a mata destas *patecas* he muyto deferente da que dá os melões de Portugal, e tambem as *albudiecas*, e *sandias* de Castella sam deferentes das *patecas* da India. Eu me remeto ás pessoas que viram humas e outras*.

DIMAS

Tambem aveis de acrescentar mais no *pao da China* o que me delle escreveram; e he que se dá onde o semeam arri-mado a arvores, assi como a *era*.

ORTA

Eu creio isso, pois que volo escrevem testemunhas de vista**.

DIMAS

Esta mézinha, que vos quero dizer aguora, he muito necessaria, porque he contra a peçonha, e trála das bandas de Malaca hum homem letrado, vosso amigo, que vós mui bem conheceis.

ORTA

Se he o homem com quem falaveis o outro dia, quando fomos visitar aquelle fidalguo, bem sei que mézinha he. E

* Sobre esta questão das *patecas* e *sandias*, veja-se a nossa nota (II, 144).

** A *Smilax China* é effectivamente uma planta trepadeira.

porém não ousarei escrever della, sem vós primeiro me dizerdes o que tendes nella visto, e o que ouvistes dizer della; porque se formos duas testemunhas, ajuntadas com a publica voz e fama que dessa mézinha ha nas bandas de Malaca, darlheemos autoridade.

DIMAS

Já sei que vistes isso, pellos signaes que daes.

ORTA

Eu não a vi, mas seu dono me dixe que era huma pedra contra a peçonha, e que estava em vossa mão, e que como fosse á sua nola amostraria, e mais me dixe a feiçam da pedra, e que lhe foi dada em Malaca em grande estima; a qual pedra se acha em Pam (terra confirm e acheguada a Malaca)* e achase metida no fél do porco espinho, e a gente da terra a tem em grande estima.

DIMAS

Sabeis em quanta estima; que outra que se achou irmã desta foi mandada dessas terras ao conde de Redondo, visorey da India; e nesta terra de Pam onde se acha a *pedra bazar* em muyta cantidade, ou, ao menos, em mais cantidade que esta, he esta, como diguo, mais estimada que a *pedra bazar* de que antes escrevestes.

ORTA

Eu não me lembro aver lido desta *pedra do fel do porco* alguma cousa, e por isso queria saber della alguma experiencia.

DIMAS

Pois eu vos darei rezam e experiencia.

* Pam, as terras na costa de leste da península de Malaca, moderadamente Pahang, ou melhor Páang.

ORTA

Muyto me prometeis.

DIMAS

Pois sabei que já me dixestes, praticando na *pedra bazar*, que diziam os Mouros da Persia, que em tres cabos se achava a *pedra bazar*, convem a saber, no Coraçone, e na ilha das Vacas (perto do cabo do Comorim) e em Pam, que he vesinho de Malaca, e que a erva que pasce o gado nestas partes he toda de huma maneira; e que por esta causa os carneiros e os bodes criam no estamaguo esta pedra, que val contra a peçonha: ora pois nesta mesma terra se acha esta pedra no fél do porco espinho, e a gente da terra conhece a vertude della; he conforme á rezam que se não enganem. E quanto he á esperiencia, eu a dei a duas pessoas, ás quaes aviam dado peçonha; e estando muyto mal della, dandolhe eu a agua desta pedra se acharam muito bem. Ora vedes como compri comvosco e vos dei a rezam de a pedra ser contra peçonha, e a esperiencia, como a esprementei.

ORTA

A isso não ha que dizer senão, está tudo muyto bem dito; e dandome Deos dias de vida, eu a esprementarei muytas vezes, porque a peçonha he acostumada muyto nesta terra.

DIMAS

Aguora a quero mostrar ao doutor Ruano, e vedela aqui.

RUANO

A cor della he vermelho craro, e achoa amarguosa no guosto, e ao tocar he como sabam frances, e asi he languida; he necessario que nos diguaes, como a esprementastes, se foi em sustancia, se em vertude.

DIMAS

Deiteia em agua, onde esteve um pouco, e deilha a beber; os quaes confessavam que lhe amarguava aquella agua, e porém que ficavam com o estomaguo rijo e confortado.

ORTA

Tudo isso he verdade, porque o homem cuja he esta pedra me disse, que elle provou a aguoá della, e que lhe amar-gou, e porém que ficou muyto contente do estamago, e não fora máo que dereis esta pedra em alguma aguoá cordial.

DIMAS

Não avia ahi outra aguoá aparelhada tam asinha, e avia periguo na tardança.

ORTA

Eu sam muito satisfeito desta pedra, e se viver saberei della mais.

RUANO

E eu queria aver huma, pera levar a Portugal.

ORTA

Se me vier á mão, eu vola darei, mas não me parece, porque nam ha tantas como isso; porém o tempo que descobre tudo, a descobrirá; e certamente que vos devem muyto os fisicos desta terra, pois a esprementastes: porque, por mais mézinhas que aja contra a peçonha, mais sam necessarias; e tambem parece ser que em Roma teria esta pedra muyta valia (3).

 NOTA (1)

O licenciado Dimas Bosque era hespanhol, natural de Valencia, e havia talvez começado os seus estudos medicos em uma das universidades da Hespanha, Salamanca ou Alcalá; mas em todo o caso completou-os na universidade de Coimbra, pois elle proprio nos diz (vol. 1, pag. 13) ter ouvido ali as lições do doutor Thomaz Rodrigues da Veiga.

Foi para a India, segundo parece, no anno de 1558, acompanhando o vice-rei D. Constantino, irmão do duque de Bragança. Ía na qualidade de medico particular da sua pessoa; mas, como geralmente succedia, exerceu ali as funcções de physico mór, intervindo officialmente nos negocios e assumptos da sua profissão. Vê-se, por exemplo, de um requerimento do boticario Balthazar Rodrigues, que o vice-rei D. Cons-

tantino, «tomando verdadeira informação com o Licenciado Dimas Bosque e outros officiaes», havia mandado emendar uma tabella de preços das drogas. Embora Dimas Bosque não seja claramente nomeado por physico mór, é claro do documento que elle exercia aquella função.

Passado algum tempo, Dimas Bosque, sendo provavelmente rico, e tencionando talvez estabelecer-se na India, adquiriu ali uma propriedade. Um certo Jorge Vaz de Magalhães, almoxarife da ribeira e armazem de Goa, havia morrido, ficando alcançado com a fazenda publica; e fez-se uma penhora nos seus bens moveis e de raiz. Entre estes possuía elle uma ilha, chamada de Santa Cruz, dos lados de Goa a velha— não o que hoje chamam a velha Goa, que então estava em toda a sua prosperidade, mas a Goa antiga, na parte sul da ilha, fronteira ás terras de Salsette. Postas em leilão as propriedades do fallecido almoxarife, a 4 de setembro de 1561, foi arrematada a pequena ilha de Santa Cruz «ao Licenciado Dimas Bosque, Fisico mór de Sua Alteza nestas partes», pela quantia de 1:560 pardaus de tanga. A ilha de Dimas Bosque ficava, como dissémos, da parte de Goa velha, isto é, no rio Zuari, hoje chamado ás vezes rio de Mormugão. Era uma verdadeira ilha, pois o documento tem o cuidado de explicar, que estava «cercada d'agua por totalas partes»; e tinha dentro um palmar de perto de quinhentos coqueiros, algumas outras arvores de fructo, e umas casas terreas. D'esta ilha lhe falla no *Coloquio* Garcia da Orta, perguntando-lhe se os seus hortelões contaram alguma cousa nova do *betre*.

Dimas Bosque, como tambem elle proprio diz no *Coloquio*, acompanhou D. Constantino na expedição a Jafnapatam, na extremidade norte da ilha de Ceylão, empreza brilhantemente começada e terminada com menos felicidade, da qual Diogo do Couto dá uma relação circumstanciada, que não será necessario recordar. O medico valenciano era, como nos diz, unico da sua profissão na grande armada portugueza, e teve muito que fazer n'aquella expedição, pois nas demoras em Jafnapatam e na ilha de Manaar adoeceu muita gente de dysenterias. Parece ter sido um medico zeloso e intelligente, fazendo ali as suas observações sobre os *marmelos de Bengala*, de que fallaremos em outra nota; e tambem o estudo de um animal interessante, facto que recordaremos brevemente, por ser pouco conhecido.

Foi o caso, que andando elle na praia como costumava, conversando com o padre Henrique da companhia de Jesus, foram ambos chamados a toda a pressa por uns pescadores, para que vissem um espectáculo maravilhoso: . . . *cum clamoribus piscatores Patrem Henricum ad suas ut iret scaphas rogantes, spectatum ingens miraculum naturæ*. Acabavam de cair nas redes dezeseis cetaceos, nove femeas e sete machos, da curiosa especie, chamada *dugong*—**Halicore indicus**, Cuvier. Dimas Bosque examinou-os e estudou-os attentamente. Notou a forma redonda da cabeça; as orelhas parecidas com as do homem; os

olhos muito diversos dos dos peixes, e cobertos por palpebras; os dentes, igualmente diversos dos dos peixes; as mammas das femeas semelhantes ás da especie humana: *neque eas feminis pendulas, sed quales virginibus globosas*. Apertando aquellas mammas, o medico observou tambem que deitavam leite branco. Examinou igualmente os orgãos genitales, e advertiu que se pareciam muito com os da especie humana, tanto exterior como interiormente, por onde se vê que se não contentou com a inspecção externa e procedeu a disseccções. Nos membros posteriores é que se observava a principal differença em relação ao homem, pois terminavam em uma cauda de peixe, tal qual como os auctores antigos contavam das sereias. Embora sahisse um pouco do nosso assumpto, pareceu-me curioso desenterrar esta noticia, que se acha perdida nos volumosos in-folios da *Historia da sociedade de Jesus*. Por ella se vê, como Dimas Bosque estudou, muito antes de Buffon e Cuvier, e mesmo de mais antigos escriptores, por exemplo Camper, aquelles singulares cetaceos dos mares da India, proximos do *manatus*, ou *peixe mulher* da Africa. Claro está, que o seu estudo não foi comparavel como dos grandes naturalistas, que nos occorreu citar; mas não deiza por isso de ser interessante, attendendo sobretudo ao periodo em que o fez.

Os *dogongs* não são raros nas aguas de Ceylão, e assim como serviram provavelmente de typo ás *sereias* dos antigos escriptores, é possível que influissem igualmente na creação das *râkchasis*, as mulheres malfazejas e cannibaes, em parte terrestres, mas tambem, segundo parece, aquaticas, que figuram em algumas lendas buddhicas relativas justamente a Ceylão.

Voltando, porém, a Dimas Bosque, devo dizer que nada sei da sua vida posterior. Vê-se que elle não regressou a Portugal com D. Constantino, porque este entregou o governo em setembro de 1561, e justamente poucos dias antes o seu medico havia comprado a ilha de Santa Cruz, o que seguramente não faria no momento da partida. Alem d'isso, este *Coloquio*, em que elle figura, foi de certo escripto pouco antes da impressão do livro, sem duvida já nos fins do anno de 1562.

(Cf. Rivara, *Archivo portuguez-oriental*, fasc. v, parte II, 505 e 877; Couto, *Asia*, VII, IX, 1, 2, 3, 4 e 5; Orlandino, *Hist. Soc. Jesu, na Pars secunda* do padre Francisco Sacchino, lib. IV, pag. 162; Tennent, *Ceylon*, II, 557; Vasconcellos Abreu, *Fragments de Estudo Scolastico*, pag. 51, Lisboa, 1880.)

NOTA (2)

Os *marmelos de Bengala* são o fructo da especie *Ægle Marmelos*, Corrêa da Serra (*Crataeva Marmelos*, Linn.), uma arvore da familia das *Aurantiaceæ*, ou da familia das *Rutaceæ*, na qual se funde

hoje geralmente a primeira. Esta arvore parece ser espontanea nas florestas de algumas montanhas da India, e é, alem d'isso, cultivada ali com muita frequencia.

—O nome «bela» ou «beli» é muito conhecido, e vem citado por varios escriptores modernos nas fórmas *bela*, *beli*, *bél*, *bael*. A fórma *bél* parece ser hoje a mais usada em hindustani e bengali.

—O nome «cirifole» encontra-se no *Index* de Piddington, na fórma *shreephula*, applicado a uma variedade menor da mesma especie. A *Pharmacographia* tambem o menciona como um nome hindustani, na fórma *siri-phal*; e no *Amaracocha* encontrâmos श्रीफल, *sriphala*, entre os synonymos do *Ægle Marmelos*¹.

Está arvore é sagrada para os indianos, e, na sua interessante noticia sobre as plantas consagradas ao culto, o dr. Lisboa diz-nos que ella representa a trindade hindu, Bhrama, Vichnu, e Mahecha ou Síva, mas é especialmente empregada na adoração de Síva. É por isso cultivada em todos os jardins da India, considerando-se um sacrilegio arrancar-a ou destruil-a.

É tambem medicinal, e, sob o nome de *vilya* ou *bilya*, vem mencionada em muitos livros sanskriticos, sendo uma das dez plantas ou *dasamula*, varias vezes aconselhadas n'aquelles livros, e, entre estas, uma das cinco maiores, *vrihat pancha mula*.

As folhas e a casca têm variados usos therapeuticos; mas são sobretudo os fructos, imperfeitamente maduros, que gosam da reputação de um remedio efficaz na diarrhea e na dysenteria. Depois de Dimas Bosque e de Garcia da Orta, Bontius tambem os descreveu sob o nome de *malum cydonium*, e louvou o seu effeito: *indubitatum est remedium adversus dysenterias*. Apesar de este medicamento ser assim conhecido e celebrado na India desde os mais antigos tempos, só recentemente attrahiu as attensões dos medicos inglezes, sendo incluido em 1868 na *Pharmacopœia of India*, e ainda depois, segundo creio, na *British Pharmacopœia* (cf. Dymock, *Mat. med.*, 139; *Pharmac.*, 116; Piddington, *Index*, 2; *Amaracocha*, 86; Lisboa, *Useful plants of the Bombay presicleny*, 285; Bontii *Hist. nat.*, 98).

A planta, que foi descripta pelo nosso botanico portuguez, Corrêa da Serra, creador do genero *Ægle*, e tambem por Roxburgh e por outros, corresponde de modo bastante exacto ás indicações dadas por Orta, sendo de notar a casca dura do fructo, e a consistencia extremamente glutinosa da sua polpa interior, «glutinosa e pegadiça», como diz o nosso escriptor (cf. Corrêa da Serra, *Trans. Linn. Soc.*, v, 222; Roxburgh, *Flora Indica*, II, 579).

¹ Nas *Asiat. Researches*, II, 349, se diz que se chama *shreephula*, porque nasceu do leste de Shree ou Sri, a deusa da abundancia.

NOTA (3)

No *Coloquio quadragesimo quinto*, Orta fallou de um *bezoar* de Malaca e terras proximas, que devia ser identico ou muito semelhante ao verdadeiro *bezoar* da Persia e ilha das Vacas, como recorda n'este *Coloquio*. Outros escriptores, por exemplo, Teixeira, mencionam igualmente aquelles *bezoares* de Malaca e mais terras de leste, como analogos aos da Persia, ainda que de qualidade inferior.

A *pedra de Malaca*, ou *pedra de porco*, era uma cousa muito diversa, comquanto fosse tambem o calculo intestinal de um animal. Parece que esta *pedra de Malaca* é aquillo que Guibourt descreveu, pelos exemplares pertencentes á eschola de pharmacia de Paris, sob os nomes de *bezoard fauve* ou *bezoard ellagique*, e considera como sendo calculos intestinaes — e não do fel — de um animal não determinado, mas provavelmente de um roedor, ordem a que pertence o porco espinho. Pedro Teixeira, que falla largamente d'esta pedra, pretende ter visto o animal em que se creava, e assegura ser um porco espinho: *por ver si los animales que crian estas piedras convenian con el nombre, hiçe, estando en Malaca, traherme uno de Syaka (uma terra proxima) y allé que es un puerco spin sin diferencia alguna de los communes*. O medico hollandez Bontius affirma ter tido em seu poder duas d'aquellas *pedras de puerco*, tiradas, a mais pequena de um porco espinho, e a maior de um porco bravo ou javali: *unum parvulum ex Hystrice, alterum ex Apro, excisum*. É, porém, difficil saber se elle averiguou com cuidado a procedencia. Kämpfer descreveu tambem a *pedra de porco pretiosa malaccensis*, distinguindo-a de uma *pedra de porco* falsa, que vinha de Ceylão. Não sei se elle se pronunciou sobre a natureza do animal que a produzia, pois não tenho n'este momento á minha disposição o seu livro. Em resumo, a *pedra de Malaca*, ou *pedra de porco*, ou *pedra de porco espinho*, era um calculo intestinal, como o *bezoar*, mas de um animal diverso.

Gosava de uma grande reputação no Oriente, superior mesmo á do verdadeiro *bezoar*, e Pedro Teixeira affirma que a viu obrar maravilhas nas duas grandes epidemias de *cholera* em Cochym, nos annos de 1590 e 1591. Não admira que se lembrassem de a applicar ao tratamento do *cholera*, porque estas doenças epidemicas e de marcha rapida eram geralmente — e não sem rasão — assimiladas a um envenenamento. A *pedra de porco*, como o *bezoar*, foi sobretudo considerada um *antidoto*, e são curiosas as ultimas palavras de Orta, e aquella allusão a Roma, que no xv seculo fôra a terra classica dos Borgias e do veneno.

(Cf. Guibourt, *Hist. nat. des drogues simples*, iv, 105; Teixeira, *Relaciones*, 161; J. Bontii *Hist. nat. et med.*, 48; *Pharmaceutische Post*, xxv, (1892), 20).

COLOQUIO DO BETRE E OUTRAS COU-

SAS EM QUE SE ENMENDAM ALGUMAS FALTAS DE TODA a obra, as quais ficaram por esquecimento, e pode as o leitor ler acabados os colloquios da letra B, que he no colloquio do betre*.

INTERLOCUTORES

RUANO, ORTA

RUANO

Pareceme, senhor, que nos esqueceo falarmos do *betre*, pois he tam acostumado a comelo a gente de todas estas partes, somente a vossa merce o não vi comer, nem provar; e disme a gente desta casa que nunca volo viram comer. Parece ser que, ou sois muito pertinaz, ou em vós ficou a fé de portuguez somente.

ORTA

Eu pera mim tinha que já a pratica do *betre* era acabada, mas pois a minha memoria he tam fraca, perdoaime este esquecimento com outros muytos, que por mim podiam passar. E quanto he a não o comer eu, nam he isso prova de não ser elle muyto bom, senão de minha pertinacia, como vós dizeis; porque eu provei este *betre*, quando vim de Portugal, em Pangim, que he huma fortaleza pequena, que está na boca do rio, e amargoume, e assi amargua a todos os que o comem, se lhe nam misturam *areca*, e alguma pouca quantidade de *cal*, e com esta mistura dizem ser muyto saboroso çumo, e a mim me ficou desta prova tal avorrecimento, que nunca pôde acabar comigo o Nizamoxa que o comese, quanto mais tomalo da boca da mulher como muitos o fazem (ainda que sejam portuguezes); porque nenhuma mulher conversa com homem, que o não leve mastigado na boca.

* Pelo facto de Orta emendar n'este *Coloquio* «algumas faltas de toda a obra», pareceu-nos melhor deixal-o n'este lugar, e não o inserir na sua ordem alphabetica.

RUANO

Nam lhe mesturam outra cousa alguma mais que o que dixestes?

ORTA

Misturamlhe *cate*, e as pessoas poderosas *canfora de Burneo*, e alguns *linaloes*, e *almisquere* ou *ambre*.

RUANO

Canfora me parece que lhe não lançaram, porque faz os homens inpotentes.

ORTA

Si, misturam: e disse se ria o gram soldam Bahadur, rey de Cambaia, dizendo: E dirmeis os portuguezes que este-reliza e faz inpotentes os homens esta *canfora*? E eu lhe respondi que a *canfora*, em pouca quantidade, misturada com outras mézinhas, não faz os homens inpotentes, e porque, nos colloquios que tratam da *canfora* e da *areca* e *cate*, vireis estoutras mézinhas, nellas vos não falarey, aqui somente vos digo do *betre*; o qual, feito com esta mistura, he tam aprazivel ao gosto e faz tam bom cheiro, que todos o mastigam continuadamente; porque muyto pouco tempo passa, que o não mastigam os que o podem gastar. E digo isto, porque no sertam e terras afastadas do mar, val muyto caro e por esta causa gasta o Nizamoxa cada anno em elle 30 mil cruzados, porque toda a fruta que vos dam he essa; e quando vos querem dispidir, com isso vos despedem; e gasta cada hum deste *betre*, como pode; e tambem os senhores cada hum segundo seu merecimento; e ás vezes o dá elrey por sua propria mão, e a outros pella alhea, que é o pagem delle, quem chamam *xarabdar*, e outros *tambuldar*. Só duas pessoas vi que avorreciam este *betre*, e o não podiam comer; e eu sam hum delles, e outro era um fisico arabio de Nizamoxa, que avia nome Mula Ucem.

RUANO

Muytas pessoas vi que o não comiam?

ORTA

Verdade he; mas podiam o essas pessoas comer, se quisessem; eu não o posso comer, nem tenho apetito pera elle. E prezamse tanto os Indios disso que, porque o *betre* tem humas veas ou nervos ao longo da folha, tomam huma folha na mão, e tiram-lhos com a unha do dedo pollegar, a qual não tem romba ou redonda, como nós, senão com huma ponta aguda no meio, que pera este effeito fazem; e assi dobram a folha, e lhe misturam a cal em pouca quantidade, e *areca* em pedaços, ou moida, e, dobrada a folha tres ou quatro vezes, a mastigam; e o primeiro çumo lançam fóra, o qual he de cor de sangue. E algumas pessoas não fazem isto, senam tudo mastigam logo, e tomão depois outras folhas pella mesma maneira feitas; e o ordinario disto he quando despedem alguma pessoa, ou se ella despede por si, dam-lhe, scilicet, folhas em uma bolsinha de tafetá com alguns grãos de *arequa* e *cate*, e huma pouca de cal amasada; e esta cal não lhe faz mal, porque he em pouca quantidade; e mais porque a cal que se dá he feita de ostras queimadas polla mor parte. Já lhe dixee que, segundo a pessoa que o dá, ou a quem o dam, assi he o numero das folhas; porque os principes que despedem alguma pessoa, ou ella se despede, nam se parte até que lhe não deem o *betre*, e com isto se vam, que é o sinal de se despedirem.

RUANO

Muyto usada cousa he essa, e parece que he o principal mantimento da terra. E ha o em todas as partes? E quando he o tempo mais usado pera o mastigar?

ORTA

Principalmente quando vam os homens falar a alguma pessoa de qualidade o levam mastigando na boca, por fazer bom cheiro; e he entre elles tam avorrecido cheirar mal o bafo, que se falam os menores com alguma pessoa de autoridade, tem a mão adiante da boca hum pouco afastada por lhe não dar máo cheiro; e asi a mulher que ha de tratar

amores, nunca fala com o varam, sem que o traga mastigado na boca primeiro, e assi tem ellas que para as vodas de Venus he principal alcoviteiro; e depois de comer, toda a pessoa desta terra o come ou mastiga, porque dizem, que, não o fazendo, lhe vem o comer á boca, e arevesam. E muytos Portuguezes dizem que, como comem peixe logo arevesam senão comem *betre*; e dizem muytos, que as pessoas acostumadas a o comer lhe cheira mal o baffo se o não comem por a indigestam ou putrefaçam do cibo causada no estomago; porque o não comiam, e quando o comiam não a tinham. Este *betre* nam o comem alguns dias os que perderam pay ou may, e assi o não comem em alguns grandes jejuns; e tambem os Mouros, e os chamados Moalis, que sam os que seguem a Aly, em dez dias que elles fazem jejuns, porque estes filhos de Aly, dizem elles, que morreram de sede, cercados em huma fortaleza*. E nisto contam mil fabulas graciosas, ou dignas de se rir dellas, e deitamse no cham, e não comem este *betre*. E quanto he o que dizeis onde o ha, digo que em todas as partes da India sabidas dos Portuguezes; e isto se entende nas terras que estão perto do mar; porque em todo o mais do sertam não o ha, senão trazido da fralda do mar. He verdade que em Dultabado (cidade famosa de Decam), e em Bisnagua o ha, mas destas cousas se não faz regra, por ser em pouca quantidade. Pera as partes da Persia e da Arabia não chega mais que até Calaiate (distante de Ormuz oitenta legoas), e dahi ávante vai algum de carroto muyto caro aos que o podem comprar; e outros mastigam *areca* com *cardamomo* ou *cravo*.

RUANO

Queria saber da feiçam da arvore; posto que a folha a vi; e como se chama, e qual he o melhor, e pera que aproveita em uso da fisica?

* Os imams, os doze filhos de Ali Hucein, netos de Ali, o ultimo dos quaes, El-Mahdi, ainda não morreu e deve vir a reinar na terra, segundo crêem os Schiitas, a que Orta chama Moalis.

ORTA

O nome em malavar he *betre*; e em decani, guzarate e canarim, *pam*; e em malaio *ciri*.

RUANO

E como tomam o nome malavar, e deixáram aos outros? Porque mais rezam fora que lhe chamáramos *folium indum*, como nós temos que he, ou chamarlhe, como em Goa lhe chamão, scilicet, *pam*.

ORTA

Chamamoslhe *betre*, porque a primeira terra dos Portuguezes conhecida foy o Malavar: e a mim me lembra que não diziam em Portugal que vinham á India, senão a Calecut; e isto porque esta cidade foy donde se levava toda a droga e especiaria ao estreito de Meca; e era huma requisissima esqala; e agora, em vingança do que nos fizem em Calecut, he perdido o trato todo delle. E sendo o rey de Calecut emperador, tem menos poder que o de Cochim, porque nos ajudou em principio; de modo que todos os nomes que virdes, que não sam portuguezes, sam malavares; assi como *betre*, *chuna*, que he cal, *maynato*, que he lavador de roupa, *patamar*, que he caminheiro, e outros muytos. E ao que dizeis que se chama *folium indum*, não se chama assi em nenhuma lingoa; e o *folium indum* he muyto deferente delle. E Avicena faz capitulo de hum e de outro separado.

RUANO

Muyto espantado estou, porque sempre tive que *folium indum* era mais conforme nome pera o *betre*.

ORTA

Eu tive esse vosso error quando cheguei á India, e dahi a alguns dias foy ver o Nizamoxa a quem vulgarmente chamão Nizamaluquo: querendolhe fazer huma composiçam pera o estamago lho receitei, e dizendo que *folium indum* era o que mastigava cada ora, se rio de mim, porque entendeo aquella palavra de *folium indum* em portuguez e entoncos amostrou o Avicena em arabio, onde estavam dois capitulos

diferentes hum de outro, scilicet, o *folium indum*, duzentos e cinquenta e nove, e o do *betre*, setecentos e sete*, e ali me mostrou o *folium indum*; e porque no capitulo do *folium indum* fizemos delle mençam, não o meteremos aqui; somente sabeí, que Avicena chama ao *betre*, *tambul*, e parece ser vocabulo hum pouco corrupto, porque todos lhe chamão *tambul*, e não *tembul*.

RUANO

Afóra dizelo hum rey, não tendes outra prova; porque ainda que se digua comummente palavra de elrey he proverbio, não quer dizer, que não mentem os reys, senão que nunca aviam de mentir, pois sam reys.

ORTA

Tenho os dous capitulos diversos de Avicena; e perguntaí a qualquer Arabio ou Etiope, como se chama o *betre*, e dirvosá *tambul*; e diz o mesmo Avicena, que conforta a carne que ha entre os dentes, e sempre o mastigam os Indios pera isso; e abaixo diz mais, conforta o estomago; e por isso o mastigão sempre os Indios.

RUANO

Não sei que diga a tam fortes sinais, com que o pinta Avicena; e pera isso quero ver o livro, porque, como dizem, ver e crer.

ORTA

Eis aqui o livro dos enmendados pello Belunensis.

RUANO

Assi diz, mas tenho duvida em dizer, que he frio no primeiro, e sequo no segundo.

ORTA

Está corrupta a letra; e os Mouros todos leterados dizem que foy enganado Avicena na compreisam, e que falou nisto

* Na traducção latina, edição de Rinio, o capitulo do *folium indum* é 259, e o do *tembul*, 709; adiante, Orta mostra a Ruano uma d'estas edições, com as emendas do Bellunense.

por falsa informaçam; e não he muyto daremlha má; porque o povo erra muitas vezes nestas gradações, que tem a *pimenta* e o *cardamomo* e a *cebolla* por frias de compreisam. E quanto he ao *betre* ser quente e sequo no fim do segundo, eu o tenho assi pera mim, por ter tal sabor e cheiro; e assi he proveitoso pera mais cousas na fisica; o qual vós sabereis por as compreisões que tem.

RUANO

Dizei a feiçam da folha, e se tem semente, e como se planta, e qual he milhor.

ORTA

A feiçam da folha, como vedes, he ser mais comprida e mais estreita na ponta, que a da lorangeira: e temse por milhor o mais maduro, que he casi amarelo; postoque algumas mulheres folgam mais com o que não he tam maduro, porque lhe trinca, e soa mais na boca. Tem este *betre* em Maluquo huma semente trocida, como rabo de lagartixa, e esta comem em Maluco*, porque a acham mais saborosa e milhor, e já esta semente foy trazida a Malaca, e comemna e achama muyto boa, e plantase como a pereira, e poelhe alguma estaca, a que se arrime e vay por ella trepando, assi como a nossa era: algumas pessoas, por fazer mais proveito a arrimão ás arvores da *pimenta***, ou da *arequeira*, e fazem humas graciosas ramadas delle: querse muito bem tratado e muyto limpo, e bem agoado.

RUANO

Tendes dito muyto bem; queria saber se o tendes por certo.

* Os amentilhos femininos, filiformes, com as flores imbricadas, dispostas em espiraes, é o que significa este «rabo de lagartixa». Não sei por que Orta diz, que dava esta «semente» em Maluco, quando a podia ver na India; mas é possível que não florescesse com muita frequencia.

** Quer dizer ás mesmas arvores a que arrimam a *pimenta*, que é igualmente uma trepadeira.

ORTA

Digo que todos os que vos escreveram o contrario, antigos e modernos, erraram; porque diz o Musa e o Pandecta* que he *malabatrums* e isto he alheo da verdade: no colloquio que falla do *folio indo*, vereis tudo ser falso no que elles dizem. E cavalguemos, e mostrarvosey o *betre* nas hortas (1).

RUANO

Em tanto me dizey algumas cousas, que vos esqueceram, ou tem necessidade de declaraçam.

ORTA

No capitulo do *aloes* digo, que o *aloes* e outras muytas mézinhas de cá da India vam a Ormuz, e dahi a Adem e ao Cairo: hase de emmendar, que este caminho não he de bom piloto, senão hase de dizer, que o que vay a Ormuz, vai dahy a Baçora, e ao Cairo; e o que vay a Adem, vay dahy ao Cairo e Alexandria, e não o de Ormuz; porque he andar o caminho duas vezes. E portanto eu falei isto, sem o considerar bem**. E tambem me lembra que o *arvore triste*, que estilam a agoa delle, molhando os panos nella, he boa pera os olhos.

RUANO

Dizemme que ha muyta *canela*, e muyto boa na ilha de Mindanao.

ORTA

He muyta verdade; e tambem a ha nas ilhas de Aynão, que confinam com a China, que he donde vai a *areca* e *betre* á China: por tanto podeis acrescentar isso no capitulo da *canela****.

* Matheus Sylvatico, o que escreveu o *Liber pandectarum medicinae*.

** Veja-se a nota (vol. 1, pag. 39). Ainda n'esta emenda vae envolvida uma inadvertencia, pois o que ía a Hormuz e Bassora passava d'ali á Syria e não voltava ao Cairo.

*** A *Cassia lignea* do Extremo Oriente; veja-se a nota (vol. 1, pag. 226).

RUANO

Sabemme tam bem as cousas da *jaca*, que queria que me dixeseis se aproveita pera alguma cousa mais.

ORTA

Seivos dizer, que aproveitam as castanhas da *jaca* pera estanquar as camaras: e em mim e em outras pessoas o tenho experimentado. E nam he muito, considerando a feiçam do sabor dellas; podeislo acrecentar no capitulo dellas*. E assi podeis acrecentar, onde falo na torre de Babilonia, e digo que não he Bagada nem Baçora: tenho por enformaçam muito certa que a torre de Babilonia, ácerqua da gente da terra era em hum monte perto della; mas neste monte não aparece pedra nem ladrilho, nem cousa alguma, somente a fama he que foi aly; e ainda que estas cousas não relevam muyto, o podeis acrecentar**. E onde falo do *morbo galico*, que os Persios lhe chamam *bade frangi*, que na nossa lingua quer dizer *mal francez****.

RUANO

E esses homens da Persia não vos dizem alguma cousa mais da *pedra bazar*?

ORTA

Dizem que he agora muyto guardada nas terras onde a ha, e que fazem muitas diligencias pera que todas vam ter á mão de elrey, e que se fazem coutadas della, assi como ha em Espanha, e em toda a christandade se fazem****. E da pe-

* Veja-se antes (II, 23).

** Veja-se a nota (II, 97).

*** Veja-se a nota (II, 116).

**** Coutadas das regiões em que se encontrava a cabra selvagem. Teixeira diz quasi o mesmo: *Xa Abbas Rey de Persia tiene guardias en aquel lugar para que las piedras que tuvieren mas de un cierto peso las tomen por suyas.*

dra de Malaqua me não pergunteis, porque cada dia acho novas de mais louvores della, heide screver isto, se me Deos der dias de vida.

RUANO

E tambem, pois me parece tão galante este *olho de gato*, que me destes, que* aveis de dizer alguma virtude delle.

ORTA

Posto emcima delle hum panno apertado de modo que chegue ao *olho de gato*, não se queima com fogo algum, e eu o esprementei com huma candeia e achei que he muyta verdade; podeis esprementaló, ou credelo**.

RUANO

Tudo farey; e mais vos peço que comamos aquelle *pavão*, que agora vos troxeram, porque dizem que é carne, que não apodrece. E isto não he fabula, porque alem de o dizerem Plinio e outros estoriadores, o diz S. Agostinho; e he em tanta maneira isto verdade que alguns doutores, no Regimento da peste, louvam muyto a carne do *pavão*, por não ser aparelhada á putrefaçam.

ORTA

He verdade que tudo isso passa assi; porém he esta terra (como muytas vezes vos tenho dito) tam sujeita á putrefaçam que não dura o *pavão* mais sem apodrecer do que dura a *perdiç*, e isto tenho eu esprementado muytas vezes.

RUANO

Será isso nesta fralda do mar, mas não dentro na terra firme, que não he tam humida como esta, e he mais fria nos tempos frios, segundo mo todos dizem.

* Deve ser «me».

** Não é muito facil crer n'esta experiencia do nosso bom Orta.

ORTA

Antes lá no Balagate comy mais *pavões* que em nenhum cabo, em special na cidade de Juner, que he cercada de seras e he terra fria; e de industria quis esprementar isto, e achei que apodrecião mais, que cá em Goa; e por tanto podeis crer, que essas propriedades que lhe lá achão, não lhas achamos cá; e os que screveram isso de lá dessa Europa, disseram verdade; e nós dizemos verdade, falando nesta terra do que conhecemos*.

RUANO

Lendo ontem em uma coronica, que me mostrou este moço de elrey de Portugal, achei no cabo hum tratado de muytas misturas de cousas, que em seu tempo vio este scriptor; e achei ahi que no reino Dely avia huma raiz muyto peçonhenta que matava, e tinha uma fruta que dava saude a todo o homem empeçonhento, e que era muyto saborosa; a raiz se chama *baçaraga*, e a fruta se diz *mirabixi*: muito me maravilho de vós não escreverdes disto**.

* Orta emenda Santo Agostinho com todas as precauções oratorias; mas não deixa de o emendar. A referencia do grande bispo africano á *carne de pavão*, vem na *De civitate Dei*, cap. iv.

** Orta refere-se á *Miscellania* de Garcia de Rezende, na parte que damos, com a sua nota marginal:

A raiz se
chama Ba-
çaragua, e
a fructa mi-
rabexi.

No reyno de Deli ha
arbores daquesta sorte,
que a raiz é tão má
peçonha que se se dá
a comer dá logo morte;
a fructa tem tal virtude,
que comendo dá saude
a todo peçonhento,
he fructo muy estimado
com que se á peçonha acude.

Foi publicada com a 2.^a edição da *Chron. de D. João II* (1554); e temos assim mais um livro citado pelo nosso escriptor.

ORTA

Esse reino Dely he muyto pouco conversado de nós outros; pois pera falar de ouvido tratamos com huma gente, que chamam *jogues*, que o que oje dizem, amanhã o negão, e he gente que vive pedindo esmola, como já vos dixee; eu isso nunca o ouvi, e conversey com muytos, e nunca me tal disseram; mas pareceme isso contra toda boa philosophia, porque da raiz se mantem o tronco, e do tronco se mantem os ramos, e dos ramos se mantem a fruta; de modo que do primeiro até o derradeiro a fruta que he contra a peçonha se mantem da raiz, que he peçonhenta a respeito do mesmo homem: e sendo, assi a raiz como a fruta, mézinhas simples, he contra rezam dizermos que he retificada a fruta. Isto que dixee foy porque a triagua, sendo o seu principal fundamento vibora peçonhenta, he retificada com outras sessenta e tres mézinhas, e está muyto tempo primeyro que seja retificada, mas estoutra não traz caminho por onde possa ser.

RUANO

Se andais per philosophias, cada dia achamos plantas e sementes, que tem em diversas partes compreisões contrarias; assi como he a *zargatoa*. E de algumas arvores se diz cá na India, que a raiz estilada he a aguo a muyto fria, e a casqua e a semente muyto quente. E tambem me dixeram homens de Malaqua que a erva que mata, untada nas fré-chas, he de uma banda de huma arvore que olha o levante confeçoada; e contra erva me dixeram que se fazia da mesma arvore, da banda que olha o ponente.

ORTA

Estas materias dos simples não se querem tratar com tanta subtiliza, nem he necessario pera ellas tantas philosophias, porque tudo tem resposta; que nam he muito huma planta ser na raiz fria, e nas folhas e fruta quente; pois em nenhum cabo delles tem a qualidade em summo gráo; mas que seja huma cousa na raiz venenosa, e na fruta cibo ou comer,

e comprehendido debaxo do genero que se pode chamar nutritivo, e o veneno é totalmente contrario a isto; porque o veneno em si não tem rezam de nutrir, senão de matar. E ao que dizeis que a contra erva de Malaqua, e a erva com que são empeçonhentas as fréchas, sam ambas de huma arvore, he muyto falso isto, porque a erva he huma raiz, e não erva; e isto he muyto sabido. E por tanto deixemos isto pera quem o melhor souber; porque eu vos prometo que ey de tirar grandes inquirições, como me topar com esses *jogues* do reino Dely. E crede que, se Deos me der dias de vida, que vos ey de falar verdade, ou ao menos será ella bem examinada (2).

RUANO

Pois tendes, polla via de Ormuz, conversaçam com os Mouros da Persia, dizeime destas *rosas persiquas*, que asi as chama Avicena, e nós lhe chamamos *açuquare rosado de Alexandria*; e se tem cá os da Persia estas *rosas* por solutivas, pois nós achamos ser assi, scilicet, das que lá foram levadas e plantadas.

ORTA

Mézinha he muyto usada acerqua dos moradores da Persia e de Ormuz, e pera hum homem se purgar levemente, tomão rosas em boa quantidade e cozemnas muyto, e deste cozimento dam a beber dez onças com hum pouco de açuquare, e fazem cinco ou seis camaras, e outros dez e doze. E hum fidalgo muyto honrado me dixे que fazia mais de doze, e he este fidalgo tam dureiro, que anda hum mez sem fazer camara. Mas falando a verdade, os homens a quem dei esta mézinha por menorativo, nunca os vi passar de seis camaras.

RUANO

Folgo muyto de saber isso que me contaes; e porém duvido em huma cousa, que he coseremse muyto as rosas tendo a vertude muyto superficial, como a tem todas as outras flores.



ORTA

Já ao menos temos experiencia, nas rosas, em contrario; quanto mais que as rosas sam estitiquas e purgam comprimendo; por onde não he de maravilhar soffrerem as rosas muyto cozimento, como todas as outras cousas estitiquas (3).

NOTA (1)

O *betre* de Orta e dos portuguezes d'aquelles tempos, hoje mais habitualmente chamado *betel*, é a folha de uma planta trepadeira da mesma familia e genero das que produzem as *pimentas*, o **Piper Betle**, Linn. Esta folha foi e é de uso muito commum e muito conhecido nas terras do Oriente. Como é natural, tendo um emprego geral e espalhado por varias regiões, a planta e folha foi designada por muitos nomes diversos:

—O de *betre*, ou *betle*, ou *betele*, ou *betel*, é a adaptação portugueza do tamil *vettilei*, maláyalam *vettila*, que se diz significar simplesmente a *folha*, isto é, a folha por excellencia. Como Orta adverte com rasão, os primeiros portos visitados pelos portuguezes foram os do Malabar, e ali, em Calicut, e depois em Cochim e Coulão, elles aprenderam os primeiros nomes indianos, e alguns arabes, das drogas. De *vettila* fizeram, pois, *betele* ou *betre*, que se transformou mais tarde em *betel*.

—O nome de «pam» é o hindustani e deckani پان *pán*, o mais usado nas regiões do norte da India, e que os anglos-indianos escrevem hoje geralmente na fórma *pawn*.

—O nome arabico, tanto nos escriptores antigos como na linguagem corrente, é تانبول, *tanbul*, que Orta escreve «tambul». Como muitos outros nomes de drogas, é a simples adaptação arabica de um nome sanscritico ताम्बुली, *tāmbūli*. Aquella designação arabica foi a primeira que os portuguezes ouviram em Calicut aos mouros d'ali; e — como logo veremos — deram á herva ou folha do *Piper Betle* o nome de *atambor*, que é simplesmente التانبول, *at-tanbul*.

—O nome malayo é «ciri» como diz Orta, ou *sirih*, como hoje geralmente escrevem.

A folha do *betre* forma a parte essencial de um masticatorio, muito usado na India, Ceylão, Archipelago, e em geral no Oriente. Mistura-se para isso com talhadas da *noz de areca* (vol. I, pag. 328 e 334), imprópriamente chamada ás vezes *noz de betel*, alguma *cal*, *cate* (vol. II, pag. 69), e tambem *canfora*, *linaloes*, *almiscar* e *ambar gris*, substancias bem conhecidas e de parte das quaes Orta já tem fallado nos seus *Colo-*

quios. Este uso é tão geral, e constitue um habito tão caracteristico dos orientaes, que quasi todos os viajantes o tem mencionado, e limitarnos-hemos a citar o que diz o companheiro de Vasco da Gama, um dos primeiros portuguezes que o observou. Na entrevista do Gama com o rei de Calicut, este

«..... tinha á mão esquerda huma copa d'ouro muito grande d'altura de um póte de mêo almude, e era de largura de dous parmos (palmos) na boca, a qual era muito grossa ao parecer, na qual talha lançava bagaço de humas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam atambor; e da banda dirreita estava um bacio d'ouro quanto hum homem podêse abranjer com os braços, em o qual estavam aquellas ervas

Da mesma circumstancia faz menção Gaspar Corrêa, e outros dos nossos escriptores, entre elles Camões:

Bem junto d'elle hum velho reverente
Co'os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.

Merece ainda ser citada, pelas falsas idéas que envolve, a menção de Varthema. Diz elle que o sultão de Cambaya comia algumas folhas da herva, chamada *tambor* (*che alcuni chiamano tãbor*), juntamente com cal de ostras e outras substancias; e, quando as tinha bem mastigado, assoprava na cara da pessoa que queria matar, de modo que esta em meia hora caía morta por terra (*per modo che in spatio di mezza hora casca morta i terra*). É um exemplo, entre muitos, das noticias phantasistas d'este celebre viajante. O uso do *betre* é, pelo contrario, inoffensivo para as pessoas que o mastigam, e com muito maior rasão para as outras. O nosso Orta indica mesmo, e é esta a opinião geral no Oriente, que aquelle uso tinha justamente o fim de tornar o «bafo» sadio e perfumado.

Orta toca de novo n'este *Coloquio* na confusão geralmente feita em periodos anteriores entre o *betre* e o *folio indo* ou *malabathrum*, questão que elle já debateu, e nós explicámos largamente em outro logar (vol. I, pag. 343 e 351), e sobre a qual nada será necessario acrescentar agora.

O *betre*, de que naturalmente se fazia um largo consumo, constituia um dos rendimentos importantes da India portugueza, pelo systema conhecido dos arrendamentos, isto é, dos monopolios de venda concedidos a certas e determinadas pessoas, mediante o pagamento ao estado de uma somma fixa. A «Renda do betel», comprehendendo o direito de vender *betel*, *areca*, *jacas*, *gengivre*, *laranjas*, *limões*, etc., andava annexa á «Renda da ortalica», direito de venda de *rabãos*, *bre-*

dos, alhos, cebolas etc.; e foram ambas arrematadas no anno de 1549-1550, por 5:300 pardãos por anno na ilha de Goa, o que equivale a perto de 52:000.000 réis da nossa moeda e valor de hoje. Pelo nome da renda se vê, como o *betre* devia ser a mais importante das mercadorias mencionadas. Em Baçaim, em Diu, e outros pontos, tambem o *betre* andava arrendado em quantias importantes, posto que muito menores.

Sobre esta «Renda do betel» se faziam os pagamentos ao bispo, dignidades da Sé e outros eclesiasticos; mas, de uma carta do rei a D. Duarte de Menezes no anno de 1585, se vê que a dita renda havia diminuido muito, e já não chegava bem para o pagamento d'aquelles ordenados; é verdade, que os ordenados tinham augmentado.

(Cf. Dymock, *Mat. med.*, 727; Yule e Burnell, *Glossary*, v. *Betel e pawn*; Ainslie, *Mat. Ind.*, II, 465; *Rot. da viagem de Vasco da Gama*, 59; *Lusiadas*, VII, 58; Varthema, em Ramusio, *Navig.*, I, 157; *Tombo do Estado da Índia*, 48, nos *Subsídios*; *Arch. Portuguez-oriental*, fasc. 3.º, 38.)

NOTA (2)

Deixaremos sem commentarios, que os não necessitam, as «philosophias» do nosso escriptor ácerca de physiologia vegetal, que em globo assentam sobre idéas muito racionaes, posto que n'um ou n'outro ponto se lhes poderiam fazer alguns reparos.

Como elle, de passagem, menciona a *triaga* e as sessenta e tres mezinhas com que retificavam a sua base de «vibora peçonhenta», damos, a titulo de simples curiosidade, uma das formulas d'aquelle celebre medicamento, reduzindo-a á simples enumeração dos ingredientes. Esta fórmula complicada remata bem as nossas notas, dedicadas aos velhos simplices e drogas, pela maior parte já fóra de uso. Eis a fórmula:

«*Rec. trochiscorum squillæ, et trochisc. viperæ, et trochisc. piperis nigri, et opii boni, et allii sylvestris, et rosarum rubearum siccarum, et seminis rapi sylvestris, et iridis illiricæ, et agarici, et succi liquiritiæ, et olei balsami, et cinamomi, et myrrhæ, et prasii, et croci, et macropiperis, et zinziberis, et calamenthi, et petroselini, et pentaphilon sylvæstris, et reubarbari, et costi amari albi, et stœchados, et piperis albi, et pulegii, et floris squinanthi, et glutinis alimbat, et olibani, et cassiæ, et nardi indicæ, et anisi, et storacis liquidæ, et siseleos, et spicæ celticæ, et seminis ameos, et chamæpithyos, et chamædryos, et hypoquistidos et folii, et epithymi, et fu, et meu, et seminis apii, et seminis fœniculi, et luti albaira, et colcotar assati, et amomi, et hypericon, et acori, et carpobalsami, et acaciæ, et gumi arabici, et cordumeni, et galbani, et opoponacis, et serapini, et bituminis judaici, et centaureæ, et aristolochiæ rotundæ, et castorei, et ozimi fluvialis, et chie, et dragaganthi, et arthanite, et aristolochiæ longæ, et seminis hyusquiamei albi.*»

NOTA (3)

As *rosas persicas* vermelhas, que, acabâmos de ver, formavam um dos ingredientes da triaga —*rosarum rubearum siccarum*—, foram um medicamento conhecido e classico, e parecem ser uma variedade da **Rosa Damascena**, Miller, cultivada na Persia e outras partes do Oriente. Um contemporaneo do nosso Orta, o celebre medico hespanhol Nicolao Monardes, escreveu um pequeno tratado ou artigo sobre as suas virtudes e propriedades medicinaes, intitulado *De Rosis persicis seu alexandrinis*, que poderá ver o leitor, desejoso de mais amplas informações (cf. Monardes, em *Exoticorum*, 48).

Da mesma *Rosa Damascena* procede o *oleo, otto*, ou *attar* de rosa, o conhecido, celebre e caro perfume, ainda hoje fabricado na Persia, e principalmente na Turquia.

TABOADA DO CONTEUDO NESTE LIVRO
pelo A B C, scillicet das cousas de notar

	Vol.	Pag.
AÇAFRAM chamado na India açafram da terra, e he mézinha usada dos físicos desta terra, e provase que escrevem della Avicena e outros Arabios.....	I	278
ALLAQUECA ha muyta cantidade della em o Guzarate, e he mercadoria pera as partes do ponente	II	222
ALOES tem nome em todas as linguas, e o melhor he de Çocotora acerca de todos, e não he melhor o de cima que o de baixo, se se faz limpamente; nem se falsifica com acacia e gomma arabica, e dizse a maneira de se conhecer, e dizse como nam o ha em Alexandria pera delle se fazer caso, e dase a rezam por que se chama çabalino o ruim; e he mézinha muyto usada de todos os Indianos; e a herva do aloes tambem usam della pera purgar, e pera as chagas dos rins e bexiga, e pera quebraduras.....	I	25
— a erva do aloes amarga muyto em todas estas partes, e quanto se ha de tardar o cibo sobre ella; e porque se mudaram as pirolas de Rufo e as de Rasis; e porque o aloes mesturado com mel purga menos; e porque por dentro he solutivo, e por fóra restringe.....	I	33
— aloes metalico não o ha em Jerusalem como alguns escrevem.....	I	34
O ALJOFRE e PEROLAS tem nomes em todas as linguas, e dase rezam porque se chamou aljofar, e porque se chamou perolas orientaes; e como esta pescaria da India he decorada com os padres e hirmãos da companhia de Jesus; e como as perolas das Indias occidentaes valem cá mais que em Espanha; e como nam ha perolas furadas cá, nem verdes, como dizem que as ha em Peru, e de tudo isto se trata	II	119
ALGARVES que quer dizer e onde sam.....	I	78
APILIDOS dos reis e senhores desta terra, e o que querem dizer, e como foram os reis expelidos, e como ficou a casta delles.....	I	122
ARABIS sam huns Mouros, e Magarabis outros, e o que querem dizer estes nomes.....	I	78

* Conservamos sem alteração a taboada da primeira edição, a não ser nas referencias ao volume e pagina.

O AMBRE se chama assi em todas as linguoas, ou varia muyto pouco; dizemse as opiniões que ha do seu nascimento, e contase huma muyto conforme á rezam; dizse dos grandes pedaços que delle se acharam, e o grande preço em que he tido na China.....	I	45
DO AMOMO se diz donde vem a esta terra, e como o estimão em muyto os reis, pera fazer metridato, de que usam.....	I	59
O ANACARDO ha muyto nesta terra, e he muyto usado na fisica, e presume-se ser diverso do de Cecilia, e uzase pera muytas enfermidades na India.....	I	65
O ARVORE que se chama triste não dá froles, senão de noite, e cheira muyto, e contase delle algumas fabulas graciosas..	I	69
ANIL que cousa he, e donde ha mor cantidade delle, e asi se fala dos ambares, que he huma fruita azeda.....	I	86
ASSA FETIDA de quantas maneiras seja, e assa doce não he alcaçus, e serve nesta terra pera temperar os comeres, e he hum cibo muyto medecinal nestas partes, e muyto usado.....	I	75
ALEPO he cabeça da Suria.....	I	202
—foy senhareado de Abraham e pôese a derivaçam delle..	II	297
AVICENA donde foy e em que linguoa escreveo.....	I	77
BABILONIA, a antiguo, não he o que agora chamamos Baçora, nem he o que chamamos Bagadá.....	II	93
BAÇAIM, cidade delrey nosso senhor, tem em si cousas de notar	II	340
BADAJOS cidade de Castella, se ha de chamar Guadajoz.....	II	85
BANEANES sam os genosofistas, que guardam o costume de Pitagoras, e tem espirital de passaros pera os curar.....	II	104
BANGUE que cousa he, e como nam he amfiam nem linho alcanave; e pera que se toma, e como se faz.....	I	95
BENJOIM tem nomes em diversas partes, e donde o ha, e pera onde o levam; e da feiçam do arvore, e de quantas maneiras o ha; e como se mestura hum com o outro.....	I	103
OS BRINDÔES, scillicet, a sua casca aproveita pera tingir, e pera fazer vinagre.....	I	117
BALAGATE o que quer dizer; e como o Gate he huma serra diferente das outras.....	I	121
BERILO ha muyta cantidade em Cambaia, e Pegu e Ceilam, e fazemse delle grandes peças.....	II	199
AS BOUBAS quando vieram á Europa.....	II	107
CANCAMO he anime e dizse delle.....	II	37
CALAMO AROMATICO nam o ha senam na India; he mézinha muyto uzada dos Indianos pera os homens, e pera cavallos; nam se chama aromatico, por ser cheiroso; e ahi se trata tambem das Caceras.....	I	141

	Vol.	Pag.
CAM he vocabulo corrupto, porque ha de dizer ham, que quer dizer rei acerca dos Mogores.....	I	123
CANFORA he de duas maneiras; de Burneo e da China, e de muy diferentes preços; e como se falsifica ás vezes, e dos nomes que tem, e da sua compreisam; e ahi se trata das carambolas, fruta indiana.....	I	152
CHOARIS são uns Gentios, que vieram da Persia, e tem diversa supristiçam, da que tem o gentio de Baçaim.....	II	342
CANELA e CASSIALINEA e CINAMOMO tudo he huma cousa, e nam differem em mais, senão em ser boa ou má; nam a conheceram os Gregos, nem a ha na Etiopia, e tem nomes em diversas linguoas, e foy levada pellos Chins pera o ponente; pôese a derivaçam dos seus nomes, e como não ha cinamomo alipitino.....	I	201
CASSIA FISTOLA ha em todolas partes da India, e tem nomes acerca de todolas linguoas; e as vacas nam a pascem, por onde he falso dizer que as camaras da India vem por sua causa, pois os arvores sam tam altos.....	I	193
CARBUNCULO he toque dos rubins.....	II	218
CARDAMOMO ha mayor e menor na India, e dizse como se semea, e qual he melhor, se o maior, se o menor; e como o autor descobrio esta mézinha, com algumas historias do que nisso o autor passou; onde se trata da feiçam e da cor das carandas.....	I	173
CRAVO contase delle o nacimiento, e como nam o ha senão em Maluco; não he mézinha conhecida dos Gregos, ao menos de Galeno: e contase de outra fruita redonda, que ha na ilha de S. Lourenço, que cheira como cravo, assi contase como veo a ser conhecido dos Malucos.....	I	359
CEILAM he huma das melhores ilhas do mundo.....	I	216
CHINS sam muyto sutis e letrados e usam muyto de justiça; davam as leis a esta terra; damse lá grãos; a arte da empre-sam foy lá sempre.....	I	260
—dos Chins ficou huma pedra em Cochim, que levou elrey de Calecut, e pôla em Repelim, onde se coroava, a qual tomou Martim Afonso de Sousa per guerra, e a poz em Cochim	I	205
CHEIROS sam muyto gastados na India, porque a gente da India he muyto enclinada a elles, que deixam de comer pera gastar em cheiros.....	I	71
COLES foram primeiro senhores de muyta parte do Balagate, e aguora vivem de roubos.....	I	119
O ÇOFI ou SOFI não he o Xatamaz, nem o Xaismael, senão foy o seu capitam principal.....	I	124

COLERICA PASSIO, chamase na India morxi; mata em 24 oras; pōese os sinaes della, e a maneira de curar dos Indios, e nossa em casos que aconteceram ao autor	I	261
CRISOCOLA OU TINCAL vem do Chitor, ou do Mandou	I	277
CRISOLITA PEDRA ha no Balagate, e em Ceilam, e na costa de Choromandel	II	222
COSTO ha somente na India, e não em outro cabo; vem de Chitor; he a principal mercadoria pera a China e Malaca; e pera as partes do ponente em pouca quantidade; não ha custo doce e amargo senão for corrupto, nem he verdadeiro custo o que não for trazido da India	I	255
O COQUO tem nomes em todas as lingoas; poese os sinaes da arvore, e muytas cousas pera que aproveita; e como as cascas não aproveitam pera os paraliticos, como alguns disseram; do olio do coquo pera que aproveita; e como escreveram desta mézinha os Arabios, e dos erros que tiveram outros escritores nelle	I	234
CAIRO se chamou assi por causa de huma rainha assi chamada	II	324
CUBEBAS não foram conhecidas dos Gregos nem he carpesio, nem mirto silvestre, sam muyto usadas dos Mouros em fisica, e cozemnas na Jaoa, porque nam se deem em outro cabo	I	289
CURCAS sam huns inhames pequenos, provase escreverem dellas os Arabios, e dizse os nomes que tem	I	279
O DIAMAM he precedido da esmeralda e do rubi em igual quantidade e bondade, porque as pedras preciosas não tem o preço somente polla virtude, senam polla falta e bom parecer dellas; e he usado em fisica acerca dos Gentios; e não he peçonha o pó delle, nem nace na mineira do cristal, porque o cristal não no ha cá	II	195
—o diamam se quebra não tansómente na bigorna mas com um martello pequeno; e o sangue do bode nam o faz mais brando, que he falso dizer que o quebra, e achase maior muyto que uma avelan, e nam sam vigiados das serpentes, nem ha mister carne confeçoada pera lhes dar	II	199
—os diamães não tem roca em Espanha, nem em Arabia nem em Chipre, como dizem alguns autores; e a pedra de cevar traz o ferro, presente estando qualquer diamam; e posto debaixo da cabeçeira da mulher, não dá sinal da sua bondade e malicia; e os diamães muito finos, esfregandoos se apegam hum ao outro, e trazem a palha como os alambres	II	202

Vol. Pag.

- Dio foy entregue a Martim Affonso de Sousa, estando lá com pouca gente, e depois foy defendido duas vezes por nós com muyto esforço II 339
- Os DURIÕES he huma fruita muyto gabada nas bandas de Malaca e põese a feiçam della e do arvore I 297
- DATURA he huma mézinha venenosa, que causa riso e prazer, e poe-se a feiçam della, e a cura e os sinais I 295
- Do ELEFANTE não se uza em fisica mais que dos dentes, porque os outros ossos e as unhas se deitam por ahi, contra Paulo Egineta; e contamse estorias verdadeiras e muyto graciosas dos elefantes, e os nomes que tem nas terras donde os ha, e em nenhuma se chama barro, contra Simam Genoes I 303
- gastase cada ano na India pasante 6000 quintais de marfim; e contase huma supresticam que tem os Baneanes de Cambaia, por onde se gasta tanto marfim I 305
- contamse as enfermidades dos elefantes, e como se curam, e como tomam bem as lingoas, e assi se conta o ajuntamento do macho com a femea, e como deferem pouco do dos outros quadrupedes; e põese a maneira de os amansar, e provase terem memoria porque se lembram das emjurias recebidas I 308
- A ESMERALDA não emtra no letuario de Gemis, senão a turquesa; provase isto evidentemente II 220
- esmeralda ha muytas contrafeitas de vidro, e ha outras que não sam verdadeiras, nem as do Peru tem cá por verdadeiras II 221
- ESPIQUENARDO tem nomes diversos, e não val tanto como valia antigoamente, e por isso se não falsifica, e nace o espique perto do rio Ganges, e nelle se lava todo o gentio, e paga por isso meo pardao; e o verdadeiro nace na India, e não na Siria, e dáse a rezam por que se enganavam nisso II 291
- ESPIQUE não he suspeito por fazerem delle piso, que he peçonha, nam ha tal cousa II 296
- ESPIQUE ALIEP he o espique que vai de Alepo, avendo vindo primeiro da India II 296
- ESPIQUE SATIECHE he espique de Satigam, porto famoso de Bengala II 297
- ESPODIO não se ha de chamar assi senão tabaxir, por escusar equivocaçam, que foy causa de muitos erros II 302
- o espodio nam se faz das canas semelhantes ás nossas, nem o cinzento he pior II 303
- ESQUINANTO pasce todo o gado em Calaiate e Mascate, terras da Arabia perto de Meca por terra II 311

ESQUINANTO tem pouca frol, e essa que ha nam vem á India; nem o ha na terra dos Nabateos, nem em Jerusalem, nem he calamo aromatico, nem galanga	II	315
O FAUFEL, que he areca ou avelan da India, come a gente misturado com o betre, e he rectificativo delle, e conforta o estamago, e aperta as gengivas, e dizemse os nomes delle nas terras donde o ha.....	I	325
Os chamados FIGOS DA INDIA sam escritos pellos Arabios, e cada anno se plantam de si mesmos; ha os em muytas partes todo o anno.....	I	329
Os FISICOS INDIANOS tem enganos e cautelas em suas maneiras de curar os enfermos.....	II	140
FRANGUE quer dizer cristam do ponente, e frangistam quer dizer cristandade, e frangui quer dizer boubas; e tudo isto se prova.....	II	107
GALANGA não foy conhecida dos Gregos, e ha de duas maneiras, scilicet, na China e na Jaoa, e ambas se dam em Goa, e nenhuma he o acoro nem a raiz do esquinanto.....	I	354
GENGIBRE tem muitos nomes nesta terra; e dáse a rezam porque em verde não he tam quente; e porque se cobre com barro; e como se faz em conserva, e de que terra he melhor	II	5
GRANADAS ha as no Balagate, e na costa do Malavar e Choramandel, e he rubi preto	II	216
GUADALUPE se empretará Rio do amor e não Rio de lobos	II	85
GUAIACAM pao foy degradado da India, porque matava os homens com fome.....	II	261
Da HERVA contra as camaras; chamada herva de Malavar, dáse a rezam porque se chama assi, e dizse como se faz, e qual aproveita mais, e de que compreisam he, e qual he mais forte mézinha; e doutra maneira de curar camaras, segundo os da Arabia; dizemse outras cousas peraque aproveita, e huma estoria, que aconteceo ao autor com hum fisico malavar; e assim se conta de outra erva, que se não deixa tocar....	II	13
JAMBOS, JAMBOLÕES, JACAS, JANGOMAS sam frutas da India boas pera ver.....	II	23
JACINTOS ha no Balagate em muyta quantidade e na costa do Malavar.....	II	216
INDIAS chamadas occidentaes não são propriamente Indias; e dáse a rezam por que esta terra he chamada India.....	II	107
O LACRE tem nomes em arabio e persio, e nas terras onde nace, e a rezam por que se chamou locsumutri; e como he falso o dizer que as formigas o criam na vasa em paos pequenos, que lhe antes punham, porque antes se cria em huma certa		

Vol. Pag.

- arvore, onde as formigas ás vezes lavram, a qual não he semelhante á murta, antes he huma arvore grande..... II 29
- O LACRE não foy conhecido de Avicena, nem tem a virtude do carabe, nem he o cancamo de Dioscorides; e em muytos cabos estam os nomes corruptos; nem o arvore onde se cria he nespereira ou sorveira..... II 31
- ha verdadeiro lacre na India, e verdadeiro cancamo, e não he do arvore do benjoim..... II 34
- o lacre val muyto menos do que valia, porque se achou nas terras do Turco outras tintas semelhantes..... II 38
- o lacre não o ha em Ceilam, que he hum breu pera calafetar navios, e dizse por que se mudou o nome dos Pegus, que era trec..... II 37
- O LINALOES se sabe delle o arvore, ainda que com perigo dos que vam buscalo, por causa dos muytos tigres; e Galeno não o conheceo nem o ha na Arabia; nem he bom dizer que se gasta por falta de encenso; decrárase os nomes das terras, donde dizem que nace, e descobrese a causa dos errores donde naceo; nem no ha em Cantão, nem em toda a China, nem o cosem nas terras donde nace, como dizem comumente..... II 49
- não vem do paraíso terreal, e ha muyto nestas terras, posto que o bom e grande val muyto, e não vem pollos rios abaixo, senão em pouca quantidade, nem he falsificado com a camelea, pois a não ha nestas terras..... II 53
- o linaloes he sujeito a putrefaçam, mas nam tanto segundo o amago; e os Portuguezes não cortam as arvores (como dizem), nem ha tanta quantidade delle; e o mais fino chamase calambac..... II 59
- O LICIO que chamam na Europa chamase na India cate; he mézinha muyto usada dos Indios; fazse de hum pao muyto pesado; he mercadoria pera Malaca e pera a China, e he millhor o da India, que o da Licia; e põese a maneira como se faz, e as maneiras de fazer este licio nas outras terras; não sam tam faciles de haver como levando de cá da India, e por falta do indiano se hade gastar o de Licia e não pello contrario como dizem..... II 71
- A MAÇA como he feita, e a que se parece o arvore que a dá, e como emcima della ha outra casca, de que não fazem caso, senão pera conserva de açucare; e Galeno, nem os Gregos conheceram esta mézinha..... II 81
- MANGAS podem competir com as melhores frutas da Europa, e as frutas de espinho da India excedem as da Europa; sam

- de compreisam fria e humida contra o povo indiano, e os caroços aproveitam pera os fluxos. II 99
- MANNÁ ha de tres maneiras, e huma dellas se parece com a de Calabria, e a que chamam tiriamjabim se corrompe muyto nesta terra II 91
- MIRABOLANOS he nome inventado pollos trasladores, e não porque seja o mirabolano dos Gregos; poëse as especias dos mirabolanos e os nomes, e a causa de tudo; e não sam todos de huma arvore, como alguns dixeram, senão de cinco; servem de tingir e de curtir pelles, como çumagre; e não sam cá reitificados pollos fisicos, como em Portugal. II 151
- MANGOSTAM he fruta muyto saborosa feita como laranjas pequenas e he das bandas de Malaca II 161
- MIRRA se diz dela alguma pouca cousa donde vem, porque vem da Caldea, da qual lingoa ha nota II 353
- MUNGO he semente muyto conhecida nesta terra, e he cibo medicinal chamado por Avicena e pellos outros Arabios mex; ha tambem na Palestina, e contase huma estoria, que o autor passou com o sultão Badur, sobre a cura de Martim Afonso de Sousa, e outra que pasou com o Nizamoxa sobre a cura de seu filho, e decrarase hum dito de Avicena. II 139
- NEGUNDO he huma mézinha indiana resolutiva e mitigativa de dor; tem outro nome em Decanim, e outro em Malavar; he boa para chagas e inchaços, nam he agno casto, como alguns cuidaram. II 163
- NIMBO he huma arvore grande, cujas folhas pisadas sam muyto esprementadas, e he mundificativo pera as chagas das bestas e dos homens; tem huma fruta de que se faz hum azeite muyto medicinal. II 167
- Noz he fruita de huma arvore nacida em Banda, pôese ao que se parece; he mézinha não conhecida dos Gregos. II 81
- ODRES DE RINOCEROTES nem de camelos não os ha nesta terra, e pôese onde ha o rinocerote, e outro animal que parece unicornio, e dizse como este rinocerote foy levado a Portugal. II 74
- OLHO DE GATO o melhor he o de Ceilam, e dizemse delle suas propriedades, e val cá mais que em Portugal. II 222
- O OPIO se chama na India amfiam, faz os homens impotentés, e por outra maneira aproveita pera dilatar o jogo de Venus; o melhor he o do Cairo (que he o tebaico) e o mais usado he o de Cambaia, e de Adem; façe de semente de dormideiras brancas, e nam leva trovisco, nesta terra, nem o ha na terra donde se faz. II 181

	Vol. Pag.
OSTRAS que dam perolas sam de outra feiçam, do que sam as ostras que comemos.....	II 122
—as ostras e buzios que chamamos madreperola, se usa muyto dellas em cousas de policia, e assi se usa da tartaruga	II 123
PAO DE COBRA aproveita pera as mordiduras peçonhentas; e pera as lombrigas, bexigas, e sarampam; e pera a colerica passio, e pera as febres de difficultosa eradicaçam; e dizse como isto se veo a saber, em que se conta huma estoria verdadeira; e diz-se como este pao ha em muytos cabos, e outro de semelhante virtude em Jafanapatam.....	II 181
PATECAS he o que Avicena chama melam da India.....	II 135
PEIXE E LEITE tudo misturado não he tam defeso na India como Avicena diz.....	II 106
PECEGOS, nunca foram venenosos na Persia, nem agora o sam.....	II 250
PEDRA BEZAR he criada no estamago de hum carneiro ou bode, que ha no Coraçone, e no cabo de Comori e em Pam; e criase sobre huma palha, e falsificase algumas vezes, e aproveita pera totalas enfermidades venenosas, e pera a colerica passio, e pera lepra e quartãas; e tomamna os Mouros ricos e honrados duas vezes por anno, pera esforçar a natureza, e aproveita pera muyta cousa segundó se vê.....	II 231
PEDRA ARMENIA ha em Ultabado, cidade de Decam, e purga pouco.....	II 203
PEDRA SAFIRA não passa de mil crusados, e as milhores de todas sam as de Pegu.....	II 216
PEDRA DE CEVAR faz o homem ser mais novo, comendoa em pouca quantidade, ou feitas panelas della e fazer o comer nellas. E os que dizem que os que navegam de Calecut pera Ceilam levam pregos de pao nas naos, porque não as traguam os montes de pedra de cevar pera si as naos, he fabuloso; e assi dizer que a pedra de cevar não pesa mais com muyto ferro, que com pouco.....	II 204
A PEDRA criada no fel do porco espinho aproveita muyto contra a peçonha.....	II 383
PIMENTA não se cria senam ao longo do mar, e a maior quantidade de todas ha no Malavar, e na Çunda; e o arvore da pimenta se planta arimado a outro arvore, como a era; e cresce tanto como a arvore a que está arimado, e nasce em cachos como uvas, senão sam mais meudas.....	II 241
—da pimenta ha tres arvores distintos, e hum he da pimenta preta e outro da branca, e outro da longa; e assi nace em terras distintas, e não em huma só arvore, porque as terras	

donde se dá a pimenta preta sam muy longe daquellas donde se dá a pimenta longa, e a pimenta preta não nasce na raiz do monte Caucaso; põese os nomes della em todas as linguas, e em nenhuma se chama barcamasim; e os fisicos da India tambem erram na graduacão da pimenta, a que chamam fria; nem põem fogo ao mato pera afugentar as serpentes que a guardam.....	II	243
RAIZ DA CHINA como se soube	II	260
— a quantidade que na China se dá desta raiz, e que não se dê sem ser retificada, e tomase pera as chagas dos rins, e da bexiga, e pera os tísicos	II	263
— a raiz da China se toma nesta terra muytas vezes, por a terra ser quente, e nesta terra se tolhe o sal poucas vezes, e muytos homens no Balagate mesturam dragma e mea desta raiz moida e com mel mesturada.	II	265
— na China comem esta raiz cozida com carne, e aproveita pera os paralíticos, e pera todas as enfermidades dos nervos e juntas, scilicet, e pera alporcas, e aproveitou pera huma febre latica.....	II	267
O RUBARBO vem da China todo, e algum vem da provincia do Usbeque, e este he o que chamamos ravamturquino.....	II	275
— o ruibarbo que vai a Espanha pella via de Veneza he melhor, que o que vai da India por mar, porque apodrece; e gasta mais mez de mar, que hum anno de terra, e se dana muyto nas terras que estão perto do mar; e com o ruibarbo se curam os cavalos na Persia, e cá na India, e he muito boa mézinha.	II	276
RUBINS tem mineira e roca conhecida.....	II	217
RUMES diferem dos Turcos.....	I	32
SABORES nesta terra não ha mais que tres sabores, doce e azedo e amargo, e todo o sabor que lhe não sabe chamam amargozo.....	I	208
SANDALO BRANCO e VERMELHO e AMARELO em que terras o ha, e o sandalo vermelho em que difere do Brazil; e a feiçam do arvore do sandalo e a fruta e a frol que dam; e como não o ha senão na India, nem o ha em Calecut, senão o que he trazido de Timor, e das outras partes.....	II	281
O SANDALO AMARELO he todo hum pao, e não feito de branco e vermelho, e sandalo macharazi quer dizer sandalo amarelo	II	283
SANDALO chamado assi na ilha de S. Lourenço, não he verdadeiro sandalo, nem o sambaram he do Malabar, posto que os arvores do sandalo se dam em muytas partes, mas não cheira.....	II	287

- TAMARINDO põese como he feito o arvore do tamarindo, e como se faz em conserva, e como não he palmeira silvestre, nem os ha nas terras de Jamem, nem sam dateles tebaicos, nem tem feiçam delles; e os caroços do tamarindo não aproveitam pera cousa alguma, nem os ha em o Cairo, nem sam o fenicobolano dos Gregos, nem se falsificam os tamarindos da India. II 319
- O TURBIT dos Arabios nunca foy conhecido dos Gregos, senão dos Arabios somente; e he pao e não raiz, e não ha mister que o toque o mar, nace por si sem ser semeado; e por ter goma nam he melhor, porque a tem, por ser picado ou torcido; nem por ser preto he pior, senão fôr podre; nem se mistura com o gengivre por necessidade. II 327
- o turbit nam tem a folha semelhante á da ferula senam à da malva franceza, nem he semelhante à planta chamada aristis, nem he raiz cheirosa, nem esquentas quando a comem; nem val contra a peçonha, nem muda a frol tres vezes ao dia; nem he semelhante à planta dita arasentis, nem à hisiatis, nem aos murtinhos. II 335
- o turbit não he especia de esula nem he alipium, nem alipia, nem empola as mãos nem o rosto quando se colhe. . . II 337
- o turbit não he pituza, nem esula, nem tapsia. II 338
- THURE OU EMCENSO não o ha na India senão todo vem da Arabia, nem ao bom chamão macho, nem a gente da terra aceita a comparação que lhe damos dos testiculos, e tem feiçam das folhas da aroeira e todo o mais se gasta na China. II 351
- TUTIA da que usam em Espanha, como he levada da provincia de Tartaria, e fazse da cinza de hum certo arvore. II 359
- TURCOS sam deferentes dos Rumes, porque os Turcos são da Asia-menor e da provincia da Natolia, e os Rumes sam de Constantinopla e do seu imperio. I 32
- UZBEQUE he a provincia de Tartaria, e confina com a China. . II 92
- XÁ quer dizer rei na Persia, e xeque he defferente de xá, e o xaïsmael e o xatamaz, se chamam xá, que quer dizer rey por excellencia e os reis seus sujeitos se chamam paxá, que quer dizer pé de rey. II 93
- ZANGUE ZINGUI quer dizer, em persio e em arabio, Cafre ou Etio- pio, e Zingue quer dizer a terra dos Cafres. I 51

INDICE

COLOQUIO VIGESIMO SEXTO—Do Gengivre.....	5
COLOQUIO VIGESIMO SETIMO—Das Hervas.....	13
COLOQUIO VIGESIMO OITAVO—Da Jaca, dos Jambolões, dos Jambos e das Jamgomas.....	23
COLOQUIO VIGESIMO NONO—Do Lacre.....	29
COLOQUIO TRIGESIMO—Do Linaloes.....	47
COLOQUIO TRIGESIMO PRIMEIRO—Do Cate.....	69
COLOQUIO TRIGESIMO SEGUNDO—Da Maça e noz.....	81
COLOQUIO TRIGESIMO TERCEIRO—Do Maná.....	91
COLOQUIO TRIGESIMO QUARTO—Das Mangas.....	99
COLOQUIO TRIGESIMO QUINTO—Da Margarita.....	119
COLOQUIO TRIGESIMO SEXTO—Do Mungo e Melam da India.....	133
COLOQUIO TRIGESIMO SETIMO—Dos Mirabolanos.....	151
COLOQUIO TRIGESIMO OITAVO—Das Mangostães.....	161
COLOQUIO TRIGESIMO NONO—Do Negundo.....	163
COLOQUIO QUADRAGESIMO—Do Nimbo.....	167
COLOQUIO QUADRAGESIMO PRIMEIRO—Do Amfiã.....	171
COLOQUIO QUADRAGESIMO SEGUNDO—Do Pao da cobra.....	181
COLOQUIO QUADRAGESIMO TERCEIRO—Do Diamão.....	195
COLOQUIO QUADRAGESIMO QUARTO—Das Pedras preciosas.....	215
COLOQUIO QUADRAGESIMO QUINTO—Da Pedra bezar.....	231
COLOQUIO QUADRAGESIMO SEXTO—Da Pimenta.....	241
COLOQUIO QUADRAGESIMO SETIMO—Da Raiz da China.....	259
COLOQUIO QUADRAGESIMO OITAVO—Do Ruibarbo.....	275
COLOQUIO QUADRAGESIMO NONO—Do Sandalo.....	281
COLOQUIO QUINQUAGESIMO—Do Epiquenardo.....	291
COLOQUIO QUINQUAGESIMO PRIMEIRO—Do Espodio.....	301
COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEGUNDO—Do Esquinanto.....	311
COLOQUIO QUINQUAGESIMO TERCEIRO—Dos Tamarindos.....	319
COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUARTO—Do Turbit.....	327
COLOQUIO QUINQUAGESIMO QUINTO—Do Encenso e da Mirra.....	351
COLOQUIO QUINQUAGESIMO SEXTO—Da Tutia.....	359
COLOQUIO QUINQUAGESIMO SETIMO—Da Zedoria e Zerumbet.....	363
COLOQUIO QUINQUAGESIMO OITAVO—Das Cousas Novas.....	371
COLOQUIO do Betre.....	389
Taboada.....	407

INDICE ALPHABETICO

A

- abada, bada, rhinoceronte, 318. II. 80.
 Abd-er-Razzak, embaixador, 73.
 Abrahão. II. 297.
 Abreu (Antonio de), 370. II. 88.
Abrus precatorius. II. 130, 196.
 Abulfeda, 220.
 Abu Zeyd, 219.
 Abyssinia, 187. II. 325.
Acacia Catechu. II. 79; *A. Suma*, 76.
Acanthus, 300.
 açafão, 31, 70; — da India, 278, 283.
 achar, conserva, 66, 68, 185, 365. II. 5, 153, 159, 375.
 Achem, 17.
Achillea, 64.
Aconitum ferox. II. 298; *A. Napellus*, 298.
 acoro, 59, 141, 144-149, 355, 356.
 Acosta (Christoval). II. 21, 89, 168, 192.
 Acra, 39, 375.
 Adão, 331, 337; Pico de —, 217, 233; Ponte de —, 221.
 Aden, 39, 223. II. 173, 178.
 Adil Scháh de Bijapur. II. 97, 310.
 Acio de Amida, auctor do Tetra-biblos, 58, 151, 156, 162. II. 56, 368.
Ægle Marmelos. II. 386.
 Afghanistan, 88, 91, 315. II. 79, 94, 95.
 Africa, 188-190, 228, 336. II. 44, 78, 112.
 Agaçaim (passo de), 295, 299.
 agaloco. II. 56.
 agathas. II. 226.
 agno casto, 292. II. 164, 166.
 Agostinho (Santo). II. 206.
Agrimonia, 64.
 agua marinha. II. 227; — rosada. I. 35, 199, 242.
 aguila, 142. II. 48, 61, 64, 65; — brava, 50, 52.
 Ahmedábád (Amadabar), 268, 277. II. 18.
 Ahmednaggar, 39. II. 101, 287.
 Akbar, 148.
 Alá ed-Din Khiljy, 128, 133.
 Albuquerque (Affonso de), 89, 134, 139, 320, 370. II. 10, 11, 79, 126, 127, 176, 179.
 Albuquerque (D. João de), bispo de Goa, 15, 274. II. 124.
 Alcaçova (Fernão de). II. 259.
 alcaçuz, 76, 88.
 Alcalá de Henares, 352.
 Alcalá (Pedro de). II. 145.
 Alepo, 202, 216. II. 296, 297, 299.

- Alexandre ou Ezcader, 37, 317, 339.
 II. 107, 113, 114.
 Alexandria, 26-28, 39, 377.
 algalia, 71.
 Algarve, 78, 89.
Alhagi Camelorum. II. 95; *A. Maurorum*, 95.
 Ali ben Redhwan, 39.
 aljofar, 170, 206, 217, 223. II. 119-123, 126-131.
 Al-mamun, khalifa, 40.
 almecega, 35, 40, 366. II. 16.
 Almeida (D. Francisco de). II. 11, 41, 253, 254.
 almiscar, 71, 97, 159, 169, 170, 206, 223, 347. II. 29, 42.
Alôe, 36, 37; *A. abyssinica*, 37; *A. Perryi*, 37.
 aloes, 24-42, 83, 187, 223.
 aloes (páo de). II. 60-64, 66.
Aloëxylum Agallochum. II. 62.
Alpinia Cardamomum, 186; *A. Galanga*, 357; *A. officinarum*, 357.
 alsí, 96, 98.
 altiht, 75-78, 90.
 Aluf Khán, 128.
 alvará, para a impressão dos Colôquios, 3, 14.
 alvará relativo aos physicos indianos. II. 148.
 alvará relativo á pimenta. II. 256.
 Alvares (Sebastião), 371.
 alveitaria, 29.
 Amadabar, 256, 268, 277.
 Amarello (rio). II. 278.
 Amato Lusitano, 210. II. 44, 237.
 ambar, 36, 45, 47, 48, 55-57, 71, 97, 158, 328, 347.
 ambares, 87, 94.
 Amboyna, 251, 383.
 ameos, 142, 148. II. 14.
 America, 198, 226, 340. II. 44, 113, 129, 288.
 amethista. II. 221, 229.
 Ammiano Marcellino, historiador, 53.
 amomo, 59-63, 177, 187-190, 207, 224.
Amomum Zingiber. II. 9.
 Amoy, 167.
 Amr-ibn-el-Aci. II. 326.
 Amu-Darya, ou Oxus, 88. II. 97.
 Amurat II, 133.
Anacardium occidentale, 67.
 anacardo, 65-68.
 ananaz. II. 380.
Anchusa officinalis, 64.
 André Milanez, 311, 323.
Andropogon, 149; *A. laniger*. II. 316, 317; *A. Schoenanthus*, 317.
 anfião, 95, 97, 100. II. 171-175.
Angelica archangelica, 93.
 Angelo Palla (Angelus Palla Juventatiensis), 291, 293. II. 66.
 An-hsi (Parthia), 219, 230.
 anil, 68, 75, 86, 87, 93.
 anime, 37, 43, 44.
 anjuden ou angeidan, 75, 90.
 Antonio do Porto (Fr.), franciscano. II. 346, 347.
 Antuerpia. II. 258.
Aplotaxis Lappa, 267.
Aquilaria Agallocha. II. 61, 62.
 arabes, 31, 42, 187, 209, 293.
 Arabia, 228, 326, 335.
 arabica (gomma), 25.
 Aragão (Rebello de), 218.
 Aral, 91.
 Aravalli. II. 178.
 Arcadio (imperador), 210.
 arcebispo de Goa (D. Gaspar), 15.
Archangelica officinalis, 85, 93.
 archipelago Malayo, 114, 162, 163, 301. II. 86, 132.
 areca, 96, 187, 232, 325-327, 334. II. 69, 73, 78.
 arequeira, 334, 335.
 Aripo (praia de). II. 128.

- Aristolochia indica*. II. 189.
 Aristoteles, 28, 37, 43, 191. II. 36, 103, 113.
 armada hespanhola, 373.
 armada de Rumes. II. 89.
 armadas, 276.
 Armenia, 27, 178.
 Arriano, 220, 228, 318, 321.
 arroz. II. 371, 372.
 arruda. II. 7.
 arte de imprimir, 260, 270.
Artocarpus integrifolia. II. 26.
Arum indicum, 285.
 arvore triste, 69-72. II. 396.
 asa-foetida, 75-84, 88, 90-93, 103-105, 110.
Asclepias pseudosarsa. II. 192.
 Asia, 173, 256, 267, 282. II. 42, 112;
 — central. I. 219; — menor, 32, 41. II. 178, 179.
 Asia, entrada da inquisição, bulla, 15.
Asparagus, 64.
 assa dulcis, 104; — odorata, 103, 104.
 Assam, 284. II. 61.
 assucar. II. 308.
 Assyrios, 228.
Astragalus. II. 96.
 Astruc, medico. II. 116.
 Asuan. II. 227.
 Athayde (Tristão de), 373.
 atropina, 300.
 Auctuario, 290, 346, 358. II. 159, 335.
Aucklandia Costus, 267.
 Australia, 252.
 Ava. II. 42, 224.
 avacari. II. 17, 20.
 avelã da India, 325.
 Avenzoar (Abd-el-Malek ben Zohr), 48, 54, 58, 179.
Averrhoa Bilimbi, 170; *A. Carambola*, 170.
 Averrões (Abu-l-Walid Mohammed ben Rosch), 48, 54, 58, 78, 104, 157, 174, 290. II. 53, 82, 84, 285, 305, 324.
 Avicenna (Abu Ali Huçein ben Abdallah ben Sina), 28, 36, 39, 42, 55-57, 60-64, 75-78, 88, 149, 153-156, 158, 160, 163, 166, 179-181, 187, 207, 278, 283, 330, 343. II. 31, 32, 54, 86, 89, 91, 106, 143, 147, 150, 363, 365, 367, 394.
 awál, 55.
 Ayres (Diogo), 268.
Azadirachta indica. II. 168.
 azar, moeda. II. 45, 178.
 azevre, 25-29, 37, 38.
 azougue, 159, 169. II. 207, 360.
- B**
- Babel. II. 93, 98.
 Bab el-Mandeb, 228.
 Báber, 130, 317. II. 79, 80.
 Babylonia. II. 93, 97, 313, 397.
 Baçaim, 38, 74, 246, 326. II. 77, 328, 330, 340, 342, 348.
 Bacham (Batchian), 369.
 Badajoz. II. 85, 89, 372, 373.
 Baghdad. II. 93, 97, 397.
 Bahádur Schah (rei de Cambaya), 29, 97, 101, 120, 128-130. II. 140.
 bahar (baar, bar), peso, 113, 159, 165, 214, 376, 377. II. 282.
 Baillon. II. 278.
 Balaam, 362.
 Balagate, 121, 132.
 Balassia (Badakhshan). II. 225.
 Balk, 89.
Balsamodendron Myrrha. II. 356.
 Baltanas (Fr. Domingos de). II. 201.
 bambu. II. 302, 309.
Bambusa arundinacea. II. 307.
 bananas, 330, 335-341.
 bananeira, 336-340. II. 26.
 baneanes, 306. II. 52, 104-106, 110, 329, 342.

- bangué, 95-100.
 Barace. II. 252.
 Barbaria. II. 7, 83.
 Barbosa (Duarte), 56, 73, 114, 128, 189, 225, 316, 369. II. 63, 77, 129, 158, 177.
 Baroche. II. 178.
 Barreira (Fr. Isidoro de), 338.
 Barreiros (Gaspar). II. 373.
 Barreto (Antonio Moniz). II. 148.
 Barreto (Francisco). II. 77, 340.
 Barros (João de), 53, 54, 56, 127-129, 131, 132, 137, 188, 218, 220-222, 245, 247, 248, 285, 286, 369, 371. II. 19, 87, 111, 211, 252, 253, 255, 288.
 Fr. Bartholomeo, (Bartholomæus Urbevetanus), 291, 293.
 Barús (Bairros, Fansur), porto de Sumatra, 115, 153, 164.
 Bassora (Basra), 27, 39, 219, 283. II. 38, 92, 95-97, 397.
 bastão (do cravo), 363, 374, 375.
 Batecalá. II. 9, 26, 154.
 bazarucos, 381.
 Beadala, 205, 223, 231. II. 125, 235.
 Beatriz (Infanta D.). II. 229.
 Beduinos, 353, 356.
 Behar, 131, 315.
 beijoim, 84-86, 93, 103-116; — de boninas, 347. II. 34, 37.
 Beja (Diogo Fernandes de), 320.
 bela, bel. II. 375, 376, 387.
 Bellas. II. 216, 226.
 Belleau (Remy). II. 207.
 Bellon (Pedro). II. 299.
 Bellunense (André), 158, 283.
 Beluchistan, 88. II. 95.
 Bengala (El-rei de), 120. II. 154.
 ber, 118, 126. II. 30, 40.
 Berar, 134. II. 210.
 Berbera. II. 356.
 Berberia. II. 7.
 Berberis. II. 77, 79; *B. aristata*, 79.
 beriberi. II. 165.
 Berid (Kasim), (Verido, Veriche), 121-123, 135, 138.
 Bernier. II. 187.
 berylo. II. 199, 209, 221, 222, 227.
 betle (betete, betel), 80, 111, 184, 265, 325, 327, 328, 343, 351. II. 69, 78, 372, 389-396, 402-404.
 Beirut, 39.
 Biblia. II. 273, 354.
 Bider, 121, 133.
 Bijapúra, 133.
 Bijayanagar (Bisnaguer), 73, 198.
 bilimbeiro, 170.
Biophytum sensitivum. II. 21, 326.
 Birdword (Dr.) II. 109, 354.
 Birs-Nimrud. II. 98.
 bispado de Nossa Senhora da Assumpção da cidade de Malaca, 276; — de Santa Cruz de Cochim, 276; — de Goa, 276.
 Blandford. II. 189.
Blumea balsamifera, 168.
 Bocchus. II. 226.
 Boissier. II. 175.
 Bokhára (Bochorá, Bocora), 77, 89. II. 91, 97.
 bola (bol, vola), 28. II. 356.
 Bombaim, 268, 326, 335. II. 28, 356, 369.
 Boodt (Boecio de), 206-208.
Borassus, 246; *B. flabelliformis*, 232.
 borato de soda, 281.
 borax, 277, 281.
 Borba (Diogo de). II. 125.
 Bornéo, 164, 316. II. 128, 211.
 bornéol (agua de canfora), 163, 165, 166.
 Bontius (Jacob de Bondt), 275. II. 159, 165, 166, 387, 388.
 Bosque (Dimas), 15, 234. II. 146, 164, 186, 384-386.
Boswellia Bhau-Dajiana. II. 354; *B. Carteri*, 354; *B. thurifera*, 355.

- Botelho (Francisco Marques), inquisidor, 15.
 Botelho (Simão), 128, 246, 381. II. 128.
 Brahma. II. 112.
 brahmanes, 36, 100, 233. II. 104-106, 110, 139.
 Brahmaputra. II. 42.
 branca ursina, 297, 300.
 Brava. II. 353, 356.
 brazil (páo). II. 283, 288, 289.
 bredos, 79, 80, 92.
 Bretschneider. II. 177.
 Briggs (coronel), 138.
 brindão, 117, 118, 125, 126.
 Brindisi, 285.
Brindonia indica, 125.
 Brinjam. II. 99.
 Brito (Antonio de), 370.
 Brown (Roberto), 336, 341.
 Bruce, 229, 233.
 Buddha, 269.
 buddhistas, 222, 233.
 Budeo (Guilherme), II. 291, 299.
 Buhrán Nizam Sháh, 126, 127, 317.
 II. 147, 309, 310.
 bulla do Papa Alexandre VI, 371.
 burladora, herva, 300.
 Burmá, 322, 324. II. 40, 42, 76, 225.
 Burmanno, 248. II. 190.
 Burnell (A. Coke), 129, 275. II. 80.
Butea frondosa. II. 41.
 buzios. II. 123, 131.
 bybo, 65, 67.
- C**
- cabo de Boa Esperança, 203. II. 75;
 — de Calimere ou Canhameira, 182; — Comorim. I. 215. II. 49-52, 63, 127; — das Correntes, 75; — de Fartaque. I. 335; — Mesurado, 188; — das Palmas, 188; — Verde, 332.
 Cabral (Pedro Alvares), 222. II. 253.
 Cabul, 88. II. 94.
 caceras, 147, 149.
 cachalote, 54-57.
 cacho. II. 77.
 Caes de Santa Catharina. II. 21.
Cæsalpinia Sappan. II. 288.
 Caiado (Thomé), 16.
 Cairo, 258, 280, 285. II. 173, 313, 323, 326.
 cairo, do coco, 237, 245.
 caixa, moeda, 380.
 cajueiro, 67.
 Calabarga (Kulbarga). II. 307, 310.
 Calaiate (Kalhat), 356. II. 311, 317, 392.
 calambac. II. 55, 58, 61.
 calamo, 83, 141-149, 324, 355, 356. II. 315-317.
 calandares. II. 363.
 calcedonia. II. 230.
 Calcuttá, 267. II. 132.
 Calicut, 205, 220, 222. II. 88, 286; 393; Rajá de —. I. 58. II. 403.
 Camarão. II. 119, 126, 127.
 Cambaya, 25-27, 119, 135, 182, 256, 268, 305, 310, 316. II. 77, 177-179, 294; El-rei de —, 75, 342, 403.
 Cambayete, 256, 268, 277. II. 105, 140, 174, 328.
 Cambodja. II. 63, 64.
 camellos. II. 74.
 caminhos que seguiam as mercadorias, 39. II. 396.
 Camões, ode ao conde de Redondo, 7; razão da lição adoptada, 16.
 Citado a pag. 18, 55, 132, 163, 220, 230, 233, 250, 369, 370. II. 63, 87, 112, 126, 172, 254, 255, 258, 290, 355, 403.
 Çamorim, 205.
 canafistola, 193, 197. II. 373.
 canal de Paumben, 221.
 Cananor, 189. II. 10, 254.

- Canará, 244. II. 76, 286, 288, 309.
Canarium commune. II. 87.
 cancamo. II. 32-37, 43, 44.
 candil, medida. II. 195.
 Candolle (De), 334, 336, 341. II. 177.
 canela, 201-217, 223-231, 265, 328, 345, 352. II. 396.
 canfora, 97, 115, 151-159, 162-169, 187, 212, 213, 328. II. 390.
 canhamo, 98-100.
Cannabis, 98-101.
 Cantão (Kuang-cheu), 156, 219. II. 50.
 caparosa. II. 360.
capillus veneris, 60.
Capra Aegagrus. II. 236.
 carabe. II. 31, 32, 37, 43.
 Caradiva. II. 127.
 carambola (kamaranga, camariz), 161, 170.
 Carapatão, 333.
 carbunculos. II. 217, 224.
Carpophaga concinna. II. 87.
 cardamomo, 173-190, 206, 223, 327. II. 138.
 Cardoso (Jorge), 352.
 caril, 238, 279, 284, 285.
Carissa Carandas, 185, 191.
Caryophyllus aromaticus, 359-361, 368, 374, 375.
 Carlos Magno, 319.
 Carlos V, 371, 373. II. 238.
 Carlos VIII, de França, 115, 116.
 Carneiro (Padre Belchior). II. 149.
 carpata, 285.
 carpessio, 289-292.
 Carquizano (Martin Iniguez de), 373.
 carta de Affonso de Albuquerque a D. Manuel. II. 176; — de Felipe II, 128; — geographica. I. 228, 251.
Caryota, 232.
 casa da Índia, 210, 320, 382. II. 72, 248, 258, 276, 279.
Cassia Fistula, 34, 179, 193-199; *C. lignea*, 201-204, 207-210, 216, 224, 226, 396.
 cassoneira. II. 343.
 Castanheda, 56.
 castas. II. 342, 348.
 Castella, 195, 362; El-rei de —, 361.
 Castello Branco (D. Francisco de), 341.
 Castro (Balthazar de), 218.
 Castro (D. João de), 154, 190. II. 114, 340.
 cate, peso da China, 113, 159, 165, 327, 328. II. 69-79.
Catechu. II. 76, 77.
Cathartocarpus Fistula, 197.
 Cathayo, 271. II. 50, 64.
 Catifa (El-Qatif). II. 119, 126.
 Caucaso, 88. II. 246.
 causónes. II. 134.
 Caxem. II. 48.
 cebar. *Vide* aloes.
 celidonia, 279, 284.
 cerca de S. Domingos, em Goa. II. 169.
 cetreiros ou falcoeiros, 29; medicamentos que usavam, 40.
 Ceylão, 17, 51, 52, 56, 181, 186-189, 206, 210-216, 221, 222, 224, 230-233, 305, 309, 315, 324, 335. II. 50-52, 63, 125, 127, 181, 184, 199, 224-226, 385, 386, 388.
 Chagatay (Khanato de), 89. II. 97.
 Chaggi Memet (Hadj Mohammed), mercador. II. 278.
 Chaldéa, 230, 231. II. 353, 356.
 Champá. II. 62, 63.
 Champanel (Champanir), 129.
 champe, champa, champaka, 71, 73.
 chanquo ou chank, II. 123, 131.
 Charaka, 375. II. 149, 159.
 Chatigam (Chittagong). II. 297.
 Chaul, 100, 214, 326, 333. II. 9, 26, 28, 134.
 Chauveau, vigario. II. 278.

- Chavica officinarum*. II. 251; *C. Roxburghii*, 251.
 chego, peso, 130, 131.
Chelidonium majus, 283.
 Chengiz-Khan, 89. II. 97.
 Chevers (Dr. Norman), 300.
 Chiammay. II. 42. 80.
 Chilam (baixos de), 205, 215, 221. II. 232.
 China, 58, 155-158, 166-170, 204, 214, 219, 222, 223, 226, 229-231, 260, 268, 270-272, 288, 353, 357. II. 64, 161, 162, 179, 259, 315, 367.
 Chinacota, 222.
 Chincheo (Chang-chau), 167. II. 50.
 chins, 204, 206, 219, 221-223, 270, 364. II. 285.
 Chitor, 256, 267. II. 374.
 cholera, 272-276. II. 388.
 chrisobalanus. II. 83.
 christandade. II. 108, 120.
 christãos. II. 108, 115, 125; — de Socotora. I. 37, 38.
 chrysocolla, 281.
 chumbo. II. 207.
 cinabrio, 169.
Cinnamomum, 198, 202-211, 213, 215, 216, 224-230, 348; *C. Tamala*, 349, 350; *C. nitidum*, 349; *C. Camphora*, 166-168.
 Cirenia (peninsula Cyrenaica), 104, 110.
 cirifoles. II. 375, 376, 387.
Cissus vitiginea, 62.
Citrullus vulgaris. II. 144-146.
Clematis indica. II. 190.
 Clusius, 41, 55, 62, 72, 88, 127, 140, 198, 253, 294, 341. II. 50, 65, 184, 191, 192.
 cobras. II. 181-183, 187-191.
 cobre, 129, 169, 206, 223.
Coccus lacca. II. 40, 41; *C. manniparus*, 96; *C. nucifera*. I. 232, 244, 250.
 Cochim, 159, 190, 205, 373. II. 10, 55, 127, 235, 254.
 Cochinchina, 162, 165. II. 61, 62, 64, 129, 162.
 coco, 235-252, 279, 310. II. 84.
 codices arabicos, 40.
 Coge Çofar, 280, 285.
 Coje Perculim, 26, 38, 77.
 Celebrooke. II. 149.
colerica passio, 261, 272, 280. II. 13.
 Colles ou Kolis, 119, 128, 129.
Colocasia, 285; *C. indica*, 285; *C. antiquorum*, 285.
 Colombo (Christovam). II. 10, 113, 115.
 Colombo (porto de Ceylão), 231.
 cominhan, 84, 104, 109, 115.
Commiphora Myrrha. II. 356.
 Companhia de Jesus. II. 120.
 Concam, 54, 121.
 conde da Castanheyra. II. 258; — de Redondo (D. Francisco Coutinho). I. 14, 15. II. 382; — de Villa Nova. I. 341.
 Congo, 247, 336.
 Constantino de Bragança (D.), 15. II. 376, 384, 386.
 Constantinopla, 39, 53.
 Conti (Nicolo di), 249. II. 62, 209.
 convento de S. Francisco, 199. II. 20.
 Cooley (Desborough), 224, 229, 231.
 copal duro. II. 44.
 copra, 238, 239, 243, 245.
Coptis Teeta, 284.
 coqueiro, 240, 244-249.
 Coraçone. Vide Khorásán.
 cordierite. II. 225.
 Cordo (Valerio), 63, 176, 188, 191, 209. II. 56, 323.
 Cordova (Gonçalo de). II. 115.
 cornalina ou cornelina. II. 230.
 Coromandel (Choromandel), 170, 221, 222, 244. II. 41, 182, 235, 282, 288.

- côrte de Scháh Jehan. II. 187; — de Aureng Zeb, 187.
cortex cinnamomi, 225; — *cassia lignea*, 226; — *margosæ*. II. 168.
 cortimento de pelles. II. 154, 159.
 coru. II. 17.
 Coruña, 373.
 coryndon. II. 223.
 Cosmas Indicopleustes, 248, 368. II. 227, 289.
 Costa (Christovão da), 67, 68, 72, 300. II. 298, 309.
 costa do Abexim, 331; — da Abyssinia. II. 127; — da Arabia, 127; — de Arracán. I. 273; — da Malaguetta, 188, 189; — de Malé, 53; — da Pescaria. II. 125, 127; — de Zanzibar. I. 57.
 costo, 177, 244, 255-260, 267-269, 282. II. 79.
 Cota, 231, 232.
 Cotamaluco (Qutb el-Mulk), 121-123, 134, 135, 137, 305, 315, 326. II. 310.
Cotoneaster nummularia. II. 94.
 Cottonara. II. 252.
 Coulão, 220, 222, 375. II. 10, 253.
 Coutinho (Vasco Fernandes), 317.
 Couto (Diogo do), 40, 131, 222, 373.
 Covarrubias (D. Sebastian), 247. II. 251.
 Cranganor (El-rei de). II. 360.
Crataeva Marmelos. II. 386.
 cravo, 97, 187, 201, 206, 223, 325, 347, 352, 361-384. II. 10, 88.
 Crawford, 244, 335, 368. II. 62, 86, 129, 224.
 Cremonense (Gerardo), 42, 76, 166, 176, 193, 198. II. 95, 301.
 Crindle (Mac), 322.
 crisocolla, 277, 281.
 cristal de rocha. II. 197, 199, 209.
 croco indiano, 282, 283.
 Cruz (Fr. Gaspar da), 221, 271.
 crysoberyl ou cymophana. II. 230.
 crysolitha. II. 221, 229; — oriental. 230.
Cubeba officinalis, 187, 287-293.
Cucumis Melo. II. 144.
Cucurbita Citrullus. II. 144.
 Cueva (Luiz de). II. 238.
 Cunha (Gerson da), 129. II. 109.
 Cunha (Nuno da), 38, 286. II. 18, 89.
 Cunha (Tristão da), 319.
 curcas, 279, 280, 284, 285.
Curcuma, 281-284; *C. angustifolia*, 284; *C. longa*, 282, 284; *C. aromatica*. II. 368, 369; *C. Zedoaria*, 369.
 curumbins. II. 342, 348.

D

- Dabul, 214. II. 6, 7, 134, 154.
 Daghestan, 87.
 Dahlac. II. 127.
 Damão. II. 69, 77.
 Damarkand, 89.
 Damasco, 39.
 Darien. II. 113.
Datura, 295; *D. alba*, 300; *D. fastuosa*, 300.
 daturina, 300.
 dauco silvestre, 292.
 Daugim (passo de). II. 169.
 Daulutábád. II. 101, 204.
 David, 106.
 Deckan (Daquem), 98, 121, 133.
 Dehli, 75, 87, 88, 119, 120, 127, 130, 131, 140, 256, 267. II. 294.
 Della Valle, 54.
 Derbend, 87.
 deres. II. 342, 348.
 Dhibat-el-Mahal, 53.
 diamante. II. 195, 198, 206, 207, 209-212.
Dianthus caryophyllus, 367.
 Diarbekr. II. 96.

- Dictamus*, 64.
 Didjelah. II. 93, 97.
Dimocarpus Lichi. II. 162.
 dinheiros. II. 291.
 Dioscorides, 27, 62, 191. II. 44, 79.
 Diu (Tiyu), 219, 286, 320. II. 89, 339.
 Diul. II. 107, 112.
 Djazirat al-Yacut. II. 224.
 Djebel Zabbara. II. 227.
 Djidda (Judá), 27, 39.
 Djilolo, 364, 368, 369.
 Djolfar. II. 126.
 Dofar, 326, 335. II. 48, 355.
 dorião, 297, 298, 301. II. 109, 161, 377, 378.
 dormideiras. II. 174.
 Dourado (Vaz), 251.
 drago (sangue de), 40. II. 32, 34, 35, 39.
 Drake, navegador, 63.
Dryobalanops aromatica, 163, 164, 166, 168.
 dugong. II. 385, 386.
 Du Halde (Padre), 270, 272.
dulce lignum, 224.
 Dultabado. II. 392.
 duque de Bragança, 372; — de Lorenna. II. 66.
Durio zibethinus, 301.
 Duzgun, 91.
 Dyaks de Bornéo, 164.
 Dymock (W.) 63, 91, 199. II. 20, 251, 325.
 dynastia de Bahmany, 133; — Han, 375; — Ming, 112, 170; — Sung, 167; — Thang, 219.
- E**
- Echites antidysertericum*. II. 19.
 eclipses, 361, 372.
 Edrisi, 37, 55, 219. II. 227.
- igreja de Nossa Senhora da Conceição. II. 347; — de Nossa Senhora da Misericordia, 347; — de Nossa Senhora da Piedade, 347; — de S. Miguel, 341, 347.
 Egypto, 286. II. 178, 227, 326.
elæomel, 240.
 El-Beckri, 89.
electarium de gemmis. II. 131, 223.
 Elephanta. II. 347.
 elephantes, 217, 232, 303-304. II. 80; — branco. I. 305, 316.
 elephantiasis, 60, 63.
Elephas indicus, 316; *E. sumatranus*, 316.
Elettaria Cardamomum, 186-189.
Eleusine Coracana. II. 78.
 Elichpúra (Lispor), 134. II. 198, 210
 Elliot (Walter). II. 19.
 Elvas, 371.
 Empoli (João de), 272.
 Epiphanio (Santo). II. 208.
 ermida da Piedade, na Povoá, 341.
 ermida de S. Braz, em Goa, 299.
 Erskine, historiador. II. 80.
 escamonea, 34, 196.
 Esclavonia, 293.
 esmeraldas, 241. II. 196, 227-229.
 espadana, 355, 356.
 espinhela, rubi. II. 218.
 espique, 268.
 espiquenardo. II. 291-298.
 espodio, 303. II. 301-308, 360, 361.
 esquadra portugueza, de André Furtado de Mendonça, 252.
 esquinanto, 356. II. 311-317.
Estatutos da Universidade de Coimbra de 1591. II. 103.
 estipendio ao governador da India, 127; — ao physico mor, 127.
 estoraque liquido, 107, 112.
 Estrabão. II. 75.
 estrada de Santa Luzia, em Goa, 299.

- estreito de Magalhães, 370; — de
Tanjampur. II. 211.
Ésula. II. 337.
Ethiopia, 305. II. 106, 112, 113.
Eugenia caryophyllata, 368; *E.*
jambolana. II. 27; *E. malaccen-*
sis, 27.
Eupatorio, 64.
Euphorbia. II. 337; *E. Tirucalli*, 343.
Euphrates, 219, 230. II. 93, 96, 97.
Evangelho de S. João, 41. II. 60.
Exodo, 227.
Ezequiel, 227-229.
- F**
- Falcão (Aleixo Dias), 15.
Falcão (Figueiredo), 112, 276. II. 257,
Falcão (Luiz). II. 114.
falcoeiros ou cetreiros, 29, 40.
Falconer (Dr.) 268.
Faleiro (Ruy), 362, 370.
Falopo (Gabriel). II. 116.
fanão, moeda, 93, 378.
fazendas. II. 348.
farazola, peso, 93.
Faria (Antonio de). II. 129.
Faria (Dr. João de), 319.
Faria (Nicolau de), 319.
Faria e Sousa (Manuel de), 16.
Fars ou Farsistán, 89.
faufel, 334.
fava de Malaca, 65.
feitoria de Flandres, 382. II. 258.
Felici (Acacio). II. 55.
Felix jubata, 137.
Ferishta, historiador, 135.
Fernandes (Alvaro). II. 18.
Fernando II, de Napoles. II. 108, 115.
Ferreira (Fernandes), 40.
Ferreira (Miguel), 139.
ferro, 232.
Ferula alliacea, 90-92; *F. Asa-foe-*
tida, 90; *F. Narthex*, 90.
feruzegi. II. 223, 228.
festuca caryophylli, 374.
Ficus religiosa. II. 40.
figos da India, 329-339.
Firdusi, 114.
Flacourtia cataphracta. II. 27; *F.*
Jangomas, 27.
Floyer (E. A.). II. 227.
Flückiger, 162. II. 168, 176.
Fo-kien, 167.
folio indo, 343-352. II. 393.
formigas que lavram o lacre. II. 30.
Forstera magellanica, 63.
fortaleza de Calicut. II. 187; — de
Cananor, 11; — de S. João, de
Ternate. I. 370.
Frade de S. Francisco, 337. II. 341.
frades, dominicos e franciscanos,
271.
fragmenta preciosa. II. 223.
Francisco I, 321, 381.
S. Francisco Xavier (Mestre Fran-
cisco). II. 120, 125, 346.
francos. II. 108.
frangues, 40. II. 107, 115, 273.
Franguistan. II. 107.
Fraxinus Ornus. II. 96.
Frederico II (Imperador), 68.
Freitas (Jordão de), 374.
fructus carpesiorum, 293.
Fu-chau, 167.
Fuchsio (Leonardo). II. 295, 379.
fules, 71, 73, 236, 246.
Fu-lin, 219.
Fumaria, 64.
fumus terræ, 62.
- G**
- Galacia, 356.
galanga, 144-146, 149, 353-358. II.
315-317.
Galeno, 179, 227, 289-292, 359. II.
47, 144, 245.

- Galilea. II. 313.
 gallas, 229.
 Gallés (Ponta de), 221.
Gallus Lafayetti, 232.
 Galvão (Antonio), 369. II. 252.
 Gama (D. Estevão da). II. 124.
 Gama (Vasco da), 53, 57, 249, 377.
 II. 111, 253, 403.
 ganda, rhinoceronte, 310, 318. II. 75,
 79.
 Ganges (Guanga), 105. II. 292-297.
 ganta, peso ou medida. II. 261.
Garcinia indica, 125; *G. mangos-
 tana*. II. 162.
Gardenia lucida. II. 355.
 Gaspar Corrêa, 101, 131, 225, 245,
 273-275, 299, 320. II. 11, 19, 80,
 89, 187.
 Gaspar de S. Bernardino (Fr.), 315.
 Gaza (Theodoro). II. 327.
 Genesis, 338.
 gengibre. II. 5-11, 345.
 geruda, 251, 253.
 Ghates (Montes dos), 121, 132.
 ghi, manteiga, 126, 148.
 Gil Vicente. II. 103.
 Gill (William). II. 278.
 Giunti (Thomazo). II. 278.
 Glanvilla (Fr. Bartholomeu de). II.
 66.
Glycyrrhiza, 88.
 Goa, 15, 100, 122, 139, 276, 333. II.
 235, 385.
 Gobi. II. 279.
 Godavery. II. 210, 293.
 Goes (Damião de), 314, 319.
 Gogá. II. 294.
 Golconda, 135, 315. II. 210.
 golfo de Manaar. II. 125, 127, 131;
 — de Oman, 126; — Persico. I.
 39, 218, 375. II. 126.
 Gomes (Diogo), 188.
 Gomes (Ruy), 139.
 gomma da herva-babosa, 31.
 Gonçalves (Jorge). II. 93, 98.
 gongs, de Java, 379.
 grãa ou kermes. II. 39, 45.
 granada. II. 216, 226.
granum paradisi, 188.
 Grão Cão do Cathay. II. 224.
 Grão-Mogol, 130. II. 129.
 Grão Turco, 124, 138. II. 39.
 gravura em madeira, 270.
 gregos, 37, 40, 229.
 Guadalupe. II. 85, 89.
 guaiacam, 179. II. 259-261, 270.
Guaiaicum officinale. II. 270; *G. san-
 ctum*, 270.
 Guardafui, 228. II. 356.
 gubera. II. 33, 43.
 Guibourt, 55, 91, 269. II. 388.
 Guiné, 203, 249, 336.
 Guirmon. II. 359.
 gundras, 245.
 Guzerate, 128, 256. II. 140, 230.
 gymnosophistas. II. 110, 112.
- H
- Haçan Gangú, 133.
 Hadramaut, 335. II. 355.
 Hadrar. II. 356.
 Hai-nan, 357.
 hakims, 39, 42. II. 146.
Halicore indicus. II. 385.
 Haly Rodoam, 28, 43.
 ham (khan), 120, 123, 136.
 Hamadan, 134.
 Hamza de Ispahan, 219.
 Hanbury (Daniel), 112, 227, 357.
 Hariz, 155.
 Harun er-Raschid, 40, 55, 319.
 haschisch, 99-101.
 Haussknecht. II. 94.
Helleborus. II. 238.
Hemidesmus indicus. II. 192.
 Henrique (Infante D.), 217.

- Henrique III, de Inglaterra, 319.
 Henrique (Padre), da Companhia de Jesus. II. 385.
 Herat, 91. II. 95.
herba sentiens. II. 21.
 herva de besteiros. II. 238.
 Herbelot (D'), 100, 230.
 Hermano (Wolferio), 252.
 Hermanno. II. 191.
 Hermolao Barbaro. II. 295, 299.
 Herodoto, 100, 227.
Herpestes Mungo. II. 188; *H. griseus*, 188.
 Herrera (Antonio), 371.
 herva-babosa, 25; — cidreira, 62.
 Hespanha, 38, 90.
 Himalaya, 64, 268.
 hing (ingu), asa-foetida, 75, 86, 90.
 Hippocrates, 42.
 hippopotamo. II. 80.
 Hirah, 219.
 Hirth (F.), 219.
 Hitaspis (batalha de), 317.
Holarrhena. II. 89; *H. antidysenterica*, 19.
 holandezes, 383.
 Hooker. II. 190.
 Hormuz, 39, 71, 88, 107, 111, 219, 220, 228. II. 38, 94, 114, 178.
 hospital de aves. II. 105, 112.
 Huçein. II. 141, 147.
 Huen Thsang. II. 224.
 Humboldt, 341.
 Hungria, 260, 271.
 Hutten (Ulrich von). II. 271.
Hyoscyamus, 100.
- I
- Ibn-al-Baitâr, 283. II. 230.
 Ibn Batuta, 53, 164, 220. II. 63, 225.
 Ibn Khurdâbah, 163, 358, 375.
 ichneumon. II. 188.
- Iconium, 41.
 Idalcam (Hidalcão), 121, 133.
 ilha do Almirante, 251; — Angediva, 46, 53, 121, 249; — Aynam ou Hai-nan, 170. II. 129, 396; — de Bahrein, 126, 129; — de Banda. I. 365, 370, 375. II. 81, 82, 86-88; — do Cabo Verde. I. 372; — das Cabras. II. 236; — Chandana, 289; — de Chypre. I. 338; — Comoro, 46, 52. II. 6; — do Corpo Santo. I. 251; — de Delft. II. 236; — de Divar. I. 100, 246; — de Engoxa, 46; — Española, 199. II. 113, 115; — Formosa. I. 166; — de Jeru (Jerun ou Gerun), 220; — Kamaran. II. 127; — dos Ladrones. I. 248; — de Mahé, 251; — Manaar, 221. II. 129, 132, 376, 385; — de Mascarenhas. I. 251; — de Mindanão. II. 396; — Polluoy. I. 252; — de Pori ou do Elephante. II. 341, 347; — Praslin. I. 251; — de Rameseram, 221. II. 125; — de Repelim. I. 205, 223, 231; — da Reunião, 383; — do Sal, 372; — de Santa Cruz. II. 385; — de Santo Antão. I. 372; — de S. Domingos, 194; — de S. Lourenço, 203, 218. II. 6; — de S. Thomé. I. 217, 233, 337; — Seychelles ou dos Sete Irmãos, 251; — Ternate, 362, 369, 370; — Tidore, 369; — Timor, 251. II. 283, 285, 289; — dos Tres Irmãos. I. 251; — das Vaccas, 232. II. 232, 235, 236, 383.
 Imad Scháh. II. 210.
 Imam de Mascate. II. 127.
Imperatoria Ostruthium, 93.
 imperio do Maharadja, 187.
 imperio ottomano. II. 98.
 impostos, 74, 128, 246, 247.
 incenso, 113, 269, 282, 335. II. 48, 351-357.

- India, 38, 53, 162, 170, 182, 194, 222, 249, 269, 272. II. 49, 51, 106, 107, 112, 259, 282.
- Indias (Companhia das), 57.
- Indo (Rio). II. 107, 112.
- Indo-China, 230, 316, 323. II. 41, 61.
- inhames, 280, 285.
- iolite. II. 225.
- Ipomæa Turpethum*. II. 344.
- Iravaddi (Delta do), 324. II. 42, 225.
- Isaac do Cairo. II. 85, 89, 204.
- Ismael Adil Scháh, 89, 124, 134, 138.
- Ispahan, 88.
- Italia, 321, 333. II. 115.
- italianos, 31.
- Izidoro (Santo). II. 206, 245.
- J**
- jaca. II. 23-27, 397.
- jacinthos. II. 208, 216, 226.
- Jacquemont (Victor), 268.
- Jafnapattam, 15. II. 185.
- jagra, 236, 238, 246.
- jalapa. II. 345.
- jambolões. II. 24, 27.
- jambos. II. 25, 27.
- jangomas. II. 25-27.
- Japão, 166-169. II. 77, 259.
- jaqueira, 340. II. 26.
- jarras martavans. II. 270, 273.
- Jasminum Sambac*, 73.
- Java, 109, 114, 190, 288, 292, 356, 375. II. 283.
- Jeronymo di Santo Stephano, 249.
- Jerusalem, 331. II. 313.
- Joães Jacobi. II. 67.
- João II (D.), 352.
- João III (D.), 217, 371-373. II. 89, 124, 235.
- jogues. II. 112, 182, 186, 400.
- Johannes de Monte Regio, 372.
- Jones (Sir William), 349. II. 149, 189.
- Jordão (Fr.), 245, 248. II. 49.
- Jorge de Santa Luzia (D. Fr.), 276.
- Jorge Themudo (Fr.), 276.
- Judéa, 41, 110. II. 313.
- jujubas, 118, 126.
- Julfar. II. 119, 126.
- junça. II. 7.
- juncos da China, 205, 218-223, 230.
- junco aromatico. II. 315; — odorato, 313; — redondo, 313.
- Juner (cidade de). II. 399.
- K**
- Kabul. II. 158.
- Kachmira, 268, 269.
- Kämpfer, 91, 112. II. 237, 388.
- Kandahar. 88, 91, 92. II. 94, 95.
- Kándesh, 135.
- Kashgaria. II. 279.
- Kathiawar. II. 18, 294.
- Kayal (Çael), 125. II. 128.
- Kerman (Guirmon), 361.
- kermes. II. 39, 40.
- Khán, 136.
- Khorásán, 87. II. 383.
- Kiachta. II. 279.
- Kiang-mai ou Xiang-mai ou Jamay. II. 29, 42.
- Kiang-si, 167.
- Kipchak (Khanato de), 89. II. 97.
- Kircher (Padre). II. 278.
- Kiruan, 75, 87.
- Kishna. II. 210.
- Kordofan. II. 325.
- Krishna, 73.
- Kurdistan. II. 96.
- Kyat-piyu (Capelam). II. 225.
- L**
- Lacadivas, 244.
- lacca. II. 29, 33, 39-45.
- lacre. II. 29-45.

- Lagondium vulgare*. II. 165; *L. litorale*, 165.
 Laguna (André), 38, 178, 237, 351.
 II. 248, 259, 379.
 Landino, 190.
 Laos. II. 42.
 lapis lazuli. II. 203, 213.
 laqueca ou alaqueca. II. 221, 230.
 Lar (Provincia de). II. 237.
 Laredo (Fr. Bernardino de), 352. II. 66.
 Laristan, 91.
laserpitium, 75-86, 92.
 Lassen, 340.
Laurus, 349; *L. Camphora*, 166.
 leis chinas, 260, 271.
 Lemos (Fernão Gomes de), 139, 317.
 Leonicensio (Nicolau), 150, 293. II. 116.
 liamba ou riamba, 101.
 Liberia, 188.
lignum aloes, 41, 162, 206, 328. II. 47-67; — *sanctum*. II. 271; — *vitæ*. I. 339. II. 271.
 Lima (D. Fernando de). II. 19.
 Lima (D. João de), 317.
Ligustrum. II. 190.
 Limadura. II. 230.
limonata smaragdorum. II. 228.
 linho alcanave, 95-98.
 Linschoten, 67, 247, 300. II. 79, 227, 273, 309.
Liquidambar altingiana, 113; *L. orientalis*, 112.
 Lisboa, 238, 253, 259. II. 65, 238.
 Lisboa (Dr.), 73, 149. II. 387.
 Littré, 359. II. 236.
 Loaysa (Fr. Garcia de), 373.
 loc ou looch. II. 45.
Lodoicea Seychellarum, 251.
 Lopes (Duarte), 247, 337.
 louça da Índia, 170.
 Loureiro (Padre). 284, 367. II. 61.
 Luang-prabang. II. 42.
 Luiz (S.), rei de França, 319.
 Lycia. II. 71-79.
 lycio. II. 71-79.
- M
- Macassar, 282. II. 283.
 maça, da noz muscada, 97, 206, 223, 345, 352, 365. II. 81-89.
 maçans d'anafega, 117, 118, 126.
 maceira. II. 30.
 macer. II. 88.
 Maçudi, 37, 55, 187, 337. II. 114.
 Madagascar, 218, 351.
 Madrasta. II. 235.
 Madremaluco (Imad êl-Mulk), 121-123, 134, 138.
 madreperola. II. 123, 132, 229.
 Magadaxo. II. 353, 356.
 Magalhães (Fernando de), 370.
 Magalhães (Jorge Vaz de). II. 385.
 Maghreb ou Maghrib, 89.
 Magno (Alberto). II. 206, 207.
 Mahmud Scháh II, 133.
 Mahommed Bahmany, 133.
Makhzan-el-Adwiyá, livro arabe, 113. II. 317.
 Malabar, 53, 169, 211, 219-221, 243, 313, 332, 350. II. 99, 252, 393.
malabathrum, 347, 349, 350.
 Malaca, 107, 111, 169, 214, 220, 298, 317, 377. II. 178, 285, 382, 388.
 malagueta, 178-189.
 Maldivas, 46, 51-53, 236-252, 326.
 Maljaz (pagode de). II. 341.
Malum cydonium. II. 387.
 Malupa. II. 147.
 Malwá, 268. II. 178.
 Mambré (Michele). II. 278.
 Manapá (Manahpaud). II. 125.
 Manardo (João), 199.
manatus, peixe mulher. II. 386.
 manchuas. II. 255.
 Mandalay. II. 225.

- Mandeslo (João Alberto de), 130.
Mandou, 256, 267, 268. II. 178, 294, 298.
manga. II. 99-104, 109; —brava, 337, 343.
mangelim, peso. II. 196.
Mangifera indica. II. 109.
mangustão. II. 161, 162, 377, 378.
mangues, 228.
manná, 77, 113, 179. II. 40, 91-96.
Manorá. II. 69, 77, 340.
Manuel (El-rei D.), 38, 268, 318-321. II. 10, 41, 79, 127, 176, 229, 253, 256.
mão, peso, 169. II. 178, 195, 330.
Maquien (Makian), 369.
Maranta Galanga, 357.
Marco Polo, 55, 164, 167, 169, 271. II. 42, 277.
marfim, 303, 306, 316. II. 378-380.
margarita. *Vide* perolas.
margosa. II. 168.
Marignolli (Fr. João de), 249, 338. II. 27.
marmelos de Bengala. II. 375-377, 385-387.
marquez de Villa Real, 15.
mar Caspio, 87; —Mediterraneo, 39, 231; —Roxo. II. 173; —Vermelho. I. 39, 231, 375. II. 127.
Martaban, 107, 115, 316. II. 41.
Martin (Andrés de S.), 372.
Mascarenhas (D. Francisco). II. 18.
Mascarenhas (D. João). II. 340.
Mascarenhas (D. Pedro de), 190, 299.
Mascate, 356. II. 311, 315, 317.
matical, peso, 165.
Matthioli, 62, 188, 234, 294, 314. II. 234, 278.
Maundeville (Sir John). II. 224.
Mauro (Fra), 18.
Mawarunnahar. II. 95.
Mecca, 169. II. 10, 53, 315, 317, 393.
Mecia Dandrade (D.). II. 229.
Megasthenes, 314, 321, 322.
Mekong. II. 42.
melancias. II. 144-146, 381.
Meleagrina margaritifera. II. 125.
Melia Azadirachta. II. 168; *M. indica*, 168.
Melinde, 57, 305, 315. II. 49, 52, 111.
melique, 123, 136.
Melissa officinalis, 64.
Mello (Martim Affonso de), 131, 272.
melões. II. 144.
memiran, 279, 281, 283.
Memphis. II. 323, 326.
Menam. II. 42.
Mendonça (André Furtado de), 250, 252.
Menezes (D. Christovão de). II. 18.
Menezes (D. Duarte de), 139.
Menezes (D. Manuel Tello de). II. 16, 18.
Menezes (D. Tristão de), 370, 379.
Mesopotamia, 219, 376. II. 97.
Mesué, 39, 240, 294, 367. II. 333, 345.
Mewár, 268.
mex. II. 143, 150.
Michele (Michele San). II. 378.
Michelia Champaca, 73.
Mindanáo. II. 128.
Minjak. II. 278.
Miranda (Simão de), 316.
Mirkond. II. 114.
Mir Mohammed. II. 95.
Mir Mohammed Hussein. II. 64.
missionarios, no Thibet. II. 278.
mithridato, 60-64.
moalis (schiiitas), 326, 335. II. 392.
Moçambique, 217, 249, 251.
Mogok. II. 225.
mogores, 120, 130. II. 92, 97.
mogory, 69, 73.
Mohammed (Hadj), 89.
Molucas (Maluco), 361-370, 373, 383
Mombaça. II. 111

- Mombaim (Bombaim), 326, 335.
 Monardes (Nicolau), 198. II. 206, 237, 271, 405.
 monções, 52. II. 100.
 Monpacer (pagode de). II. 347.
 Monte Corvino (Fr. João de), 230, 248.
 Moraes (Gaspar de). II. 208.
Moringa aptera. II. 157.
 Mormugão (rio de). II. 385.
 morphina. II. 179.
 morxi, 261, 264, 266, 275.
 Moscovia. II. 259.
 Moutel (Mortir), 369.
 Moysés, 227. II. 273.
 mumia, 40, 41.
 mungo. II. 139-143, 150.
 Munster (Sebastião), 18.
 Musa (Antonio), 351, 355. II. 56, 116.
Musa sapientum, 335, 337; *M. paradisiaca*, 336.
 muscadeiras. II. 87.
 mussulmanos. II. 115.
 Muzaffar Scháh, 320. II. 79.
 Myrepso (Nicolau), 358.
Myristica fragrans. II. 86; *M. officinalis*, 86; *M. moschata*, 86.
 myrobalanos. II. 151-160.
 myrrha, 28, 31, 41, 107. II. 31, 60, 352, 356.
Myrtus silvestris, 289, 290, 293.
 Mysore, 189, 226. II. 289.
- N
- nachani, naxenim. II. 71, 78.
 Nagapattanam (Negapatam). II. 182.
 naique, capitão, 135.
 naires, 326, 334.
Naja tripudians. II. 187.
 Napoles. II. 115.
 nardo, 177, 345-347.
Nardostachys Jatamansi. II. 298.
 Narsinga, 136. II. 41, 210.
- Narthex Asa-foetida*, 90.
 nau Algaravia, 276; — Assumpção, 276; — Chagas. II. 257; — Trindade. I. 373; — Victoria, 371.
 Nebrija (Antonio de), 65, 68.
 Nebuchadnezzar. II. 98.
Nectandra cinnamomoides, 226.
 Nees von Esenbeck, 224.
 negundo. II. 163.
 Nepaul, 349, 350.
Nephelium Litchi. II. 162.
Nerium antidy-sentericum. II. 19.
 ngai, especie de canfora, 168.
 Nicodemo. II. 60.
 Nicolau Antonio, 352.
 Niebuhr, 39. II. 96.
 Nieuhof, 72.
Nigela citrina, 178.
 Nikitin (Athanasio), 148.
 Nilo, 229.
 nimbo. II. 167.
Nipa fruticans. II. 105.
 Nirukta. II. 289.
 Nischapur (Nixábur). II. 228.
 Nizamaluco (Nizam el-Mulk), 26, 121-124, 133, 134, 137. II. 75, 141, 309; filhos de —. I. 300.
 Noronha (D. Affonso de). II. 307, 310.
 Noronha (D. Garcia de), 134, 190.
 noz muscada, 97, 187, 223, 359, 365. II. 15, 16, 81-89; — da India, coco. I. 235, 244-249; — de ben ou *glans unguentaria*. II. 157.
 Nunes (Antonio), 379. II. 160.
 Nunez (Agostinho). II. 376.
 Nunez (Leonardo). II. 376.
Nyctanthes Arbor tristis, 72.
- O
- Odorico de Pordenone (Fr.), 190, 220.
 oleo de linhaça, 98.

oleum cinnamomi radices, 227.
 olho de gato. II. 222, 230, 398.
 olivastro de Rodas. II. 56.
 Oliver. II. 354.
 Oman (costa de), 220, 228, 335.
Ophiorrhiza Mungos. II. 189.
Ophioxylon serpentinum. II. 190.
 Ophir. II. 289.
 opio, 95, 100. II. 14-16, 171, 175-179.
opium thebaicum. II. 178.
opus cyrenaicum, 85, 110.
 Orissa, 315.
 Orixá. II. 293.
 Ormuz. *Vide* Hormuz.
 orraca, 236, 246.
 Orta (Garcia da), 38, 119, 127. II. 310, 348; indicações para a sua biographia, 28; viagem á Ilha das Vaccas, 235; quando saíu de Portugal, 342.
 Ortelius, 18.
 ostras. II. 132.
 Otranto, 285.
 ourivesaria, 281.
 ouro, 223, 232.
 Ouseley (William), 230.
 Ovidio, 71.
 Oviedo (Gonçalo de), 199, 247. II. 113, 116, 271.
Oxalis sensitiva. II. 21.
 Oxus, 88. II. 225.

P

Pacem, 153, 164.
 Pacheco (Duarte), 188.
Pachyma Cocos. II. 272.
 Pacifico, 370.
 Padre Ignacio (Santo Ignacio de Loyola). II. 120.
 pagodes. II. 346-348.
 Paizes Baixos, 140.
 Paleacate (Pulicat). II. 235.

Palestina, 34. II. 150.
 palha da Meca. II. 311.
 Palk (bahia de), 232.
 palmeira, 232, 235-237, 241, 249.
 palmitos, 240, 245.
 Paludano (Dr.), 68, 351.
 Pam (Pahang, Páang). II. 382.
 panditos. II. 148.
 Pangim. II. 389.
 Panipát (batalha de). II. 80.
 Panjáb, 130.
 Pantaleão de Aveiro (Fr.), 338.
 Papa Leão X, 319, 321.
 Papa Paulo IV, 210, 276. II. 299.
Papaver somniferum. II. 175.
 Paranda, 122.
 paravá. II. 125.
 pardáo, moeda, 127, 195, 380. II. 45.
 parizataco, 70-72.
 paros (paráo), barcos, 205.
 parvu. II. 342, 348.
 parteiras, 354.
 Parthia, 112.
 Partibus (Jacob de), 33.
 parsis. II. 342, 348.
 pashtu, 131.
 Passo-Secco, 299.
 patane, 131.
 Patane. II. 79.
 patecas ou melões da India. II. 133-136, 144-146, 381.
 pau de aguila. II. 60; — de cobra. I. 241. II. 181, 185-188; — de contra herva. I. 266.
 Paula de Andrade, 299.
 pavão. II. 398.
 pecegos. II. 249, 258.
 pedra armenia. II. 203, 212; — bezoar. I. 241, 266, 276. II. 231-238, 382-384, 388, 397; — de cevar ou iman, 195, 202-205, 213; — do fel de porco, 382; — hume. I. 223; — de Malaca. II. 239, 388, 398; — sanguinha. I. 40.

- Pedro Martyr. II. 357.
 Pegolotti, 375. II. 160, 256.
 Pegú, 312, 316, 324. II. 41.
 Pe-king, 271.
 Penha (Garcia de la). II. 114.
 Pereira (Diogo), 52, 57, 314.
 Pereira (Jonatham), 187, 188.
Periploca indica. II. 192.
 perolas, 170. II. 119-132, 195.
 Persépolis. II. 98.
 Persia, 77, 88, 229.
 Peru, 340. II. 201.
 Peshawár, 131.
 Pessoa (Balthazar), 139.
Peucedanum, 93.
Phaseolus Mungo. II. 150; *P. Max*,
 150.
 Phenicia, 229.
 phenicios. II. 354.
 Philippinas, 370.
 Phillips, 167.
Phoenix dactylifera, 232. II. 325.
Phyllanthus Emblica. II. 158.
Physeter macrocephalus, 54.
 Pic de la Mirandole. II. 353, 356.
 Pictet (A.). II. 176.
 Piddington, 72.
 Pigafetta (Antonio), 247, 337. II. 273.
 pilulas de Rasis, 31; — de Rufo, 31.
 pimenta, 206, 265, 268, 287-289, 365,
 379. II. 241-258.
 Pina (João de), 321.
 Pinto (Fernão Mendes), 170. II. 42,
 80, 129.
 Pinzon (Vicente Yanes). II. 357.
Piper Betle. II. 402; *P. Clusii*, 253;
P. Cubeba. I. 292; *P. longum*. II.
 251; *P. nigrum*, 250; *P. offici-*
nalis, 251; *P. trioicum*, 252.
 Pires (Sancho). II. 306, 309.
 Pires (Thomé), 38, 41. II. 127-129,
 160, 177, 278, 326.
pityusa. II. 335, 345.
 Planchon. II. 62.
 Platearius (Mattheus), 30.
 Platina, 32.
 Plinio, 38, 41, 190, 318, 340, 359. II.
 188, 206, 244.
 Plutarcho. II. 113.
 polipodio. II. 18.
 Poll (Nicoláo). II. 271.
 Polonia, 271.
 Polycrates de Samos. II. 226.
 Pomet, 351. II. 62.
 pompholix. II. 307, 360.
 Pondichéry, 275.
 Ponto Euxino. II. 277.
 porcelana, 170, 223. II. 221, 229.
 Poro, 317.
 prata, 169, 232.
 Prjevalsky. II. 278.
 Prospero Alpino, 285. II. 178.
Pterocarpus santalinus. II. 288.
Pterygium costatum, 163.
 Ptolomeo, 228, 229.
 pucho, 267. II. 70.
Pulegium, 64.
 Pyrrard de Laval (Francisco), 53, 252,
 300. II. 273.
 Pythagoras, 79. II. 110, 112.
- Q
- quartzo. II. 209, 229.
 Quedá. II. 255.
Quercus Vallonea. II. 95; *Q. Persica*,
 95.
 Quevedo, 250.
 Quindur. II. 101.
 quintaladas. II. 257.
 Quito, 226.
- R
- Rabello (Diogo), 221.
radix mustelæ. II. 191.
 rainha Candace, 233; — de Coulão,
 II. 255.

- raiz angelica, 267; — da China. II. 259-272, 381; — de mongo, 191.
 rájá, 135; — de Bijayanagar, 136.
 Rájputana, 128.
 Rama, 221.
 Ramusio, 89, 337, 351. II. 129, 278.
 Rasis, Rhazes (Abu Bekr ben Zakaria er-Rasi), 39, 276. II. 43, 147, 159.
 Ratnadvipa. II. 224.
 ratti, peso, 130, 175, 196.
Rauwolfia serpentina. II. 189, 190.
Ravensara aromatica, 218.
 Rawlinson (Henry), 230.
Regimento do hospital real da cidade de Goa. II. 18.
 rei de Cranganor. II. 361; — de Hormuz. I. 319; — de Porcá. II. 254; — de Xael, 19.
 Reino da Pimenta. II. 254.
 reisbutos (Rajpúts), 119, 128.
 reis christãos, em Goa (Tabarija, de Tanor, das Maldivas, de Ternate), 374; — de Pegu, 324.
 renda da especiaria. II. 160.
 rendas do estado, 74, 100, 246, 403.
 rendeiro de Bombaim. II. 25.
 Rezende (Garcia de), 270. II. 349, 399.
Rhamnus. II. 78.
 Rhede van Drakenstein, 244. II. 191, 255.
Rheum officinale. II. 277.
 rhinoceronte, 310, 318. II. 75, 79.
Rhinoceros indicus. II. 79; *R. sondaicus*, 79.
 rhuibarbo, 28, 34, 83, 157, 179. II. 275-279, 367.
 Ribeiro (João), 323. II. 127, 188, 230, 236.
 Ritter, 248, 340.
 roçamalha, 109, 112.
 Rodolpho II (imperador), 252.
 Rodrigues (Balthazar). II. 384.
 Rodrigues (João), 233.
 Roma, 32, 318. II. 388.
 romeos, 32.
 Rondot, 168.
 Rontecalli (D. Fr. Antonio de). II. 299.
Rosa Damascena. II. 405; — de Gericó. I. 59, 62; — persica. II. 401, 405.
 rosalgar. II. 76.
Roumea jangomas. II. 27.
 Roxburgh, 72. II. 165.
 Royle (Dr.), 62, 267. II. 79.
 Ruano, 19, 21.
 rubi. II. 195, 217-225; — balax, 225; — espinela, 225.
 Ruelio (Jean de La Ruelle), 63, 85, 191.
 ruiva. II. 45.
 Rumes, 32, 40.
 Rúm ou Rúmestan, 41.
 Rumphius, 166, 198, 250-252, 339, 374. II. 191.
Ruscus, 293.
 Russia, 271. II. 279.

S

- Sabayo, 133, 137.
 Sabéa, 231.
 Salerno (Fabricio Mordente de), 72. II. 325.
 Salomão, 106. II. 289.
 Salsette. II. 340, 346.
 Saluen. II. 42.
 Samarkanda, 89, 91. II. 97, 279.
 sambucos (sambacos), 365.
 sandalo, 70, 142, 187, 206, 223. II. 64, 281-290; — vermelho. I. 325. II. 73.
 sandias. II. 381.
 Santa Cruz (Vera Cruz). II. 288.
Santalum album. II. 64, 289.

- Santo Agostinho. II. 399.
 Santos (Fr. João dos), 314, 315.
 saphira. II. 215, 223; — de agua,
 200, 202, 215, 225; — oriental, 225.
 Saragoça, 373.
 sardonix. II. 216, 223, 226.
 sarsaparilhas. II. 272.
 Saumaise. II. 244.
Saussurea Lappa, 267, 268.
 Savonarola (Miguel). II. 66.
 Scaligero, 41, 87, 165, 166, 224. II.
 31, 317.
 scammonia. II. 345.
 scháh, 124, 137; — da Persia, 89. II.
 127, 239; — Rock. I. 73.
 Schans (Terra dos). II. 42.
 Schat el-Arab. II. 96.
 Scheik el Djibal, Velho da Monta-
 nha, 101.
 Scher Khan (Scher Schah), 131.
 Schirwân, 87.
 Schmauss (Leonardo). II. 116, 271.
 Schwanbeck (Dr.), 322.
Scirpus Kyrsoor, 149.
Scorodisma foetida, 90.
 Scythas, 100, 260, 271.
 Scythia. II. 208.
 Seda, 159, 170, 206, 223.
 Seldjukidas (Turcos), 41.
Semecarpus Anacardium, 67.
 Seneca. II. 113.
 Sepulveda (Fernando de), 94, 196,
 199. II. 286, 296.
 Sequeira (Diogo Lopes de), 218. II.
 41, 255.
 Serapio, 55, 149, 166. II. 33.
 sereias, II. 386.
 Serra (Correia da). II. 387.
 Serra da Pimenta. II. 254.
 Serrão (Francisco), 370.
 Servius. II. 112.
 Shan-si. II. 278.
 Sheibáni Khan. II. 97.
 Shen-si. II. 278.
 Shen-ning Pen Ts'ao king, *Mate-
 ria medica* do imperador Shen-
 ning, 231.
 Sião, 114, 165, 316. II. 42, 63.
 Siculo (Lucio Marineo). II. 89.
 Sikait. II. 227.
 Silhet, 349. II. 61.
 Silveira (Gonçalo da), 218.
 Silvestre (Vida de S.) 32.
 Sinai. II. 96.
 Sinf. II. 63, 64.
 Sinforiano (Symphorien Champier)
 II. 66.
 singhalezes, 232, 244.
 Siqueira (Pero Vaz de), 276.
 Siraf, 219.
Sison, 148. II. 14.
 Síva, 233. II. 347, 387.
Smilax China. II. 271, 381; *S. ferox*,
 271.
 Soar (Soer), 220, 335.
 Soares (Fernão). II. 256.
 Soares (Lopo), 39.
 Sociedade Linneana de Londres,
 357.
 Socotora, 37, 55.
 Sofala, 51, 203, 305, 315. II. 52.
 Solapor, 122.
 Soleyman, escriptor arabico, 221.
 Soliman Pachá, 286.
 Solíman II. II. 98.
 Solino. II. 113.
 somalis, 229. II. 355.
 Sonnerat, 218, 275. II. 148.
 Sophi, 124, 138.
Sorbus domestica. II. 43.
 Sousa. II. 149.
 Sousa (Francisco de), 276.
 Sousa (Fr. João de). II. 89, 145.
 Sousa (Fr. Luiz de), 250. II. 258.
 Sousa (Manuel de), 101.
 Sousa (Martim Affonso de), 15, 32,
 97, 130, 205, 231. II. 18, 125, 140,
 235, 260, 330, 348.

Sousa (Ruy de), 218.
Sphagnum, 63.
spinela. II. 225.
Spondias mangifera, 94. II. 343.
 Sprengel, 63, 223, 248, 294, 349. II.
 36, 60, 79, 335.
 Stewart. II. 95.
Stigmarosa jangomas. II. 27.
 Streeter. II. 210, 224, 230.
Strombus. II. 132.
Strychnos colubrina. II. 191; *S. minor*, 192.
Styrax Benzoin, 115.
 succino, ambar amarello. II. 43.
 Succuir (Suchau, Sukchur). II. 277.
 sudras. II. 139, 147.
 Suez, 39.
 Suimo (serra do). II. 226.
 sultão de Babylonia, 285; — de Cambaya, 111.
 Sulu ou Suluk (Solor). II. 128.
 Sumatra, 17, 114, 156, 233, 251, 316.
 II. 29, 52, 62.
 Sumba. II. 289.
 Sunda, 153, 289, 292.
 sura, 236, 246.
 Surate, 268. II. 294.
 Susrúta, 272. II. 149, 159.
Sylvaticus (Mattheus), 259. II. 246,
 293, 396.
 syphilis. II. 107, 115, 259, 272, 397.
 Syria, 293, 341, 376. II. 294, 299, 325.
 systema Vaidak. II. 146; — Yunáni,
 146.
 Sz-chuen. II. 278.

T

Tabarija, 373, 374.
 tabaschir. II. 38, 302-308.
 Tali-fu (lago de). II. 42.
 Tamara (Francisco de), 233. II. 201.
 tamaras. II. 322, 325.
 tamargueira. II. 96.

tamarindo. II. 319-326.
Tamarindus indica. II. 325.
Tamarix, 64; *T. gallica*. II. 96.
 Tanjampur (estreito de). II. 211.
 Taprobana, 17, 233.
 Tapti, 135.
 taras, peso. II. 196.
 tarifas de Marselha, 375; — de Barcelona, 375.
 Tartaria, 77, 271. II. 97.
 Tartaros, 120, 271; — Uzbeks, 89.
 tartaruga. II. 124.
 Tavernier (João Baptista), 316. II.
 112, 127, 209, 236.
 Teixeira (Pedro), 57, 89, 91, 220. II.
 97, 158, 213, 228, 236, 361, 397.
 templo de Somnath. II. 290.
 Tenasserim. II. 61, 255, 285, 289.
 Tennent (Emerson), 230. II. 236.
 Tenreiro (Antonio), 111, 139. II.
 114, 126.
 Terencio, 191.
Terminalia Chebula. II. 157; *T. bellerica*, 158; *T. citrina*, 158.
 terra armenia. II. 212; — japonica,
 77; — de Lemnos, 212; — merita.
 I. 282; — sigillata, 241. II. 212.
Thalictrum foliosum, 284.
 thalisafar (talisfar), 352.
 Thamasp Scháh (Xatamaz), 124,
 138. II. 98.
Thapsia garganica, 92.
 Thebaida. II. 178.
 Themistio, 191.
 Theobald (W.). II. 40, 42.
 Theophrasto, 191, 248, 293, 339. II.
 110, 229, 252, 327.
 Thibet, 170, 282. II. 42, 114.
 thugs, 300.
 Thumbadra. II. 210.
 tigres, 116, 156.
 Tigris (rio). II. 93, 96, 97.
 tincal, tincar, 268, 277, 281.
 Tinnevelly. II. 125.

Tipura, 323.
 tolla, peso. II. 175.
 Tombo do Estado da India, 128, 135, 380.
 tones, barcos. II. 255.
 Tong-king. II. 42.
 topazio. II. 200, 202, 224.
 toques. II. 218.
 Toro. II. 48, 96.
 Toscano (Simão), II. 101, 109.
 transmigração. II. 105, 111.
 Transoxiana, 89. II. 95.
 Tratado de Tordesillas, 371.
 Travancore, 189, 226. II. 255, 289.
 Trebisonda, 39.
 Tremelle (pagode de). II. 235.
 triaga, 61, 63, 241, 265, 276. II. 404.
 trigo. II. 139.
 trindade hindu. II. 387.
 Tripoli, 39, 375. II. 140.
 tripolio. II. 345.
 Trogoldita. II. 7.
Turbinella pyrum. II. 131; *T. rapa*, 131.
 turbit. II. 327-339, 344-346.
 Turcomanos. II. 272.
 turcos, 32, 40.
 Turkestan, 88. II. 94, 279.
 turqueza. II. 220, 228.
 tutia. II. 301, 307, 359-361.
 Tutikorin. II. 125.
 Tyro, 229.

U

ud, 109, 115.
 Udipúra, 268. II. 178.
 unicornio, 265. II. 75, 233.
 unio. II. 125.
 uperção. II. 193.
 uplot, 267, 268.
 Ur, 230. II. 297.
 Uruk (rei), 230.
 Uzbek Khan. II. 97.
 Uzbeque, 77, 88. II. 92, 94, 97.

V

Vaidak Hindu. II. 149.
 Valle (Pietro della). II. 98, 112.
 valores monetarios, 376-378.
 Varthema (Luiz), 106, 111. II. 27, 403.
Vateria indica. II. 355.
 Vaz (Miguel). II. 124.
 Vedas. II. 188, 289.
 Vega (convento de S. Francisco da cidade da), 195, 199.
 Vega (Garcilaso de la), 226.
 Veiga (Thomaz Rodrigues da) 15. II. 234, 384.
 Veneza, 27, 178, 199, 271, 351.
 Venezaras, 119, 129.
 Verballi. II. 283.
 vermelhão, 169.
 versões arabicas, latinas e syriacas, 40, 42.
 Vesalio (André). II. 272
 Vicente de Burgos (Fr.). II. 66.
 Vicente Maria (Padre), 338. II. 111.
 Vidara, 126.
 vidyas ou vityas. II. 146-149.
 vihára. II. 346.
 Vincent (Dr.), 227, 351.
 Vindhya, 268. II. 178.
 violas, 62, 64.
 Visapor, 122.
 Vishnu, 54. II. 132.
Vitex, 291-293; *V. Negundo*. II. 165;
V. trifolia, 165.
Viverra. II. 188.
 Volga. II. 277.
 Vulgata, 338.

W

Wadding (Fr. Lucas), 352.
 Wallace, 301. II. 87.
 Wallich (Dr.), 126.
 Wan-ti (imperador), 270.

Waring (Dr.). II. 165.
 Wedel de Iena. II. 77.
 Wellstead, 38.
 Wight, 300.
 Wilson. II. 149, 309.
Wrightia antidysenterica. II. 19.
W. tinctoria, 20.

X

xadrez, 125, 139.
 Xael (Xaer), 335. II. 16, 48.
 xaráo (xarave, xarope), 246.
 Xarnauz (Sornau, Shahr-i-náo),
 114.
 Xeque, 124, 136.
 xerafim. II. 128.

Y

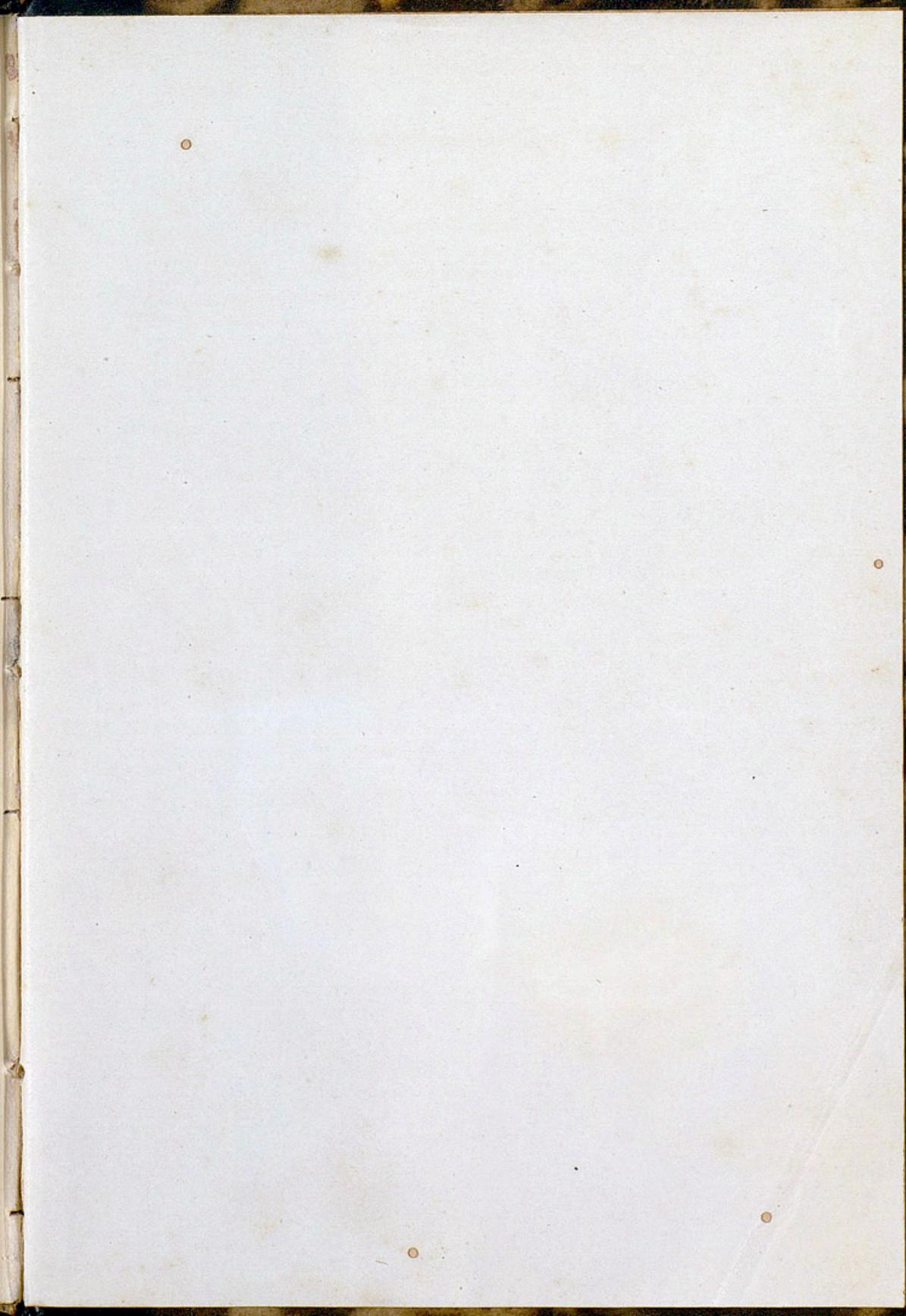
Yarkand, 99. II. 279.
 Yemen. II. 325.

yoga. II. 186.
 Yule (Henry), 111, 129, 165, 167,
 223, 275, 380. II. 26, 63, 78.
 Yun-nan. II. 42.
 Yusuf Adil Khán, 133, 137.

Z

Zaidam. II. 278.
 Zanzibar, 56, 383. II. 49, 112.
 zargatoa. II. 14.
 Zaytún, 166, 167.
 zedoaria. II. 363-369.
 Zegir, 215.
 Zendj, 56, 336.
 Zerumbet. II. 363-369.
Zingiber officinale. II. 9.
 zingis, 51, 56, 215.
Zizyphus jujuba, 126. II. 40; *Z. vul-*
garis. I. 126.
 Zuari (rio). II. 385.
 Zumaco, 213, 226.







UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Departamento de Botânica



1322508098